



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**NÍVEL MESTRADO**  
**LINHA: CULTURA E CIDADES**

**FACULDADE DE MEDICINA: CORPO, MODERNIDADE E SENSIBILIDADE**  
**EM CAMPINA GRANDE (1960 -1970)**

**ROMERINO DE SOUZA ANDRADE**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2012**

**ROMERINO DE SOUZA ANDRADE**

**FACULDADE DE MEDICINA: CORPO, MODERNIDADE E SENSIBILIDADE  
EM CAMPINA GRANDE (1960-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História, na área de concentração História, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Keila Queiroz e Silva

**Campina Grande-PB**

**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A553f Andrade, Romerino de Souza.  
Faculdade de Medicina: corpo, modernidade e sensibilidade em Campina Grande (1960-1970) / Romerino de Souza Andrade. - Campina Grande, 2012.  
154f.: il., color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Keila Queiroz e Silva.

Referências.

1. Campina Grande - História. 2. Faculdade de Medicina. 3. Modernidade. 4. Corpo. I. Título.

CDU 94(813.3)(043)

**ROMERINO DE SOUZA ANDRADE**

**FACULDADE DE MEDICINA: CORPO, MODERNIDADE E SENSIBILIDADE  
EM CAMPINA GRANDE (1960-1970)**

Avaliado: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Keila Queiroz e Silva – (UFCG/CH/PPGH)

Orientadora

---

Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano– (UEPB/CEDUC)

Examinador Externo

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira –(UFCG/CH/PPGH)

Examinador Interno

Dedico aos meus queridos pais, Albertina de Souza Andrade e João Vitorino de Andrade Filho, pelo amor e por acreditarem em mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desta caminhada, tenho muito a agradecer a alguns indivíduos que foram de extrema importância para a realização deste trabalho, seja através de conselhos, de sugestões, de abraços, seja indicando ou emprestando livros.

Primeiramente a Deus, por me dar força e coragem para seguir em frente, driblando qualquer obstáculo que pudesse aparecer neste percurso.

Agradeço aos meus pais, por toda educação e amor que sempre tiveram comigo; Minha querida mamãe Albertina, mais uma vez passamos tantas noites em claro, enquanto eu digitava a pesquisa, a senhora como sempre atenciosa e protetora para com seus quatro filhos, dos quais eu sou o caçula. Além de mãe, ela é minha médica, psicóloga, educadora. Aquela que quando acordo está do meu lado com um sorriso no rosto e que me dar um abraço sincero e aconchegante. Agradeço a senhora por me levar para a escola, por me contar tantas histórias, tanto vividas como lendárias. Quero te agradecer pela força, pelo abraço sincero que sempre me fez sentir seguro nos momentos estressantes.

Ao meu pai João pelo entusiasmo e incentivo, pela paciência de ficar me esperando a altas horas enquanto estava em Campina Grande, fazendo entrevistas e pesquisas, mas sempre acreditando que eu conseguiria chegar em algum lugar. Nesta minha longa caminhada tenho muito a agradecer a essas duas pessoas tão especiais na minha vida.

Aos meus três irmãos Joel, Josivane e Ana, mais três sonhadores, estes três foram exemplos de vida, de perseverança e de pessoas que sonham e tentam tornar esses sonhos em realidade. Ana, você sempre me dando conselhos e que eu buscasse realizar meus sonhos, como você vem realizando os seus. Josivane, minha irmã aventureira que sonha e corre atrás do que quer. Joel, meu irmão mais velho, um exemplo de caráter e de otimismo na nossa família.

Agradeço ainda, à minha cunhada Juciene pelas indicações de textos e sugestões.

Aos meus queridos afilhados e sobrinhos Edson Junior, carinhosamente chamado de Juninho, e João Vitor pelo carinho e amor que sempre tiveram comigo. Quantas brincadeiras e risos vividos com estes pequeninos!

Agradeço à Paula, minha irmã de consideração, aos primos Marco Aurélio, Gabriel, Paulinho, Jacqueline, Ricardo, Juliana, Lúcia, Edlene, Tamiris, Jessika, Jefferson, enfim a todos os primos que vibraram a cada conquista alcançada por mim. Às primas Ney e Ane por me receberem nas suas casas quando necessitava ficar em Campina Grande para realizar as pesquisas. Aos tios e tias, primos e primas, os dos Souza e Andrade.

À Fátima, funcionária do Museu Histórico de Campina Grande, à qual estive à minha disposição, quando necessitei de sua ajuda. À Neide, que possibilitou meu contato com o médico Dr. Fernando Queiroga.

Aos funcionários Arnaldo e Felipe, pelas informações que eu tanto buscava na Secretaria do Mestrado, e eles sempre me atenderam com muita paciência.

Agradeço, ainda, aos narradores que aqui ajudaram a realizar este trabalho com suas experiências de vida, sem as quais esta pesquisa não teria caminhado da maneira que caminhou. São eles: José da Guia Carneiro, Rosicléa Maria Vital Arruda, Maria José Moreira de Assis, Mary Elisabeth da Silveira Paz Braga, Severino Jorge de Paula, Maria Lúcia da Silva, Fernando Antonio Queiroga de Oliveira. Além do médico oftalmologista Geordano Bruno Silva Siqueira.

Aos funcionários da Faculdade de Medicina de Campina Grande, que me acolheram, cedendo documentos e fotografias da instituição. Além de me mostrarem as novas instalações da Faculdade. Meu muito Obrigado!

Aos colegas da turma 2010 do Mestrado em História da UFCG;

À professora Keila pelas orientações e sugestões, e pelos risos que passamos juntos nesta caminhada. Lembro até quando fiquei doente e ela me enviou um email, dizendo que mesmo doente, me imaginava sorrindo.

Ao professor Iranilson, pelas sugestões e disponibilidade de participar da minha banca examinadora. Quero agradecer pela oportunidade de ter sido pesquisador de iniciação científica deste professor durante a minha Graduação, o que possibilitou meu primeiro passo como pesquisador na área da História da Medicina.

À professora Socorro Cipriano, à qual me indicou sugestões valiosas durante a qualificação de Mestrado e, apesar de não a ter conhecido antes da qualificação, me recebeu muito educadamente. E desse jeito educado, mostrou o quanto além de grande profissional é uma excelente pessoa.

Ao professor Luciano Mendonça pela atenção que sempre teve comigo e pelos livros que me emprestou.

Ao professor Antonio Clarindo, o qual tive a oportunidade de cursar seis disciplinas na Graduação e uma no Mestrado. Agradeço a você professor pelo aprendizado que pude acrescentar assistindo às suas aulas.

Agradeço ainda, aos professores Gervácio, Cabral, Marinalva, Liége, Regina Coele, Juciene, Benjamin, enfim a todos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG;

Aos professores do curso de Comunicação Social, Robéria, Adriana, Cléa e ao professor Arão, que possibilitou a transferência de sua disciplina para o período noturno, para que eu continuasse tanto cursando o Mestrado, como também o curso de Jornalismo.

Enfim, agradeço a todos aqueles que me auxiliaram direto ou indiretamente para a realização desta pesquisa.



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a Faculdade de Medicina enquanto um espaço produtor de um novo saber e práticas médicas na cidade de Campina Grande nas décadas de 60 e 70 do século XX. Esta instituição foi criada durante o governo militar cuja lógica desenvolvimentista era pautada pelo apoio a setores da educação e da tecnologia, mas representou, também, um anseio da elite local que via a instituição como um grande avanço para a área médica na cidade no ano em que se comemorava o seu centenário. Tendo inicialmente funcionado como uma entidade particular, esta instituição foi a primeira Escola Médica do interior do Nordeste. Neste sentido, o nosso estudo se debruçou sobre as práticas cotidianas realizadas pelos alunos e pelos professores, pelas mudanças de sensibilidade e de concepção do corpo através das técnicas laboratoriais, das aulas teóricas e práticas desenvolvidas no âmbito daquela instituição no referido período (1960/1970). Por este ângulo, convém destacar a relevância que passou a ter a Faculdade ao atender a uma demanda estudantil oriunda das elites ou das camadas populares através de uma bolsa de estudo patrocinada pelo governo. Quanto à comunidade campinense, prestava-se alguns serviços gratuitos, como vacinações, atendimentos às mulheres gestantes, cirurgias, consultas em diversas especialidades da área médica através do Hospital da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba) pelos médicos e alunos da Faculdade de Medicina. Quanto às fontes exploradas na confecção deste trabalho, recorreremos à análise de relatos orais de memórias de sujeitos que vivenciaram este momento histórico, artigos de jornais, relatórios médicos e fotografias em consonância com as representações que se construíram sobre a instituição.

Palavras-Chave: Faculdade de Medicina; Campina Grande; Modernidade; Corpo;

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the medical school as a space producing new knowledge and medical practices in the city of Campina Grande in the 60s and 70s of the twentieth century. This institution was created during the military government whose logic was based on developmental support to the sectors of education and technology, but also represented a yearning of the local elite who saw the institution as a major breakthrough for the medical area in the city in the year is celebrating its centenary. Having initially worked as a private school, that institution was the first medical school in the Brazilian Northeast. In this sense, our study has focused on the everyday practices undertaken by students and professors, by changes in sensitivity and design of the body through laboratory techniques, the theoretical and practical lessons developed within that institution in that period (1960/1970 .) From this perspective, we would emphasize the importance it now has the Faculty to meet student demand coming from the elite or derived from the popular classes through a scholarship sponsored by the government. To the Campinense community the Faculty of Medicine gave himself some free services such as vaccinations, care in pregnancy, surgery, consultations in various medical specialties through the FAP Hospital (Assistance Foundation of Paraíba) by its doctors and its students. As to the sources exploited in making this work, we turn to the analysis of verbal reports of memories of subjects who experienced this historic moment, newspaper articles, medical reports and photographs in line with the representations that were built on the institution.

Keywords: School of Medicine, Campina Grande, Modernity, Body;

## LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Prédio administrativo da Faculdade de Medicina de Campina Grande.....	38
Figura 02: Hospital Alcides Carneiro.....	53
Figura 03: Hospital da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba).....	56
Figura 04: Crianças e mulheres esperando por atendimento no <i>Chez Mói</i> do Hospital da FAP.....	62
Figura 05: Pacientes à espera de atendimento no Hospital da FAP.....	64
Figura 06: Cirurgia realizada no Hospital da FAP.....	77
Figura 07: Criança hospitalizada no Hospital da FAP.....	79
Figura 08: Alunos estudando em uma das salas de aula da Faculdade de Medicina de Campina Grande.....	86
Figura 09: Alunos do curso de Medicina na sala de Microscopia, estudando com o auxílio de microscópios.....	89
Figura 10: Cirurgia realizada no Hospital da FAP.....	93
Figura 11: Alunos observando os microscópios no laboratório de Histologia da Faculdade de Medicina de Campina Grande.....	103
Figura 12: Camundongos em biotérios para servirem de estudo nos laboratórios da Faculdade de Medicina de Campina Grande.....	104
Figura 13: Laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina de Campina Grande.....	109

Figura 14: Enfermeiras do Hospital da FAP observando os  
pacientes.....120

Figura 15: Aplicação de vacina em uma criança no Hospital da  
FAP.....134

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. UM NOVO SABER MÉDICO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA CIENTÍFICA EM CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>24</b>
2.1. Faculdade de Medicina: Modernidade em Campina Grande nas décadas de 1960 e 1970.....	30
2.2. Medicina Científica ou Medicina Popular: Em quais saberes acreditar?...	45
2.3. Os hospitais: Espaços de práticas médicas.....	51
2.4. O caso do Dr. Cornelius Ruijter:Um hospital para uma cidade miserável?.....	57
2.5. Bem vindo ao Chez Mói: Atendimentos aos populares.....	60
<b>3. FORMANDO NOVOS ESCULÁPIOS: O ENSINO DA MEDICINA EM CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>67</b>
3.1. Faculdade de Medicina: espaço de poucos populares e muitos ricos.....	67
3.2. Cada doente é um “flash”: Entra em Cena José da Guia Carneiro.....	72
3.3. O Desejo de ser médico: o cotidiano de um aluno popular que consegue se formar em Medicina.....	80
<b>4. ANALISANDO O CORPO HUMANO EM LABORATÓRIOS: A TECNOLOGIA EM AUXÍLIO DA MEDICINA.....</b>	<b>97</b>
4.1. O corpo estudado em laboratórios.....	99
4.2. O corpo diagnosticado: experiências de pacientes no Hospital da FAP.....	112

4.2.1. O caso Ricardo: uma doença desconhecida.....	114
4.2.2. O medo do corpo doente.....	123
4.3. O parasita se instala e causa a “barriga d’água”: O caso de Rosicléa.....	126
4.4. É preciso imunizar o corpo infantil: Campanhas de vacinação em prol da saúde da criança.....	131
4.4.1. Injetando a agulha no braço: vacina contra varíola.....	134
4.4.2. “Uma gota, duas doses”: Crianças livres da paralisia infantil.....	138
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>144</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>148</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>15</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir do contato que tivemos com fontes de jornais quando da experiência de bolsista de iniciação científica<sup>1</sup>, no entanto além dos jornais da época os quais pesquisávamos, buscamos outras fontes, pois tínhamos a intenção de trabalhar uma época mais recente, como as décadas de 60 e 70, às quais são pouco visitadas na historiografia paraibana. Como já havíamos estudado sobre os discursos médico-higienistas na cidade de Campina Grande, em uma época em que não havia Faculdade de Medicina no Estado da Paraíba. No entanto, alguns trabalhos de historiadores já vinham sendo publicados sobre as primeiras décadas do século XX.

Contudo, continuavam escassas pesquisas relacionadas à segunda metade deste século, e, então logo, nos inquietou a estudar a época em que já havia instalado a Faculdade de Medicina da “Rainha da Borborema” nas décadas de 60 e 70, época em que a cidade de Campina Grande passava por outro contexto histórico, de instalações de muitas instituições culturais, como as Universidades. Logo, pensamos em trabalhar estas décadas, uma delas, a de 60, considerada os “Anos rebeldes”, uma vez que foi o período das revoluções nos costumes, e que novos questionamentos foram colocados numa sociedade em plena transformação, tanto no comportamento do indivíduo, como na maneira de se relacionar em sociedade, em que os sujeitos questionavam a sociedade em que viviam.

Não podemos negar que estas duas décadas foram de grandes perturbações e perseguições, entretanto foi também o momento de proliferação de Faculdades, tendo em vista que eram entidades em que a pesquisa e o ensino poderiam ajudar no desenvolvimento econômico e social do país. Sem contar o número de Faculdades de Medicina que, com suas pesquisas tentariam estudar em laboratórios os agentes causadores das enfermidades e auxiliar na produção de vacinas para o combate dos mesmos.

---

<sup>1</sup> Este projeto intitulado “Cirugiando o Corpo da Rainha: os discursos médico-higienistas e a escola primária em Campina Grande (1920-1945)” foi realizado no ano de 2007, sob a orientação do professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira, patrocinado pelo CNPq.

Dito isso, esta pesquisa foi arquitetada com o objetivo de analisar a Faculdade de Medicina enquanto um espaço produtor de um novo saber e práticas médicas em Campina Grande nas décadas de 60 e 70 do século XX, tentando responder algumas indagações, tais como: Qual a emergência de uma Faculdade de Medicina em Campina Grande na década de 60? O que modificou no cotidiano com a instalação da Faculdade de Medicina? Quem teve acesso a esse ensino? Que serviços foram prestados pelos médicos e estagiários desta instituição? Que Hospital serviu para os estágios destes alunos? Que outros conhecimentos se mesclavam com o conhecimento científico? De onde vieram os professores e cadáveres? Como eram os laboratórios? O que tornou possível a Faculdade de Medicina? Indagações que tentaremos responder ao longo deste estudo.

Dessa forma, este estudo, desenvolvido na linha de pesquisa “Cultura e Cidades”, enfatiza as novas práticas médicas advindas com a instalação da Faculdade de Medicina na cidade de Campina Grande, ocasionando mudanças no cotidiano deste espaço urbano.

Vale ressaltar que a Historiografia paraibana que trate sobre a História da Medicina é muito escassa, apresentando alguns historiadores que têm pesquisado sobre a temática, no entanto referentes aos anos iniciais da República ou ao final do século XIX, tais como Alarcon Agra do Ó, Giscard Farias Agra e Iranilson Buriti de Oliveira. Entretanto, não há trabalhos que enfatizem sobre esta temática nas décadas de 60 e 70 em Campina Grande, o que torna pertinente tentarmos preencher esta lacuna da História da Paraíba e mais especificamente da História de Campina Grande.

Dessa forma, convidamos caro leitor, a adentrar na cidade de Campina Grande neste período, época em que nas ruas da cidade era freqüente encontrar homens com cabelos compridos e costeletas longas, que usavam calças boca de sino e mulheres com lenços na cabeça.

Nestes anos as autoridades já se preocupavam com o uso da maconha por indivíduos que residiam na “Rainha da Borborema”. No contexto nacional, o Brasil passava por mudanças nos costumes, revolução da pílula anticoncepcional, os sujeitos reivindicavam por dias melhores. Mas, também, foram anos de instalações de escolas e Faculdades, pois o Regime Militar que governava o Brasil desejava mostrar uma imagem de que no país tudo corria



bem, contudo a elite brasileira que era a classe dominante era quem se beneficiava com esse regime, enquanto a população mais pobre da sociedade vivia na miséria, muitas vezes sem ter o que comer. E, há de quem recorresse contra esse regime político, pois eram perseguidos, torturados, exilados e mortos. Foi o que ocorreu com alguns cantores, jornalistas, escritores que questionavam a violência e a censura do governo militar, como os cantores Caetano Veloso e Gilberto Gil, que participaram do movimento tropicalista<sup>2</sup>.

Em Campina Grande, também se desenvolvia o setor cultural, além de escolas e faculdades, instalava nesta cartografia urbana o Teatro Municipal Severino Cabral (1963), a TV Borborema (1963), o Aeroporto Ariano Suassuna (1963), além de desfiles de carnaval que animava a festa do centenário da cidade. No entanto, na década de 60 em Campina Grande não era só de festa e desenvolvimento que vivia a população, pois eram freqüentes casos de doenças, tais como sarampo, varíola, meningite, paralisia infantil, hepatite, febre tifóide, enfermidades que amedrontavam a população, entretanto, aumentaram neste período também, campanhas de vacinação para erradicar essas patologias como veremos neste trabalho.

Considerando que para exercer seu ofício, o historiador seleciona e organiza suas fontes construindo um novo texto, a partir de suas interpretações sobre o ocorrido através da análise de documentos, pensemos metodologicamente como Michel de Certeau (1992), o qual menciona que em história:

Tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto<sup>3</sup>.

Pensando dessa forma, essa pesquisa foi arquitetada a partir da escolha de algumas formas de representação da cidade de Campina Grande, tais como

---

<sup>2</sup> O tropicalismo foi um movimento cultural que se contrapôs ao Regime Militar na década de 60, usando músicas para criticar as perseguições e a censura deste regime político.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. “Operação historiográfica”. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982, p.81.

matérias do jornal “Diário da Borborema, relatórios de médicos e fotografias. Além destas fontes, recorreremos aos relatos orais de memória dos narradores que vivenciaram esse momento de suma importância para o conhecimento da História da Medicina da cidade.

Nesse sentido, a fonte oral como forma de conhecimento de determinada época e sociedade, é realizada através da narração de pessoas que testemunharam determinado acontecimento e, dessa maneira expõem as suas interpretações, como nos informou Eclea Bosi (1994) à qual trabalha com a perspectiva de que “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”<sup>4</sup>. E, é através dessas experiências de vida que os narradores nos contaram sobre o momento em que se instalava a Faculdade de Medicina de Campina Grande e como esta instituição de ensino superior auxiliou no combate à mortalidade na cidade, prestando serviços à população, como veremos neste trabalho.

Dessa forma, trabalhar com a história oral através dos depoimentos de pessoas que testemunharam o fato, nos faz refletir e depois interpretar as versões narradas pelos testemunhos, tendo em vista que muitas palavras são ditas, mas também outras podem ser silenciadas. Porém, cabe ao historiador interpretar e expor a sua versão sobre a fala do outro.

Conforme Alessandro Portelli(1997), como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. Neste sentido, as pessoas que vivenciaram a época passam a compartilhar suas versões sobre o fato e, nós, como historiadores daremos as nossas interpretações. Para Portelli:

A História Oral verdadeiramente nos permite acesso a uma quantidade de fatos passíveis de verificação. Aos poucos, entretanto, também estamos questionando o próprio significado da objetividade e da verdade, e transformando a pretensa interferência de um corpo estranho na identidade de nosso trabalho. A História Oral trata da subjetividade, memória, discurso, diálogo. Por um lado, esse

---

<sup>4</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.85.

desenvolvimento nos compromete com o reconhecimento do pluralismo, das múltiplas abordagens à verdade. (...) <sup>5</sup>.

Os narradores que expuseram suas versões sobre a Faculdade de Medicina puderam contar a história desta instituição por outros ângulos e, não apenas pela ótica abordada nos jornais do período pela elite local.

Dessa maneira, a história oral possibilita ao historiador múltiplas leituras, partindo da versão do narrador, em que a sua fala é interpretada e analisada pelo historiador e depois a nossa interpretação da versão do entrevistado também é analisada. <sup>6</sup> Com isso, a história oral contrapõe com o método utilizado pela história tradicional que via no documento escrito a verdade dos fatos. Contudo, com as propostas abordadas com a Escola dos Annales<sup>7</sup>, esta visão de documento foi questionada e, então outros vestígios foram incorporados ao estudo do campo historiográfico, tais como imagens, relatos orais, músicas, enfim todo e qualquer vestígios que auxiliem o historiador.

Segundo Varena Alberti (2005) a história oral, como qualquer outra fonte histórica, deve ser observada como um “documento-monumento”, como foi enfatizado pelo historiador francês Jacques Le Goff, em que este questiona a imparcialidade e a neutralidade que os historiadores positivistas compreendiam o “documento” <sup>8</sup>. Pensemos, assim, o documento à maneira de Jacques Le Goff (1994) que entende como qualquer vestígio que ajude o historiador, ou seja, entenderemos o documento “no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido de som, a imagem, ou de qualquer outra natureza<sup>9</sup>, sendo que pretendemos “desmontar” e questionar os documentos, analisando os discursos sejam eles escritos, orais e iconográficos. Dessa forma, selecionamos documentos que se referem à Faculdade de Medicina de Campina Grande, observando estas fontes como algo produzido pelo homem e composto de intencionalidades.

---

<sup>5</sup> PORTELLI, Alessandro: Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**. São Paulo, 1997, p.26.

<sup>6</sup> Idem, p.29.

<sup>7</sup> Sobre a Escola dos Annales e os questionamentos em relação do historiador com as fontes recomenda-se: BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: A escola dos Annales(1929-1989)**. [trad. Nilo Odália]. São Paulo: UNESP, 1991.

<sup>8</sup> ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PISKY, Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p.183.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

De acordo com Walter Benjamin (1994) “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais”<sup>10</sup> narradas por pessoas que vivenciaram essas experiências.

Dessa maneira, foram entrevistados 7 pessoas, dentre elas funcionários, ex-aluno e professor da instituição em análise, além de sujeitos que foram usuários dos serviços prestados pela Faculdade de Medicina durante o período aqui analisado. Nesse sentido, cada sujeito narrou sua versão sobre suas experiências de vida, e nós analisamos e interpretamos as versões dos narradores.

Enquanto Ecléa Bosi entrevistou pessoas semelhantes na idade para compor a sua História sobre a cidade de São Paulo, nós para construirmos a história da Faculdade de Medicina da cidade de Campina Grande entrevistamos tantos sujeitos que estiveram envolvidos na instalação, como também pessoas comuns que visitaram e foram atendidas pelos médicos e estagiários da instituição nas décadas de 60 e 70 do século XX.

Acreditamos que o historiador que trabalha com esse tipo de fonte, torna-se ao mesmo tempo sujeito, porque faz as perguntas para o entrevistado, como também objeto na medida em que escuta e registra as lembranças narradas pelos depoentes. Conforme Ecléa Bosi:

(...) Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças<sup>11</sup>.

Ecléa Bosi enfatiza que as lembranças dos tempos de outrora vivenciados pelos sujeitos fazem com que através do ato de narrar, eles lembrem de alguns espaços vividos, maneiras de viver, de sentir e de pensar de uma sociedade<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª. edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.198.

<sup>11</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.38.

<sup>12</sup> Idem, p.75.

Analisando as fontes iconográficas à maneira de Luciene Lehmkuhl(2010) procuramos “sondar novos olhares e, com isso penetrarmos em outros universos ainda não explorados”<sup>13</sup>. Dessa maneira, tivemos acesso ao arquivo do funcionário José da Guia Carneiro, o qual era quem produzia essas fotografias. Das 222 fotografias que tivemos acesso, escolhemos 15 para analisar nesta pesquisa, dentre elas 14 coloridas e apenas uma em preto e branco. As fotografias registradas expressam significados para a época em que ela foi produzida, sempre regida de intencionalidade, por parte de quem a produziu. Dessa forma, seguindo as três etapas de análise de imagens propostas por Luciene Lehmkuhl(2010), analisamos as imagens que apresentavam como temas mais recorrentes tais, como os laboratórios, as salas de aula, o Hospital da FAP(Fundação Assistencial da Paraíba), atendimento aos pacientes e sobre os espaços que compunham a Faculdade de Medicina de Campina Grande durante as décadas analisadas. Neste sentido, utilizamos a proposta de Lehmkuhl sobre como analisar as imagens, partindo de três etapas fundamentais: descrição, contexto e interpretação da fotografia<sup>14</sup>.

Na fase da descrição, apresentamos os itens que compõem as imagens, observando com atenção os mínimos detalhes, a cor e as informações do documento, além dos temas que foram mais registrados. Na etapa seguinte, analisamos o contexto em que as tais fotografias foram produzidas, observando quem realizou a imagem e a relação existente com a sua história pessoal, no caso o fotógrafo foi José da Guia Carneiro, que era responsável pela produção de fotografias para os professores ministrarem as aulas. E por fim, a terceira e última etapa, que se refere à interpretação das imagens, onde o historiador deve dar significados sobre o que essas fotografias representaram na época em que foram produzidas, qual era a intenção de registrar tais temas.

Dito isso, nossa pesquisa tem como cenário a cidade de Campina Grande, como recorte temporal as décadas de 60 e 70 do século XX, apresentando como protagonistas da história o ex-aluno Fernando Antonio Queiroga de

---

<sup>13</sup> LEHMKUHL, Luciene. “Fazer história com imagens”. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues. LEHMKUHL, Luciene(orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: mercado de letras, 2010, p.55.

<sup>14</sup>LEHMKUHL, Luciene. “Fazer história com imagens”. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues. LEHMKUHL, Luciene(orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: mercado de letras, 2010, p.60.

Oliveira, a professora aposentada Maria José Moreira de Assis, os funcionários José da Guia Carneiro, Severino Jorge de Paula e Maria Lúcia da Silva. Além desses narradores, entrevistamos pessoas que foram usuárias dos serviços prestados pela Faculdade de Medicina no Hospital da FAP, durante o período em estudo, tais como Mary Elisabeth da Silveira Paz Braga e Rosicléa Maria Vital de Arruda.

Neste sentido, esta narrativa será contada a partir de indícios que abordaram a instalação desta Escola Médica, em que rastreamos os mínimos vestígios que pudessem nos auxiliar neste estudo.

Com isso, nos apropriamos da perspectiva do historiador italiano Carlo Ginzburg, o qual enfatiza que o trabalho do historiador se assemelha ao de um detetive, tendo em vista que ambos procuram obter informações a partir de indícios e rastros deixados pelo homem<sup>15</sup>. Tentamos, dessa forma, obter informações sobre qualquer indício deixado sobre a Faculdade de Medicina, seja através dos documentos escritos como também fotografias e depoimentos de pessoas que vivenciaram a instalação da mesma em Campina Grande.

Pensemos, dessa forma, Campina Grande representada em suas diversas maneiras: escrita, falada e fotografada. Com isso, refletimos sobre essas representações desta cartografia, a partir da abordagem da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007), em que esta intelectual acredita que a cidade:

implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar (...) fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade, presentes naqueles que a habitavam. (...) <sup>16</sup>.

Trataremos não apenas de cenários, mas também de cenas vivenciadas pelos testemunhos que presenciaram e participaram do cotidiano seja na Faculdade de Medicina, seja no Hospital da FAP (Fundação Assistencial da

---

<sup>15</sup> GINZBURG, Carlo. "Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário". In: **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**. v.27, n.53, Jan-Jun-2007, p.11.

Paraíba). Para isso, interpretaremos as versões apresentadas por alunos, professores, funcionários e pacientes do período em análise.

Para compor esta narrativa, recorreremos a Michel de Certeau (1996)<sup>17</sup>, para pensarmos a Faculdade de Medicina enquanto um lugar de práticas, estas realizadas, neste espaço, através das dinâmicas de movimentos entre os alunos e professores, os quais assistiam aulas, faziam experiências nos laboratórios e percorriam para o Hospital da FAP para fazerem cirurgias, vivenciando o cotidiano naquela instituição médica.

Dialogamos, ainda, com Roger Chartier (1990), a partir de sua abordagem sobre o conceito de representação, uma vez que tanto o jornal e como os relatórios médicos são textos que representam a sociedade em dado espaço e período de tempo. Para tal, tentamos fazer uma releitura dos jornais no que se refere à Faculdade de Medicina de Campina Grande nas décadas de 1960 e 1970. Dessa forma, buscamos dar significados, pois qualquer texto é regido de subjetividades e entendido em sua pluralidade por parte de quem lê, no entanto, construímos as nossas leituras a partir do que trazem os discursos jornalísticos sobre esta instituição que representaria um marco histórico no desenvolvimento da cidade, enfocando estas fontes como algo que representa o real e não considerá-las como a verdade absoluta, trabalhando, dessa forma, com as diversas possibilidades de leituras<sup>18</sup>.

Discutiremos o conceito de modernidade enfatizado por alguns intelectuais que trabalharam sobre esse conceito, tais como Walter Benjamin (1989), Marshall Berman(1986). No entanto, para pensar a modernidade na cidade de Campina Grande durante a década de 60 tivemos como leituras Antonio Clarindo (2002) e Marisa Braga de Sá (2000) e sobre esta década e a dos anos 70 Keila Quieroz e Silva (1999).

Michel Foucault (2004) para pensarmos as mutações do olhar sobre o corpo, o qual aberto pelo médico formado nesta instituição, que abriria o corpo de cadáveres para o estudo e dos pacientes para tratar das enfermidades, e, com isso, o futuro médico estaria adquirido um saber para expor seu poder sobre o corpo do outro.

---

<sup>17</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – artes de fazer**. 2ª. Edição, Petropolis: Vozes, 1996.

<sup>18</sup> Sobre representação recomenda-se: CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1990.

Dito isso, observamos as estratégias utilizadas pela elite de Campina Grande em expor, nos jornais locais, as conquistas que esta cartografia vinha adquirindo, uma vez que instalava nesta urbe um espaço produtor e divulgador de um novo saber e práticas médicas na década de 60, advindo com o ideal de modernização e de progresso deste centro urbano, na medida em que com a criação de uma Faculdade de Medicina, esta urbe exibiria ainda mais o seu desenvolvimento, visto que uma Escola médica na cidade representaria o progresso no âmbito científico, educacional, tecnológico e cultural e, dessa maneira Campina Grande tornaria um pólo de referência no cenário regional<sup>19</sup>.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado **“Um novo saber médico: a institucionalização da Medicina Científica em Campina Grande”** explicitaremos a Faculdade de Medicina como uma instituição que, possivelmente, teria legitimado a medicina científica na cidade, porém ainda poderia ser notado o uso de algumas ervas medicinais, mas que não havia incentivo por parte de alguns médicos, que observavam essa prática como exercício ilegal da Medicina. Além disso, enfocaremos que no espaço onde foi construída a Faculdade, nas décadas analisadas, o moderno se contrapunha com o rural, pois ainda no período histórico analisado a cidade apresentava alguns aspectos rurais que se misturavam no espaço urbano. Veremos ainda os serviços prestados à população através do *Chez Mói*<sup>20</sup> no Hospital da FAP, que serviu as pessoas comuns através de atendimento gratuito.

No segundo capítulo **“Formando novos esculápios: o ensino da Medicina em Campina Grande”** apresentaremos a Faculdade a partir das experiências vivenciadas por alguns sujeitos que viveram naquele momento histórico e as práticas cotidianas realizadas pelos mesmos, tais como aulas, experimentos nos laboratórios e cirurgias através do Hospital-Escola da FAP, na época. Narraremos, a partir do cotidiano de alguns sujeitos que foram protagonistas nas aulas práticas e teóricas da instituição, a partir de um aluno popular que conseguiu se formar em Medicina e de um funcionário que auxiliava na realização das aulas, fotografando doentes no Hospital da FAP.

---

<sup>19</sup> “Faculdade de Medicina de Campina Grande”. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 18 de Set. de 1964.

<sup>20</sup> Expressão francesa que significa “minha casa”. Trataremos mais aprofundado sobre o *Chez Mói* no primeiro capítulo desta pesquisa.



No terceiro capítulo “**Analisando o corpo humano em laboratórios: A tecnologia em auxílio da Medicina**” narraremos sobre o estudo do corpo humano a partir das técnicas realizadas em laboratórios, onde o corpo do sujeito pôde ser estudado desde pequenas partículas, com o auxílio do microscópio, como também as partes maiores através do Laboratório de Anatomia. Nesse sentido, tentaremos abordar o corpo humano como objeto de estudo da ciência médica, seja ele presente nos Laboratórios de Anatomia, através do corpo do cadáver, seja o corpo vacinado contra a varíola e a paralisia infantil, como também o corpo doente internado no Hospital da FAP. Aqui, veremos ainda, sensibilidades de alguns sujeitos para com algumas doenças existentes nas épocas analisadas neste estudo.

Viajaremos no tempo, para conhecer a importância que esta Faculdade representou para a cidade de Campina Grande, retratando o potencial de uma cidade do interior do Nordeste que prosperava e que se destacava como centro de atração no âmbito educacional, tecnológico e no setor da saúde. Apertem os seus cintos que já iremos decolar rumo às décadas de 60 e 70 do século passado! Que essa viagem nos faça refletir sobre as mudanças ocorridas numa cidade interiorana como Campina Grande, e a repercussão que teve esse centro urbano com a implantação de uma Faculdade de Medicina.

## 2. UM NOVO SABER MÉDICO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA CIENTÍFICA EM CAMPINA GRANDE

(...) isso aqui era praticamente um desabitado, né. Esquisito mais feio do mundo. Um dos primeiros prédios ali foi a FAP. Aqui o primeiro prédio foi a Faculdade de Medicina. (...) Era tudo roçado, fazenda. Não existia nada disso, só existia a Faculdade de Medicina e granja né. Granja, roçado, fazenda. (...) área totalmente rural. Era totalmente rural, chão, estrada de barro<sup>21</sup>.

Com esse depoimento do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande, podemos perceber que o moderno, representado tanto pela Escola Médica como pelo Hospital da FAP, se misturava aos aspectos de ruralidade ainda presentes naquele espaço. Isso se torna evidente, na medida em que tantos os relatos orais, como as fotografias nos possibilitaram levantar esta hipótese. Além de José Carneiro, Mary Elisabeth nos contou que naquela área, durante as décadas de 60 e 70 era “praticamente deserto, só tinha quatro, cinco casas”<sup>22</sup>. Já Rosicléa comentou que naquela região “existia muito mato”<sup>23</sup>. De acordo com Antonio Clarindo, na cidade de Campina Grande, “como em todos os lugares que sofreram processos de modernização acelerados, o arcaico, o velho, o antigo insistia em se misturar”<sup>24</sup>.

E, não foi diferente no espaço onde se instalou a Faculdade de Medicina de Campina Grande, pois o moderno se mesclava com o antigo, como o próprio funcionário que vivenciou as transformações daquele espaço observou que aquela área ainda apresentava aspectos de ruralidade ao redor da Faculdade e do Hospital da FAP, que eram instituições consideradas modernas.

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por José da Guia Carneiro, funcionário do Núcleo de Apoio ao Ensino da Faculdade de Medicina de Campina Grande.

<sup>22</sup> Depoimento de Mary Elisabeth, funcionária da Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>23</sup> Depoimento de Rosicléa Maria Vital de Arruda, funcionária da Biblioteca de Pós-Graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>24</sup> SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2002, p.78.

Neste sentido, Campina Grande mesmo sendo narrada nos jornais como cidade que seguia os ditames da modernidade, apresentava em seu espaço urbano características de uma cidade ainda com aspectos rurais, pois ainda na década de 60, nesta cartografia, perambulavam animais pelas ruas que se misturavam aos automóveis. Conforme Antonio Clarindo circulava nos jornais locais a notícia de que os donos dos animais, que perambulavam soltos pelas ruas e na Praça da Bandeira, deveriam tomar providências, pois além de vacas havia burros que transitavam pelas ruas do centro da cidade<sup>25</sup>.

Dessa maneira, o caminhante que passeasse pelo centro da cidade, em plena década de 60, ainda encontraria animais andando nas ruas, ocorrendo um contraste entre o moderno e o antigo. Os automóveis e os ônibus que trafegavam nas “artérias” e “veias” urbanas dividiam os espaços com burros que durante o século XIX foram fundamentais para transportar as mercadorias de algodão. No entanto, na década de 60 a cidade destacava com a instalação de indústrias e já havia automóveis que conduziram essas mercadorias, ficando os animais as soltas nas ruas da cidade.

Conforme o depoimento de José da Guia Carneiro, quando foi instalada a Faculdade de Medicina em Campina Grande, esta “era uma cidade que apresentava uma população de 100 a 150 mil habitantes, já usufruía de transporte coletivo e aéreo, além de alguns prédios comerciais e poucos residenciais<sup>26</sup>.

Porém, a cidade que crescia continuava com alguns hábitos e costumes considerados antigos e tradicionais, os quais deveriam ser extintos para que esse centro não fosse visto como atrasado para os olhos dos visitantes que aqui chegassem. Porém, o crescimento da cidade se restringia aos bairros onde residia a elite, enquanto nos subúrbios era freqüente a pobreza e a falta de saneamento e de higiene, traços esses que simbolizavam o atraso<sup>27</sup>. Durante as décadas de 50 e 60, segundo o historiador Antonio Clarindo (2002), foi um período em que estava no auge o discurso nacional desenvolvimentista “que propunha transformações rápidas e constantes, sem possibilidade de se

---

<sup>25</sup> Idem, p.62.

<sup>26</sup> Depoimento de José da Guia Carneiro.

<sup>27</sup> SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2002, p.78.

transigir com os empecilhos ao progresso incessante”<sup>28</sup>. Entretanto, esse desenvolvimento beneficiava apenas os detentores do poder, e os que faziam parte da camada mais baixa da sociedade continuava vivendo em condições precárias, muitos passando fome e sem habitações, mas, a maioria dos jornais desta época deveria expor que o país progredia, e que tudo ia bem, pois caso contrário era censurado pela política que vigorava no período.

Neste sentido, notamos que este desenvolvimento que se dizia, naquela época, não atingia toda população, mas aqueles que viviam no poder, ou seja, a elite. No caso da Paraíba, não foi diferente, os jornais expunham o desenvolvimento da cidade, mas esqueceram de dizer para quem esta desenvolvia e quem ganhava com este desenvolvimento, pois as condições sociais da sociedade menos abastarda continuava do mesmo jeito.

Durante a década de 60 ocorria na cidade vários eventos para comemorar o centenário da mesma, tais como desfiles cívicos, festa de carnaval, que conforme Clarindo (2002) vinha sendo preparada desde o ano de 1961, “quando foi criada pelo prefeito Severino Cabral uma ‘comissão do centenário’(COMCENT)”. Esta teria a responsabilidade de organizar eventos e obras que pudessem “marcar para sempre a data magna da cidade”<sup>29</sup>.

E, nos jornais que enfatizaram sobre a instalação da Faculdade de Medicina também abordavam que esta instituição era também uma obra para se comemorar o centenário da cidade. Era vista como um presente, mas quem receberia este presente, os populares ou a elite da cidade?

As décadas de 60 e 70 é um novo momento da área da saúde e educação não apenas em Campina Grande, mas na maioria das cidades brasileiras, uma vez que as décadas, aqui analisadas, perpassam por outros diálogos, em que a modernidade pedagógica decorre das reformas no ensino, com novos currículos nos cursos das universidades brasileiras.

A Faculdade de Medicina tornou-se possível com o auxílio dos médicos que atuavam na cidade, os quais faziam parte da Sociedade Mantenedora da Faculdade<sup>30</sup> que viria a funcionar em Campina Grande, a partir de 1964, e

---

<sup>28</sup> Idem, p.85.

<sup>29</sup> Idem, p.201.

<sup>30</sup> A Sociedade Mantenedora da Faculdade de Medicina era uma entidade formada pelos médicos que instalaram a Escola Médica em Campina Grande. Dentre eles, vale destacar os

concomitantemente, seriam os primeiros professores da instituição. Além disso, com o apoio do governo estadual, que na época era administrado pelo governador João Agripino. Notamos que no meio da instalação da Faculdade incluía, além dos médicos que desejavam edificar a Escola Médica, havia também influência de políticos, como sempre ocorreu nas grandes obras em que os políticos acabam beneficiando a camada mais abastarda da sociedade, como foi durante o Regime Militar e, com governador do Estado na época não foi diferente.

Neste período histórico, os governantes paraibanos se preocupavam com uma boa imagem, principalmente das duas maiores cidades: João Pessoa e Campina Grande, uma vez que era freqüente encontrar nos jornais, nas fotografias das décadas de 60 e 70, e até mesmo nos relatos orais de memórias, a preocupação em exibir a imagem de um centro urbano em pleno desenvolvimento, no âmbito da educação de nível superior, como também o nível de tecnologia que esta urbe estava desenvolvendo neste período histórico. Não é à toa que a Faculdade de Medicina é implantada nesta época, visto que era necessário desenvolver a educação e a tecnologia para que o país progredisse, afirmando a educação escolar/universitária como um dos mitos fundadores do desejo de civilidade.

Dessa forma, juntou-se o útil ao agradável, pois os governantes desejavam instalar instituições que levassem o país ao desenvolvimento, e os médicos de Campina Grande desejavam legitimar a Medicina e permanecer na cidade. Tanto é que para a instalação desta escola médica na cidade esteve envolvido o próprio governador da Paraíba da época, João Agripino, o qual cedeu bolsas de estudos aos alunos da primeira turma, uma vez que a Faculdade era, inicialmente, particular. Esses primeiros alunos foram os excedentes do vestibular do ano de 1968 de João Pessoa, os quais viriam a estudar Medicina em Campina Grande em 1969, compondo a primeira turma da instituição. A partir deste fato, poderíamos desconfiar que, talvez, tenha sido estratégia política por parte dos políticos que estiveram envolvidos na Escola Médica de Campina Grande, beneficiando a elite médica da cidade.

Diante dos problemas relacionados à saúde, a mortalidade infantil era um dos pontos mais preocupantes, visto que no Brasil ainda era elevada na década de 60, principalmente no interior da região Nordeste, onde havia carência de profissionais da saúde. No entanto, houve um declínio da mortalidade infantil na década de 70, devido à intervenção de políticas públicas direcionadas ao campo da Medicina, tendo em vista que nesta época foram expandidos programas de saúde, direcionados ao tratamento do corpo infantil, tais como o pré-natal e campanhas de vacinação<sup>31</sup>.

Vale salientar, que mesmo já possuindo um corpo médico que atendia à população campinense, em alguns hospitais existentes, ainda era muito carente o número de médicos para atender uma população que crescia, e que, além disso, os médicos que residiam nesta cartografia haviam se formado em Faculdades de outros Estados, principalmente em Recife. Neste contexto, percebe-se que este centro urbano já detinha de hospitais e médicos em números reduzidos que trabalhavam em Campina Grande. Porém, cada vez mais aumentava o número da população e o número destes profissionais era insuficiente, pois além de atender a “Rainha da Borborema”, esses médicos atendiam pessoas oriundas das cidades circunvizinhas e do Sertão do Estado.

Em 1964, período em que foi criada a Faculdade de Medicina, a Paraíba era governada por Pedro Gondim, neste período sua administração foi marcada por movimentos no meio rural, a exemplo das Ligas Camponesas, em que os trabalhadores do campo reivindicavam melhores condições de vida. Após Pedro Gondim, o governo da Paraíba passou a ser administrado por João Agripino, o qual liderou a política paraibana, pós Golpe Militar. Este político, segundo Monique Cittadino(1999), “comungou dos mesmos princípios do governo federal, seria responsável, na Paraíba, por aprofundar e sistematizar o processo de modernização iniciado por Gondim”, incentivando o setor industrial para concretizar os ideais da política desenvolvimentista no estado, porém “as elites tradicionais continuaram no poder e foram beneficiadas”<sup>32</sup>.

Conforme Marisa Braga de Sá (2000), durante a década de 60 ocorreu um aumento considerável no número de habitantes, uma vez que “passou de

---

<sup>31</sup> Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil. In: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE**. Rio de Janeiro, 1999, p.21.

<sup>32</sup> CITTADINO, Monique. “A política paraibana e Estado Autoritário (1964-1986)”. In: **Estrutura de poder na Paraíba**. Vol.4. João Pessoa. EDUEPB, 1999, p.124.

33.800 habitantes, em 1940, para 116.200 habitantes, em 1960 crescendo aproximadamente na ordem de 245,0%, destacando-se no contexto paraibano como a cidade que mais crescia”, por causa das instalações de indústrias<sup>33</sup>.

Segundo esta geógrafa, “a partir da década de 1960, quando o processo industrial assumiu maior importância no desenvolvimento econômico do país”, concomitantemente ocorreram modificações na organização do espaço da cidade e, com isso “este processo exigiu a implantação de uma infra-estrutura representada pela modernização do sistema de transporte e comunicação, provocando mudanças na circulação de mercadorias e de pessoas, isto é, rompeu sua estrutura espacial”<sup>34</sup>.

De acordo com Keila Queiroz e Silva (1999), “o trono de ‘urbs’ cultural” que Campina Grande recebia na era da revolução dos costumes, ocorrida na década de 60, culminou em uma nova sensibilidade e novos comportamentos para os indivíduos<sup>35</sup>. Sem contar, o uso da pílula anticoncepcional, que significou uma revolução sexual, pois a mulher passava a questionar sua autonomia sobre os seus atos sexuais, não se restringindo apenas como reprodutora, mas também como indivíduo que poderia escolher se desejava ou não a maternidade. Além disso, ocorreu nestas décadas o movimento feminista no Brasil, o qual teve uma maior repercussão em fins dos anos 70, onde, segundo Queiroz e Silva, “os grupos feministas conquistaram a sua autonomia, sem vinculação com qualquer partido político”<sup>36</sup>.

Já a década de 70, conforme enfatiza Sá (2000), “acentuou-se o processo de industrialização em benefício das capitais”, que teve resultado a queda do crescimento da cidade nas décadas posteriores, 80 e 90, enquanto a capital paraibana, João Pessoa, teve um crescimento industrial considerável.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> SÁ, Marisa Braga de. A paisagem recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande – Secretaria da Educação, 2000, p.182-183.

<sup>34</sup> Idem, p.183-184.

<sup>35</sup> QUEIROZ E SILVA, Keila. **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba**. (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 1999, p.111.

<sup>36</sup> Idem, p.116.

<sup>37</sup> SÁ, Marisa Braga de. A paisagem recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande – Secretaria da Educação, 2000, p.185.

Após entendermos como estava Campina Grande e em qual contexto histórico foi instalada a Faculdade de Medicina, passaremos a analisar de forma mais específica, esta escola médica, adentrando nos seus espaços, nos seus laboratórios, nas suas salas de aula, no Hospital da FAP, pensando esta instituição que apresentaria modificações de sensibilidade para os campinenses, seja para os que faziam parte da elite que teria instalado esta escola, seja também para os próprios populares que recorriam atendimentos gratuitos no Hospital da FAP, que era veiculado a esta Faculdade durante as décadas estudadas nesta pesquisa.

## **2.1. Faculdade de Medicina: Modernidade em Campina Grande nas décadas de 1960 e 1970**

Levando em consideração que a Faculdade de Medicina não foi apenas um signo de modernidade, tanto na área da saúde como na educação, mas também anunciadora de mudanças de sensibilidades para os sujeitos campinenses, como também uma nova visão sobre o corpo humano, visto que, a cidade passaria a contar com um espaço destinado ao conhecimento do corpo humano, onde o aluno de Medicina estudaria em salas de aulas, em laboratórios e em hospitais. E dessa maneira, acumulando o seu saber, o futuro profissional tornaria detentor de poder sobre o corpo do doente e colocava em prática todo o conhecimento adquirido naquele espaço de ensinamento médico.

Contudo, neste capítulo discutiremos o conceito de modernidade, deixando claro, que nos próximos capítulos enfatizaremos esta instituição, abordando outros conceitos, tais como o de corpo, o qual tem uma relação íntima com o estudo da Medicina.

A Faculdade de Medicina seria uma nova experiência moderna em Campina Grande durante as décadas de 60 e 70, esta nova conquista traria mudanças no cotidiano das pessoas, no sentido que haveria um espaço destinado ao ensino médico nesta cartografia. Mas ensino para quem? Para os



populares ou para a elite? Ocorreriam também mudanças de sensibilidade, pois como vimos nos jornais e entrevistas aumentava a preocupação com os cuidados com o corpo do sujeito. Além disso, acresceria as pesquisas sobre as patologias que assustavam a população, e com isso medidas foram adotadas para exterminar determinadas doenças que prejudicavam a imagem das cidades brasileiras, neste contexto ocorreram campanhas de vacinação para prevenir os corpos dos indivíduos das doenças que amedrontavam a população.

Nos jornais que circulavam em Campina Grande, alguns que tivemos acesso enfatizavam em suas páginas, este centro urbano como sendo um espaço civilizado que deveria extinguir os hábitos e costumes considerados antigos para um centro que desejava o progresso, discurso este abordado pela elite letrada da cidade e pelos governantes daquele centro urbano, com o intuito de aumentar os investimentos nesta cartografia, beneficiando os próprios interesses da camada mais abastarda. É freqüente, nos jornais desta época, mencionar a cidade como um centro moderno, que possuía hospitais, escolas, faculdades, teatro, aeroporto.

No entanto, estas instituições nem sempre serviriam a toda população, se restringindo principalmente à elite desta cidade, à qual passava por transformações tanto urbanas, como também novos questionamentos estavam na ordem do dia, como a educação de nível superior, que reforçou ainda mais o seu caráter de cidade que seguia os ditames da modernidade. Conceito este trabalhado por Gervácio Batista Aranha (2003) em sua pesquisa sobre as experiências modernas no final do século XIX e início do século XX na cidade de Parahyba do Norte<sup>38</sup>. Todavia, o conceito de modernidade, abordado por este historiador sobre o início do século XX se difere do conceito de modernidade da segunda metade do século, uma vez que novas discussões, novos ideais e projetos estão em discussão, visto que nas décadas de 60 e 70, período do Regime Militar no Brasil, foi um momento em que os indivíduos reivindicavam o direito de expressão contra a censura, estudantes lutavam por um novo regime, dentre outros movimentos sociais e culturais. Além disso,

---

<sup>38</sup> Sobre o conceito de modernidade enfatizado por Gervácio ler: ARANHA, Gervácio. "Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)". In: AGRA DO Ó et all. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. João Pessoa: idéia, 2003.

nesta época o mundo havia passado por uma guerra que deixou muitas questões para serem pensadas. De acordo com as lembranças do senhor José da Guia Carneiro sobre o período de Ditadura Militar em Campina Grande:

não atingiu tanto assim a Faculdade de Medicina na época. Atingiu estudantes do sul do país, naquela época, federais, porque o assunto aqui era estudo, estudar e trabalhar e pronto, não se envolvia com sindicato, não se envolvia com greve, era só trabalho e pronto. (...) Era uma cidade muito pacata e não se envolvia muito com isso, no sul é que era mais (...) <sup>39</sup>.

A partir do depoimento deste funcionário, deixa a entender que Campina Grande, nesta década, ainda era uma cidade tranqüila, habitada por um povo sossegado que não reivindicava seus ideais, distintos dos estudantes do sul. No entanto, Queiroz e Silva (1999) enfatizou em sua pesquisa que no ano de 1968, ocorreram protestos nas cidades de Campina Grande e João Pessoa liderados por estudantes e sindicatos que reivindicavam melhores condições de vida, e eram contra a atuação do Regime Militar no Estado<sup>40</sup>.

A partir daí, torna-se evidente que os estudantes de Medicina não se envolviam nestes protestos, porque a maioria que reivindicavam e se envolviam nesses movimentos eram pessoas que não tinham boas condições econômicas e sociais, porém, os estudantes que cursavam Medicina, em sua maioria pertenciam à elite, às quais desejavam que continuasse como estava, pois esta camada social era privilegiada por alguns políticos, inclusive, como vimos durante o governo de João Agripino (1966-1971), o qual governou o Estado durante o Regime Militar.

Conforme a historiadora Queiroz e Silva (1999) durante a segunda metade do século XX ocorreram mudanças, tanto em nível nacional como também na Paraíba, com a revolução dos costumes, como a mudança do papel da mulher na sociedade, a invenção da pílula anticoncepcional e as revoltas estudantis contra a opressão do Regime Militar<sup>41</sup>, questões estas que fizeram com que o indivíduo, das décadas de 60 e 70, pensasse em sua liberdade de expressão e de comportamento, reivindicando por um Brasil mais

---

<sup>39</sup> Depoimento de José da Guia Carneiro.

<sup>40</sup> QUEIROZ E SILVA, Keila. **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba.** (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 1999p. 117

<sup>41</sup> Idem, p.152.

justo e democrático, uma vez que a população brasileira estava cansada das perseguições e das torturas ocorridas neste período histórico. Além disso, os jornais eram perseguidos para exibir uma boa imagem do Regime Militar, desta maneira devemos observar esta fonte não como algo verdadeiro, mas possíveis de leituras, uma vez que os donos deste veículo de informação quase sempre mantêm influências com sujeitos que fazem parte do cenário político das cidades ao qual o mesmo circula. Pensando assim, devemos sempre duvidar dessas fontes.

Neste sentido, observamos o texto jornalístico enquanto uma representação de uma sociedade em uma determinada época, o qual possibilita múltiplas leituras para o leitor, pois este tipo de texto é escrito por um grupo social que tem a intencionalidade de representar a sociedade a partir do seu ponto de vista, como é o caso dos jornais que circularam na cidade de Campina Grande, como o Diário da Borborema, que era um dos poucos jornais impressos que circulava na cidade na década de 60. Esse veículo de comunicação pertencia a um grupo que compunha a elite letrada de Campina Grande e desejava representar a cidade como progressista, desenvolvida e moderna.

Neste sentido, o texto jornalístico, apresenta uma das versões de algum acontecimento, porém a interpretação do mesmo pode apresentar de diversas maneiras, a partir da interpretação dos leitores, isso dependendo como informa Roger Chartier,<sup>42</sup> das “maneiras de como estes ‘lêem’ o texto”.

Nas duas décadas enfocadas nesta pesquisa, o Brasil passava por uma nova fase de modernização, visto que havia presenciado as catástrofes da Segunda Guerra Mundial na década de 40, e na década de 60 iniciava o Regime Militar, que acarretaria transformações nas maneiras de pensar e agir dos indivíduos, os quais passaram a reivindicar novos tempos, após serem vítimas de agressões, torturas e exílio por discordarem das atitudes do regime político da época.

Neste período histórico que estamos estudando, ocorreram também transformações no campo da educação, com a mudança do currículo dos

---

<sup>42</sup> CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1990, p.124.

cursos das Universidades brasileiras em 1968<sup>43</sup>. Além disso, sucederam inovações na área tecnológica, como a invenção de novos equipamentos que ajudariam no desenvolvimento da Medicina, o que provocaria uma mutação sobre o olhar do corpo do indivíduo, onde este deveria cuidar mais da sua saúde, procurando postos de vacinação para prevenir das doenças que atingiam a sociedade<sup>44</sup>.

A Faculdade de Medicina de Campina Grande foi criada nesta época, mais especificamente em 1964, ano do Golpe Militar no Brasil e também do aniversário do centenário de emancipação política deste centro urbano. Esta instituição foi representada nas matérias do jornal Diário da Borborema como um presente que a cidade recebia neste período de comemorações dos seus cem anos de história. Todavia, para quem serviu esta Faculdade? Quem foi beneficiado com a instalação desta instituição? Em que hospitais os alunos realizavam seus estágios? Quem foram os médicos que vieram a se tornar professores da primeira escola-médica do interior do Nordeste? Que serviços públicos prestavam estes médicos e estagiários à população campinense?

A concepção de cidade abordada por Richard Sennett, em seu livro “Carne e Pedra” torna-se interessante para pensar a cidade como um corpo humano, à qual possui suas “veias” e “artérias”, ou seja, ruas e avenidas, para a circulação do tráfego das cidades. Tratando sobre o cotidiano, a arquitetura e a vida urbana das cidades ocidentais, como Paris e Londres durante o século XVIII E XIX, época de descobertas científicas que desvendaram o funcionamento do corpo humano, Richard Sennett(2003), estudou a cidade como um corpo humano, que necessitava de veias (ruas) e artérias (avenidas) que auxiliassem na circulação de pessoas e de automóveis. De acordo com Sennett na “concepção iluminista, a rua era um importante espaço urbano cruzando áreas residenciais ou atravessando a cidade”. Com isso, em sua pesquisa Sennett tentou mostrar que as ruas destas cidades ocidentais eram vistas como artérias e veias que cruzavam o espaço do corpo urbano e, dessa maneira “palavras como ‘artéria’ e ‘veia’ entraram para o vocabulário urbano no

---

<sup>43</sup> Sobre reforma no ensino universitário ler: CUNHA, Antonio Luiz. “Ensino Superior e Universidade no Brasil”. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000, p.180.

<sup>44</sup> Sobre a mutação do olhar sobre o corpo recomenda-se: MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da Medicina. In: CORBIN, Alain (org). **História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego”. Partindo da idéia de um corpo saudável, limpo e deslocando-se com total liberdade, o desenho urbano previa uma cidade que funcionasse assim<sup>45</sup>.

Dessa maneira, comparando a cidade de Campina Grande a um corpo que na década de 60 e 70, já havia passado por uma reforma urbana, já possuía suas ruas ou veias e uma avenida larga ou artéria principal, a Floriano Peixoto, para o tráfego dos carros, além de hospitais, escolas, se instalava universidades como a Universidade Regional do Nordeste e a Universidade Federal da Paraíba. E, Para compor o espaço que se queria limpo, livres das epidemias e da mortalidade infantil nada mais intencional do que instalar uma instituição médica que auxiliasse aquele espaço a ser saudável, cheiroso, bonito de se ver. Mas na realidade, nem tudo o que os governantes queriam era o que se via na cidade, pois nestas décadas havia ainda muitos problemas relacionados à saúde.

Além disso, nos meios da “artéria” e das “veias” urbanas de Campina Grande encontravam-se animais perambulando, característica que não se refere a uma cidade dita moderna. E nem sempre os cheiros eram bons e os espaços saudáveis, pois quantas ruas esburacadas e sujas eram alvo de queixas nos jornais, como sendo até causadoras de doenças, devido ao acúmulo de águas que se tinham nesses buracos e, dessa forma, o corpo urbano de Campina Grande, não estava tão limpo e saudável como se esperava e, então para limpar o corpo urbano da cidade e dos seus indivíduos, porque não instalar uma Faculdade de Medicina, à qual, segundo a elite médica, ajudaria a limpar o corpo humano da cidade, mostrando formas preventivas de saúde e de higiene para o indivíduo, e também apontar os hábitos saudáveis que a população deveria praticar para se ter um corpo humano e urbano saudáveis.

Nos jornais, percebemos a preocupação em expor matérias relacionadas à saúde pública, tais como construções de hospitais, propagandas sobre os cuidados com o corpo, para que o indivíduo se prevenisse das enfermidades. Além disso, a urbanização da cidade é enfocada como apresentando uma

---

<sup>45</sup> SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. O corpo e a cidade na civilização Ocidental. [trad.Marcos Aarão Reis]. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.220.

estética de progresso, como por exemplo, várias fotografias exibidas no Jornal Diário da Borborema sobre a urbanização do Açude Velho, simbolizando o progresso deste centro, que recebia na década de 60 o símbolo de seu centenário, que seria as estátuas dos pioneiros que deram origem à cidade, tais como o índio, a mulher catadora de algodão e o tropeiro.

Nessa perspectiva, a Faculdade de Medicina se apresentou como, dentre outros aspectos, como um novo espaço, destinado ao conhecimento da saúde e da educação médica, exibindo a obra do seu prédio como uma imitação da arquitetura alemã, conforme nos informou Severino:

(...) Os médicos que formaram o curso de Medicina. Eles tiveram uma experiência pra Alemanha, pra pegar o projeto do prédio, que é um prédio antigo, ainda tem características, mas esse prédio foi característica da Alemanha. Uma equipe foi lá e fizeram(sic) o projeto pra fazer mais ou menos parecido com a estrutura do prédio lá, aí aqui aparentemente é o modelo da Alemanha. (...) A Sociedade Médica daqui foi lá e pegaram. Os médicos que montaram a sociedade, a Sociedade Mantenedora da Faculdade de Medicina, eles tiveram esse privilégio de ir na Alemanha pra pegar o projeto do prédio né, as estruturas. Você ver que é um prédio aparentemente bonito, né.(...) Aí então, esse foi um dos projetos deles primeiro mesmo antes de encampar o curso de Medicina aqui em Campina Grande, eles tiveram esse objetivo de fora do país, pegar o modelo de estrutura<sup>46</sup>.

Percebemos, a partir do depoimento de Severino que a arquitetura da Faculdade foi escolhida pelos médicos, como forma de exibir o conhecimento que estes tiveram ao se deslocar para a Europa, trazendo de lá ideais que caracterizavam como modernos. No entanto, no depoimento de Maria José, ela nos informou que os médicos que foram estudar no exterior optaram por uma arquitetura simples, porém o ensino da Faculdade deveria ser de qualidade. Segundo a professora de Medicina, muitos médicos:

estudaram no exterior e observaram que algumas faculdades do exterior preferiam a arquitetura simples e uma qualificação e um equipamento bom do que uma grande arquitetura sem pessoal qualificado, sem equipamentos, então aqui a arquitetura foi pensada em construções mais simples e equipamentos e quadros melhores<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Severino Jorge de Paulo, funcionário do Laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>47</sup> Depoimento da professora aposentada e médica Maria José Moreira de Assis.

Mesmo sendo a professora ligada a instituição, não apenas ela, mas outras pessoas às quais conversamos informaram que a Faculdade, durante as décadas de 60 e 70, quando era particular, o ensino da instituição era bem reconhecido em outras cidades do Nordeste e do Brasil.

O funcionário José da Guia Carneiro confirmou que muitos dos atlas de Anatomia que existiam nos laboratórios foram doados por médicos da Faculdade da Alemanha, onde alguns médicos que atuavam na cidade foram estudar Doutorado:

muita, muita coisa foi doada. Por exemplo, estes gráficos de anatomia de tudo, foram tudo doados pela Alemanha. Tinham muito material que foram doados. Uns convênios que existia. (...) Mas foi muita coisa doada (...) depois da federal começou aparecer os indianos né que, por exemplo, Dr. Gonzaga estudou na Alemanha. Fez especialização na Alemanha. Doutorado nos Estados Unidos e veio pra aqui, para Campina Grande, tanto na área médica como na Federal também veio muito indiano na época. Então, esse pessoal tinha convênio com aqueles laboratórios da Alemanha e conseguiram, junto à diretoria doações e convênios na época<sup>48</sup>.

Conforme Boris Kossoy(2001) “cada imagem documenta num particular instante de tempo”, sendo que quem o registrou teve por trás “uma intenção ou necessidade”, seja “do fotógrafo, de seu contratante ou de ambos”<sup>49</sup>. Neste sentido, observamos na fotografia abaixo que o fotógrafo quis registrar o prédio, mas dando um enfoque maior no letrário, o qual identifica o nome da Faculdade, à qual, segundo os depoimentos, teve como referência a arquitetura alemã. Notamos, ainda, algumas plantas e um carro estacionado à frente da área administrativa da Faculdade. Após descrever esta imagem fotográfica, percebemos que o fotógrafo registrou o nome da Faculdade, para mostrar o progresso da cidade, tendo em vista que uma cidade que tivesse uma Escola Médica estava seguindo os ideais de uma cidade moderna e civilizada, segundo o discurso da elite.

---

<sup>48</sup> Depoimento do funcionário José da Guia Carneiro.

<sup>49</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.80.



**Fig. 01.** Vista do setor administrativo da Faculdade de Medicina de Campina Grande, no ano de 1976. **Fonte:** arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

Neste sentido, a construção do prédio da Faculdade de Medicina, inspirada na arquitetura das obras das grandes cidades européias, trouxe para a cena urbana o moderno, ou seja, uma novidade para a cidade e desprezando o que representasse o atraso, como as epidemias que prejudicaram a imagem de Campina Grande no início do século XX, tais como a varíola, e a febre amarela (...).<sup>50</sup> Entretanto, mesmo com o desenvolvimento tecnológico, na segunda metade do século XX, os campinenses, ainda, presenciariam surtos epidêmicos de catapora, sarampo, meningite, hepatite. Entretanto, os futuros médicos formados na Faculdade de Medicina de Campina Grande, possivelmente, ajudariam a combater esses surtos presentes na urbe.

Se as inovações advindas no início do século XX na Parahyba do Norte modificaram o cotidiano da população representando o progresso da cidade e as transformações do espaço urbano paraibano, como sendo uma urbe que seguia os ideais de modernidade, instalando-se algumas instituições, tais como telégrafos, escolas, hospitais, consideradas novidades para a população paraibana, imaginemos como foi recepcionada a instalação da Faculdade de Medicina na década de 50 em João Pessoa e na década de 60 em Campina Grande, considerando-se que uma cidade que detinha uma Faculdade de

<sup>50</sup> AGRA, Giscard. **A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina G(g)rande 1877-1935.** Campina Grande-PB: UFCG, 2006, p.49.



Medicina era considerada como um centro urbano moderno e civilizado, simbolizando que a cidade estava em pleno progresso. Desenvolvimento esse que beneficiaria a quem? Podemos enfatizar que este progresso que a elite campinense desejava era algo que beneficiaria aos próprios componentes da camada social mais abastarda, pois os pertencentes à uma categoria social de menos escalão continuaria atrelados nos problemas sociais, como a fome e os problemas relacionados à saúde e à educação.

Neste sentido, a instalação dessa Faculdade de Medicina exibiria o desenvolvimento e progresso da cidade de Campina Grande, desejado pela elite, representando não apenas um símbolo de modernidade, mas também mudanças na concepção do próprio corpo, pois os indivíduos passariam a ter um conhecimento das patologias e como se prevenir das mesmas, o indivíduo passou a olhar o corpo de outra forma, cuidando e prevenido-o contra as doenças, além disso, com os estudos realizados na Faculdade de Medicina, tentariam prolongar a existência dos sujeitos, aumentando a expectativa de vida.

Com os equipamentos modernos em auxílio da Medicina ocorreria também uma mutação de sensibilidade, tendo em vista que o médico passaria a se tornar mais distante do paciente, na medida em que as máquinas modernas poderiam detectar as enfermidades, presentes no corpo do indivíduo, sem que o médico precisasse perguntar o que o paciente estava sentindo. Sobre isso, discutiremos no terceiro capítulo deste trabalho.

Como já foi dito a Faculdade de Medicina representaria mudanças de sensibilidade, da concepção do corpo humano, mas também não deixa de ser um símbolo da modernidade, conceito este que será abordado neste capítulo.

Um dos estudiosos que estudou este conceito foi o filósofo Walter Benjamin, o qual refletiu sobre as transformações ocorridas em Paris no século XIX, durante a reforma urbana de Haussmann através do estudo da literatura francesa<sup>51</sup>. Walter Benjamin analisou a obra “O Pintor da Vida Moderna” do artista Baudelaire, obra que foi escrita na mesma época em que estava ocorrendo o período de “reurbanização” da cidade de Paris realizada pelo

---

<sup>51</sup> RAMINELLI, Ronald. “História urbana”. In: Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo(orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p.195.

prefeito Haussmann que tentou afastar a miséria do centro da cidade, alargou ruas e avenidas, formando uma nova paisagem urbana.

Neste sentido, no século XIX a modernidade era percebida nas cidades européias através das novas paisagens que apareciam nestes centros urbanos, com as instalações de engenhos a vapor, fábricas, ferrovias, indústrias, a instalação de telefone, telégrafos, tudo isso exibiu uma imagem de que a cidade estava progredindo e tornando-se civilizada, seguindo os ideais de uma cidade dita moderna<sup>52</sup>.

As características de uma urbe moderna foram importadas para o Brasil durante as reformas urbanas, às quais desejavam transformar os centros urbanos das cidades brasileiras em espaços que apresentassem características das urbes européias, mais especificamente Londres e Paris, cidades essas que passaram por transformações em suas cartografias urbanas no século XIX, e foram referências para as reformas urbanas no Brasil no início do século XX, como a ocorrida nas cidades do Rio de Janeiro, de Recife e São Paulo. Todavia, Campina Grande também seguiu esses ideais de cartografia moderna, ocorrendo a sua reforma urbana na década de 1930, pelo então prefeito Vergniaud Wanderley (1935-1938) e (1940-1945), o qual modificou o cenário urbano da cidade, demolindo alguns prédios considerados antigos para o período e instalando novos prédios com arquiteturas semelhantes às das cidades européias<sup>53</sup>.

Mesmo tendo sido construída três décadas após a reforma urbana de Campina Grande, a Faculdade de Medicina deste corpo urbano, continuou sendo vista como uma novidade para essa região, sendo sua arquitetura, como foi mencionada anteriormente, imitada pelos centros europeus. Além disso, médicos que atuaram na instituição se deslocavam para as cidades européias para estudar, trazendo novos projetos, a exemplo do pediatra e professor aposentado do curso de Medicina Virgílio Brasileiro, o qual foi estudar na França.

---

<sup>52</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana M. L.Loratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.18.

<sup>53</sup> Sobre a reforma urbana de Campina Grande, recomenda-se GUTEMBERG, Fábio. "Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)". In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol.23, jul-dez, 2003, p.69, 2003.

Conforme Sandra Jatahy Pesavento (1997) na cidade de Paris no século XIX “era preciso que se abrissem avenidas mais amplas e “limpar” o centro da cidade de miséria e reordenar o espaço de acordo com a assimetria social vigente<sup>54</sup>. Todas essas transformações que ocorriam no espaço urbano de Paris estavam relacionadas ao desenvolvimento econômico e industrial da cidade. Nesta nova cartografia cosmopolita, uma cidade que estava em ritmo de progresso e civilidade deveria mostrar uma imagem de um centro urbano moderno, retirando, dessa maneira, tudo o que prejudicasse o desenvolvimento da cidade tais como os mendigos, sujeira nas ruas, arquitetura da monarquia, ou seja, deveria retirar o que representava o antigo e expor o que era novidade, principalmente as inovações tecnológicas e alguns equipamentos modernos.

Vale salientar que quando da instalação da instituição médica, na cidade já existia um corpo médico, mas não formado na “Rainha da Borborema”. Esta Faculdade passou a compor um corpo médico na própria cidade, sem que os estudantes locais precisassem se deslocar para o Recife ou outros centros para a obtenção do título de “doutor”. Todavia, mesmo com a Faculdade outros indivíduos, os que não conseguiam passar no vestibular para Campina Grande, continuaram se deslocando para outros centros urbanos como João Pessoa e Recife, neste caso, a elite da cidade que tinha condições de se manter em outras cartografias urbanas.

Portanto, nos discursos que repercutiam à época, a instalação da Faculdade preencheria a escassez de profissionais na área de saúde e daria mais oportunidades de acesso principalmente para àqueles cujas famílias não tinham condições de patrocinar a sua formação em outros centros. Será que os populares tiveram acesso ao ensino médico desta instituição? Segundo, a própria professora Maria José “a escola nunca teve uma população exclusiva de Campina Grande, como ainda hoje não tem”, pois “sempre a maioria dos estudantes eram de fora”. E, dessa maneira, os que vinham estudar na Faculdade de Medicina desta urbe eram pessoas que tinham condições financeiras de se manter em outros centros, e os estudantes da cidade que conseguiam cursar Medicina, a grande maioria era da elite local. Entretanto,

---

<sup>54</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Do Crystal Palace a Paris: a mística do progresso, o culto à máquina e a sedução do novo” In: **Exposições Universais: espetáculos da modernidade no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 87.

havia exceções de populares que conseguiram cursar Medicina, quando conseguiam bolsas, uma vez que até o final da década de 70 a Faculdade era privada.

Contudo, isto quer dizer que a oportunidade de se ter uma formação em Medicina tenha se mantido restrita a poucos, principalmente aqueles de famílias mais abastadas e, ao mesmo tempo, a Faculdade se inseria na lógica dos discursos da elite como uma imagem do “progresso” educacional e tecnológico de Campina Grande. Porém, segundo alguns depoimentos de professores e funcionários da instituição, os alunos da primeira turma conseguiram bolsas de estudo na instituição, com os acordos entre os professores da instituição e João Agripino, governador que esteve envolvido no funcionamento da Faculdade de Medicina de Campina Grande, mas da segunda turma, em diante as bolsas foram diminuídas, e o custo de um curso de Medicina era elevadíssimo naquele período, e continua sendo na atualidade.

Todavia, instalada a Faculdade em Campina Grande, será que ela serviu aos habitantes desta cartografia? Aos populares que não tinham condições de se deslocarem para outros centros urbanos? Afinal, a quem serviu esta instituição: aos campinenses ou a outros sujeitos vindos de outros Estados? De espaço que repelia os estudantes para outros centros urbanos para se formar em Medicina, com a instalação da Faculdade na “Rainha da Borborema”, Campina Grande passa a ser um espaço que atrai alunos vindos de várias cidades do interior paraibano e de outras urbes brasileiras, tornando um espaço urbano de referência no âmbito da ciência médica durante as décadas de 60 e 70.

Conforme Marshall Berman (1986) “a modernidade é um conjunto de experiências à qual anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia”, pois não importa a camada social, nem a etnia ou opção religiosa, visto que todos devem se adequar aos ideais de modernidade sejam populares ou pertencentes à elite, transformando os hábitos e costumes da população e do cenário urbano das cidades<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana M. Loratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

Esse ideal de modernidade advindo das cidades européias penetrou no Brasil no início do século XX, no período no qual ocorreu a reforma urbana do Rio de Janeiro em 1903, pelo prefeito da cidade Pereira Passos, que desejava modernizar o centro carioca da mesma forma que Londres e Paris. Para isso, foi preciso demolir cortiços, alargar avenidas, tirar mendigos das ruas e modificar a arquitetura das casas para que o ar pudesse circular mais facilmente para afastar os grandes surtos epidêmicos que ocorriam na época.

Com isso, era preciso excluir tudo o que lembrasse o atraso do período colonial e imperial, expondo que a cidade progredia tanto no que se refere ao espaço urbano como também aos habitantes da cidade, os quais deveriam ser controlados para se comportarem de acordo com os ideais de modernidade e de civilização. Foi neste contexto que ocorreu a Revolta da Vacina, em que a população pobre reagiu ao controle das autoridades de higiene da cidade carioca que exigia que a população se vacinasse obrigatoriamente, regra essa exigida pela elite do Rio de Janeiro que acreditava que os surtos epidêmicos eram provocados pela população pobre que habitava o centro da cidade. Com isso, as casas dos populares foram invadidas por agentes de saúde que desrespeitavam os moradores, chamando-os de ignorantes e incivilizados<sup>56</sup>.

Casos semelhantes, ainda ocorriam na década de 60, em que durante as campanhas de vacinação que aconteciam na cidade de Campina Grande, algumas pessoas não acreditavam sobre os efeitos da vacina contra a varíola e a paralisia infantil, pois alguns pais ainda recusavam levar seus filhos para vacinarem contra essas enfermidades, pensando que a vacina fosse algo que ao invés de prevenir doenças, poderia prejudicar a saúde do indivíduo. Esse assunto será tratado de maneira mais aprofundada no terceiro capítulo desta pesquisa.

No que se refere aos vários surtos epidêmicos que assolaram a Paraíba e, mais especificamente Campina Grande, há alguns estudos dos intelectuais Alarcon Agra do ó (2003), o qual trata em seu estudo sobre as epidemias que elevava os índices de mortalidade na Paraíba, principalmente a epidemia do

---

<sup>56</sup> Sobre as reformas urbanas européias leia: BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5ª. Edição, São Paulo: Brasiliense, 1989. Sobre a reforma urbana no Rio de Janeiro recomenda-se: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

cólera-morbus do século XIX, à qual era vista como sendo uma doença incurável para a época e que matava rapidamente o enfermo.

Outro estudo é o do historiador Giscard Agra (2006), o qual enfatiza sobre as modificações que a cidade de Campina Grande teve que passar durante os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Neste período, segundo Giscard Agra, a cidade de Campina Grande deveria se adequar aos ideais de uma cidade moderna e civilizada, modificando seu espaço urbano e seus hábitos higiênicos, tendo em vista que neste período esta urbe era palco de inúmeros surtos epidêmicos, como a tuberculose, a varíola e a febre amarela<sup>57</sup>. O recorte temporal da pesquisa destes intelectuais paraibanos está inserido, numa época em que não havia Faculdade de Medicina nas cidades da Paraíba, uma vez que a capital paraibana instalou sua Faculdade na década de 50, e a nossa “Rainha da Borborema” na década de 60, momento em que esta cartografia comemorava os seus cem anos de emancipação política.

Neste sentido, percebemos que algumas doenças, em plena segunda metade do século XX, com o desenvolvimento tecnológico, puderam ser estudadas mais profundamente, e vacinas foram produzidas para combater os vírus que atingiam os corpos dos sujeitos. No entanto, continuaram os surtos das epidemias como a varíola, hepatite, febre tifóide, tétano, sarampo, difteria e coqueluche. Porém, nas décadas que propomos analisar não encontramos nos jornais matérias que enfatizassem sobre a cólera ou febre amarela, doenças essas mais freqüentes no início do século XX, pois na segunda metade do século há presença de outras patologias e permanências de algumas como a tuberculose que ainda aterrorizava a população campinense.

---

<sup>57</sup> Sobre as epidemias que assolaram a Paraíba e Campina Grande recomenda-se AGRA DO Ó, Alarcon. “Relatos de males – notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba imperial”. In: AGRA DO Ó et AL. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. João Pessoa: Idéia, 2003. Além do estudo de Alarcon, recomenda-se: AGRA, Giscard. **A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina G(grande) 1877-1935**. Campina Grande-PB: UFCG, 2006. De acordo com Severino Cabral uma das causas das epidemias em Campina Grande, principalmente as de cólera, estavam relacionadas aos micróbios presentes na água e à falta de higiene pela qual ela era transportada. Leia: CABRAL FILHO, Severino. “A água, desejo, promessa e espetáculo”. In: **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. Doutorado em Sociologia. João Pessoa: UFPB, 2007, pp.36-73.

## 2.2. Medicina Científica ou Medicina Popular: Em quais saberes acreditar?

Levando em conta esta instituição como um espaço transmissor dos saberes médicos que legitimaria a Medicina Científica nesta urbe, possivelmente, a maioria dos esculápios tentariam excluir as práticas médicas populares, consideradas como atrasadas para uma cidade dita moderna e civilizada. Mas será que a instalação de uma Faculdade de Medicina conseguiu extinguir os saberes populares? Será que os mesmos médicos que se baseavam na ciência médica não utilizavam também ervas medicinais para a cura de determinadas doenças?

De acordo com o depoimento de Rosicléa, não todos os médicos indicavam ervas medicinais, mas havia exceções, como o Dr. Aureliano, que conforme a entrevistada “usava a Medicina Alternativa, pois ele recomendava chás, banho, dependendo do tipo do problema. A medicação não era o antibiótico forte que, toda vida teve, mas sempre a medicação dele era diferente”.<sup>58</sup>

Neste sentido, enquanto Rosicléa contou que alguns médicos indicavam o tratamento com plantas medicinais, a professora Maria José relatou que durante as décadas de 60 e 70 o uso das ervas medicinais eram confundidas com curandeirismo, o que dificultava o uso desta sabedoria popular pelos médicos.

Nesse sentido, percebemos que mesmo que eles receitassem deveriam manter sigilo, pois seu lugar de saber não permitiria informar que utilizavam ervas medicinais ou mesinhas para o tratamento de doenças. Segundo a professora, o uso de ervas medicinais ocorreu mais livremente após a década de 80, pois nas duas décadas anteriores esta prática não era bem vista pelos detentores do conhecimento da Medicina Científica, pois o uso das plantas medicinais utilizadas pelos médicos no tratamento dos doentes, durante às décadas de 60 e 70, era:

Muito pouco. Precisa você entender que, na realidade a Medicina naquela época e atualmente ela é alopática, mesmo porque pesquisas sobre plantas medicinais, se você for considerar levada a

---

<sup>58</sup> Depoimento de Rosicléa.

sério tem vinte anos pra cá, antes disso, infelizmente, o princípio ativo de muitas plantas ela permeava até a idéia de curandeirismo. Não tem o pensamento que tem hoje, de maneira nenhuma. De vinte anos pra cá você tem pesquisas em torno de plantas respeitáveis, tá certo. (...) Por pessoas respeitadas, internacionalmente e com efeitos comprovados. Infelizmente, quando da época da fundação da Faculdade, 1970, infelizmente isso permeava no campo assim, das mesinhas, de curandeirismo<sup>59</sup>.

Neste depoimento da professora percebemos a lástima da mesma em lembrar que naquela época o uso de plantas medicinais não era vista com bons olhos pelos detentores da ciência médica, pois era uma área que não havia incentivo, uma vez que os detentores do saber científico queriam legitimar seu poder. No entanto, para isso, deveriam basear seus experimentos a partir do que fosse comprovado pelas ciências e não por superstições e credices que acreditavam ser as ervas medicinais. Mas, décadas depois, com pesquisas realizadas com as plantas medicinais foi comprovado que as mesmas têm efeito satisfatório na cura de determinadas patologias.

Na medida em que a Medicina Científica se legitimaria na cidade, evitando, com isso, a prática de cura popular, vista como atrasada para uma época em que se buscava o desenvolvimento intelectual, tecnológico, educacional e econômico da cidade.

De acordo com Walter Benjamin (1989) “a modernidade assinala uma época, designa, ao mesmo tempo, a força que age nessa época e que a aproxima da antiguidade.<sup>60</sup> Com essa observação, Walter Benjamin quis enfatizar que o que denominamos de moderno em um período histórico, poderemos em anos posteriores considerar como arcaico. Isso nos faz pensar que mesmo as inovações adquiridas em uma dada época podem, ainda, muitas vezes, se misturar com o que se denomina de antigo. Porém, sobre isso podemos perceber nos depoimentos das pessoas que foram internadas em hospitais nestas duas décadas, que havia exceções de médicos que recomendavam ervas medicinais. Entretanto, nem todos médicos desejavam trabalhar com plantas medicinais, pois na época era vista como curandeirismo. Além disso, nos jornais, durante as décadas de 60 e 70 não encontramos

---

<sup>59</sup> Entrevista concedida pela professora aposentada e médica Maria José Moreira de Assis.

<sup>60</sup> BENJAMIN, Walter. A modernidade. In: **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1989, p.80.



matérias que enfocassem o uso de ervas medicinais, mas claro que esse veículo de informação não narraria sobre este tipo de prática, neste período histórico, pois os detentores do saber médico desejavam o progresso a partir da ciência.

A Faculdade de Medicina de Campina Grande na década de 60 simbolizou um novo espaço para divulgar o conhecimento da Medicina erudita, e as pessoas que praticavam outros métodos não baseados na ciência, eram consideradas como praticantes de curandeirismo<sup>61</sup>, visto que concorriam com os médicos que haviam passado por uma escola de Medicina. Dessa forma, o conhecimento da Medicina Científica seria legitimado em Campina Grande através da Faculdade de Medicina, depois de tantas disputas entre os poucos médicos que já residiam nas cidades paraibanas no início do século XX. De acordo com Maria José, os médicos que pesquisassem com plantas medicinais, durante as décadas de 60 e 70 “não chegavam a ser perseguidos, mas você sentia que não havia recursos, não havia estímulo para esta área e havia dificuldade de parceria”.

Contudo, as ervas medicinais continuaram sendo utilizadas pela população e por alguns médicos, mas estes, na sua maioria, evitavam indicar estas plantas, durante esse período para não desvalorizar seus conhecimentos médicos e não prejudicar sua imagem profissional. Porém, percebemos que mesmo sendo legitimada a Medicina Científica em Campina Grande, ainda eram presentes as práticas do conhecimento popular, seja por alguns médicos que receitavam ou pesquisavam sobre este método, seja pela população que acreditava na cura através desta prática como contou o Sr. Severino:

No meu conhecimento, eu conheço a Medicina homeopática né, que inclusive os meus parentes, por exemplo,(...) meus parentescos usava muito a medicina vegetal, né.(...) ervas medicinais usava muito, mas ainda hoje tem a prática, né. Hoje está mais abrangente o pessoal tem mais conhecimento, né, inclusive tem algumas áreas (...), que a Medicina reconhece a homeopatia né, como tratamento, daí eu conheço, nesta época tinha só, tanto usava a Medicina como usava hoje a homeopatia, né<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> Sobre os estudos da medicina popular e da medicina erudita recomenda-se a leitura de: Roberto Machado. **Danação da Norma. Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

<sup>62</sup> Depoimento de Severino Jorge de Paula.

Com isso, nota-se que o conhecimento Médico Científico se atrelava, muitas vezes, ao conhecimento da medicina popular, através do uso das ervas medicinais<sup>63</sup>. No entanto, os médicos que utilizassem ervas medicinais não eram bem vistos pelos cursos de Medicina da época. Todavia, o uso das ervas medicinais permaneceram após as décadas de 60 e 70 e, continuam sendo utilizadas para o tratamento de determinadas doenças, como enfatizou a senhora Maria Lúcia

(...) Essa Medicina sempre vai ser praticada, né. Do começo do mundo já existia ela, pois entrando a homeopática que chama agora, da medicação, mas essa do pessoal do sítio, do mato, nunca morreu, e agora tá voltando, né, porque agora tá uma onda de (...) remédio do mato como o povo chama, né<sup>64</sup>.

Com isso, podemos dizer que na Medicina praticada nas décadas de 60 e 70 não era vista com bons olhos o tratamento de doenças através de plantas medicinais, o que dificultava o profissional desta área a receitar esse método para a cura das patologias. Contudo, sempre há aqueles que, possivelmente burlavam, ou seja, usavam as plantas medicinais às escondidas, para não serem considerados profissionais atrasados, visto que, para os detentores da ciência, era absurdo que em plena metade do século XX ainda existissem pessoas que exerciam práticas médicas arcaicas, num período de alta tecnologia.

Conforme Chalhoub (2003) com a oficialização do saber médico, muitos praticantes da arte de curar como os curandeiros, benzedeiros e boticários passaram a serem denominados de charlatões pelos cientistas, pois acreditavam que o doente obteria a cura através de métodos científicos e não em crenças, vistas como atrasadas e que dificultava o progresso e o grau de

---

<sup>63</sup> Sobre o curandeirismo, medicina popular e medicina científica no Brasil ler: NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. São Paulo: Oficinas do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. Durante o início da República curandeiros e benzedeiros foram perseguidos e punidos para não praticarem a medicina popular, pois seus saberes passaram a ser vistos como atrasados e supersticiosos, uma vez que o Brasil almejava o crescimento econômico e o progresso do país e, com isso, a Nação só poderia se desenvolver através da cientificidade e não atrelado em superstições e crendices.

<sup>64</sup> Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva, funcionária do Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina da UFCG.

civilização do país. Dessa forma, a Medicina Científica desejava monopolizar a arte de curar, retirando do seu caminho os praticantes da medicina popular que concorriam com os médicos oficiais<sup>65</sup>.

De acordo com Machado (1978) “o combate ao charlatanismo é outra face do desenvolvimento do ensino médico”, pois quando não havia faculdade no Brasil, a Medicina era praticada por poucos formados que iam estudar em Coimbra, sendo, dessa forma, as artes de cura exercidas pelos curandeiros e benzedeiras. Com a instalação de Faculdades de Medicina no Brasil, os médicos não quiseram mais concorrer com os curandeiros, uma vez que passavam anos se dedicando à profissão, enquanto que os curandeiros não haviam tido uma formação acadêmica.<sup>66</sup> Neste sentido, o saber médico científico tentou impor o seu poder sobre a prática médica, exigindo que apenas os detentores de um diploma de Medicina poderiam prestar os serviços médicos à população.

De acordo com os relatos dos entrevistados para a nossa pesquisa, em Campina Grande, mesmo os profissionais da área médica que passaram por uma Faculdade de Medicina, ainda recomendavam o uso de ervas medicinais para a cura de determinadas doenças, considerando a Medicina Científica como mais eficaz, todavia mesclava o conhecimento científico com o conhecimento popular, como os médicos indianos que atuaram na Faculdade de Medicina da cidade, mencionados por José da Guia Carneiro:

(...) Tem um médico aqui de Parasitologia que ele acreditava muito na medicina natural, professor Gonzaga, ele acreditava não, ele acredita, ele está aposentado (...), mas têm outros médicos, eu não estou lembrado o nome deles agora. Geralmente os médicos indianos que trabalhava (sic) aqui, eles acreditavam muito na Medicina natural né, que é (...). Aí, mas a maioria dos médicos era, usava a medicação normal<sup>67</sup>.

A partir desse relato, percebemos que mesmo possuindo o conhecimento da ciência médica, alguns profissionais deste campo do saber,

---

<sup>65</sup> CHALHOUB, Sidney *et al*(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003 p. 12-13.

<sup>66</sup> MACHADO, Roberto. **Danação da Norma**. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p.200.

<sup>67</sup> Entrevista concedida por José da Guia Carneiro, funcionário do Núcleo de Apoio ao Ensino da Faculdade de Medicina de Campina Grande.

como os indianos que ensinaram na Faculdade de Medicina de Campina Grande nos anos 70, os quais acreditavam que as ervas medicinais curavam determinadas enfermidades. Com isso, percebemos que este método continuou resistindo ao longo dos anos, chegando até os dias atuais, onde os médicos indicam o uso de plantas medicinais para o tratamento de algumas doenças.

Percebemos nos depoimentos de alguns funcionários e de pessoas que foram internadas naquela época, que havia alguns médicos que receitavam as plantas medicinais para o tratamento das doenças, porém eram em pequena quantidade, pois o uso de plantas medicinais não era uma área muito incentivada naquele momento histórico.

Conforme o médico Fernando Queiroga, alguns professores mencionavam sobre outras práticas medicinais, porém na década de 70, período que ele estudou Medicina em Campina Grande, ele lamentou por não ser valorizada tanto a Fitoterapia(estudo das plantas medicinais para cura de doenças) e como outras áreas que eram marginalizadas, a exemplo da Homeopatia(terapia que trata as doenças com substâncias em pequenas doses) e da Acupuntura(aplicação de agulhas em algumas partes do corpo), mas que na atualidade os médicos estão recorrendo a esses saberes para obter a cura de determinadas doenças. Segundo Fernando Queiroga a homeopatia foi reconhecida pela Associação Médica Brasileira apenas em 1983, época em que ele já havia concluído o curso, já a Acupuntura passou a ganhar destaque a partir dos anos 90. O médico nos informou que não entende a estranheza naquela época de não ser bem visto o profissional que recorria a estes saberes, considerando que há alguns remédios que foram extraídos originalmente de plantas, como por exemplo, a popular aspirina. Fernando Queiroga nos contou que na Medicina ele costuma enfatizar que é “uma ciência das verdades transitórias”, pois “uma verdade admitida há dez anos, hoje não é mais e uma admitida hoje, talvez no próximo ano não seja mais”. Com isso, percebemos que a Medicina é uma área em constante mutação, e que atualmente vem se misturando com outros saberes para conseguir a cura de determinadas patologias que atingem a sociedade.

Os médicos que praticassem estes saberes eram considerados como profissionais que exerciam ilegalmente a Medicina naquela época, pois ainda

há um artigo do Código Penal que trata sobre isso, mas o Código Penal Brasileiro está desatualizado, sendo do ano de 1943, ele não mais se adequa com a sociedade que vivemos na atualidade.

### **2.3. Os hospitais: Espaços de práticas médicas**

Após ter enfrentado vários surtos epidêmicos no início do século XX, tais como a peste bubônica, febre amarela, varíola e a precariedade da assistência médica presente na cidade<sup>68</sup>, apenas na década de 60, época de seu centenário é que Campina Grande é beneficiada com a sua Faculdade de Medicina, mesmo assim as epidemias continuaram a persistir naquele espaço, porém, outras moléstias tais como, meningite, sarampo, hepatite, febre tifóide, além da varíola que continuou aterrorizando a população campinense.

Convém ressaltar que neste período a cidade “já dispunha do Hospital Dom Pedro I, da Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, de um hospital de Pronto Socorro e de uma Maternidade Municipal”<sup>69</sup> como espaços para os cuidados com a saúde. Além destes espaços, já existia em Campina Grande, desde a década de 50, o Hospital IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado), o qual já era “muito bem aparelhado e permitiu o desenvolvimento técnico da medicina que veio a ser praticada em Campina Grande, tendo ainda possibilitado a vinda para esta cidade, em caráter temporário ou permanente de grandes especialistas em vários ramos da ciência médica.

De acordo com um estudo, realizado em Campina Grande em 1963, pela Academia Brasileira de Administração Hospitalar Assistência, “muito embora o município tenha sido elevado à categoria de Cidade em 1864, somente em 1932, com a instalação e funcionamento do Hospital Pedro I, pela

---

<sup>68</sup> Sobre as epidemias que amedrontaram tanto a cidade de Campina Grande como a capital paraibana no início do século XX, recomenda-se a leitura do texto escrito por Lenilde de Sá, o qual enfoca sobre a peste bubônica. Neste sentido, leia: SÁ, Lenilde Duarte de. “1912: O ano que a peste bubônica atingiu Campina Grande e amedrontou a cidade da Parahyba”. In: **Saeculum- Revista de História**. N. 6/7- Jan/ Dez. 2000/2001, p. 183-194.

<sup>69</sup> LOPES, Stênio. **Campina: Luzes e Sombras**. Campina Grande: Grafset, 1989. p. 112.

Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi que teve início, naquele município, a prestação de cuidados médicos-hospitalares à população”<sup>70</sup>.

Mas segundo, esse mesmo estudo, na década de 60 apenas o Hospital Alcides Carneiro, era o único hospital desta cidade que apresentava melhores condições de assistência médica, visto que nos demais hospitais faltavam pessoas especializadas na área médica, além disso, os serviços prestados eram insuficientes para atender a população campinense. Todavia, de acordo com a mesma pesquisa, o Hospital Alcides Carneiro era o único hospital que prestava atendimento odontológico e que apresentava um “perfeito serviço ambulatorial, com atendimento regular, com clínicas perfeitamente diferenciadas e com seguimento médico”<sup>71</sup>.

Concluído este estudo sobre a rede-hospitalar de Campina Grande, os pesquisadores chegaram à conclusão de que a cidade necessitava de uma Faculdade de Medicina, mencionando que “vale destacar a oportunidade de se promover a instalação no município de Campina Grande, de uma Faculdade de Medicina”<sup>72</sup>. Notemos que, durante esta pesquisa, em Campina Grande ainda não estava em funcionamento o Hospital da FAP, pois este foi inaugurado quatro anos após a pesquisa realizada na cidade.

Na fotografia que se segue, percebemos a intencionalidade do fotógrafo em registrar o prédio em que funcionava o Hospital Alcides Carneiro, antigo IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado), exibindo um local com árvores próximas. Esse hospital é o espaço que serve de estágio para os alunos de Medicina exercer suas práticas médicas na atualidade. Os jornais da década de 60 enfatizavam que neste espaço eram realizadas algumas palestras que tratavam sobre as patologias existentes na cidade, como exemplo pode ser citado a palestra que abordou a paralisia infantil, na qual os médicos discutiram sobre a vacina que combatia esta enfermidade<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> Sobre este estudo sobre assistência hospitalar em Campina Grande, na década de 60 recomenda-se a leitura de: ROSA E SILVA, Geraldo J. VALENTE, Arnê de Oliveira. **Estudo da Rede médico-hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação e Cultura.** Departamento de Imprensa Nacional, 1965, p.17.

<sup>71</sup> Idem, p.49.

<sup>72</sup> Idem, p.119.

<sup>73</sup> “Poliomielite e vacina Sabin: o tema da palestra no IPASE. **Diário da Borborema.** 11 de Ago. de 1967.



**Fig. 02.** Imagem do Hospital Alcides Carneiro, um dos mais conceituados hospitais da cidade de Campina Grande nas décadas de 1960 e 1970. **Fonte:** Arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

De acordo com Michel Foucault (1984), o hospital foi uma instituição que passou por algumas modificações no século XVIII, ressaltando que antes deste século o hospital era um local destinado a abrigar pobres e mendigos, com o intuito de retirá-los do contato com a população francesa daquela época. Além disso, esse espaço era visto como local de doentes que estavam próximos da morte. A partir do século XVIII, o hospital passa a contar com o auxílio de médicos e sua funcionalidade, além de tratar o doente, buscando a cura deste, passa a ser também um espaço de transmissão do conhecimento da Medicina<sup>74</sup>.

Construído na década de 50, o Hospital do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado), um dos mais antigos hospitais da cidade, era um espaço restrito aos servidores federais e aos militares, mas em anos posteriores à sua fundação, foi aberto ao público em geral, tornando-se depois o Hospital Universitário da cidade<sup>75</sup>.

O Hospital da FAP, construído na década de 60, através do auxílio de verbas holandesas, esse espaço foi de extrema importância para o

<sup>74</sup> FOUCAULT, Michel. O Nascimento do hospital. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal 4.edição, 1984, p.101.

<sup>75</sup> Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro.

ensinamento das aulas práticas da Medicina, visto que foi este Hospital que serviu para os estagiários praticarem seus saberes médicos, atendendo aos pacientes que freqüentavam este espaço. Esta casa de saúde tinha convênio com a Faculdade de Medicina, sendo o primeiro Hospital-escola desta instituição, e depois substituído pelo Hospital Alcides Carneiro. De acordo com a senhora Maria Lúcia, o Hospital da FAP:

(...) era muito bem conceituado, que foi no tempo (...) das enfermeiras que vinham da Holanda, desse pessoal estrangeiro que vinha, era um Hospital de referência mesmo, era o Hospital da FAP. (...) A questão de Medicina era só a Faculdade de Medicina e o Hospital da FAP, depois foi que entrou o Hospital Alcides Carneiro, né. Aí, conseqüentemente a maternidade, aí foi convencionando e crescendo, né<sup>76</sup>.

No ano de 1967 foram publicadas em algumas matérias do Jornal Diário da Borborema a construção do Hospital da FAP, o qual foi erguido com o subsídio de verbas holandesas. Liderado pelo médico holandês Dr. Cornelius Rujter, o qual durante a sua primeira vinda à Campina Grande, em 1961 para prestar um serviço de enfermagem, presenciou o trabalho de algumas enfermeiras, que com ele vieram. Essas profissionais se deslocavam a pé para prestarem serviços em locais distantes. Entretanto, para esse médico era um trabalho de difícil acesso para essas moças e, então ele recomendou que as enfermeiras retornassem à Holanda e que no lugar delas providenciaria que outras viessem para Campina Grande, continuar o serviço assistencial, sendo acompanhadas pela própria esposa do médico. No entanto, segundo narrações do jornal o médico decidiu instalar, primeiramente um hospital infantil, mas, depois mudou de opinião e achou melhor edificar um Hospital Geral, o qual seria o Hospital da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba), que daria assistência não apenas às crianças, mas também a homens e mulheres da cidade<sup>77</sup>.

Em Campina Grande, no estado brasileiro da Paraíba, realizou-se nos seis anos que passaram um projeto importante no setor da saúde pública. O médico haitense Dr. C.W. de Rujter e sua esposa

---

<sup>76</sup> Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva, funcionária do Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>77</sup>“Hospital de Bodocongó é uma obra holandesa para o Brasil”. **Diário da Borborema**. Abr. de 1967.



construíram ali um hospital, uma escola e mais alguns edifícios dependentes(...). Dr. (ao mesmo tempo médico) C. de Ruijter visitou em 1961, quando ia a um congresso de medicina em Nova Iorque, algumas enfermeiras holandesas, as irmãs Pasma e Werner. Antigamente pertenciam a Cruz Branca-Amarela da Holanda do Sul. Dr. Ruijter era da diretoria desta instituição. Estas duas enfermeiras começaram seu trabalho dedicado em 1954, na cidade de Campina Grande, que fica num território muito extenso e gravemente subdesenvolvido. Dr. Ruijter visitou-as em 1961 e ficou ali. Ele e sua esposa<sup>78</sup>.

Que interesses tinha este médico holandês em instalar esse hospital em Campina Grande? Será que era para atender a população campinense ou para ele atuar como médico na cidade, e fazer da “Rainha da Borborema” seu novo lugar para viver? Pois, os interesses deste médico nos fazem levantar estas questões, visto que quantos médicos de outros Estados vieram atuar e continuam atuando em Campina Grande.

Enfatizando sobre a vinda dos holandeses para Campina Grande, o Senhor José da Guia Carneiro lembrou que a história dos holandeses, nesta cartografia urbana, se assemelha “com os padres que chegaram ao Brasil, catequizando, criaram a escola redentorista”, além do Hospital da FAP.

Com a ajuda de algumas entidades filantrópicas holandesas, esse médico conseguiu construir o Hospital da FAP, às quais doaram equipamentos para o funcionamento deste espaço. Esse médico informou que Campina Grande necessitava urgentemente de um Hospital Geral para melhor atender seus habitantes, os quais sofriam por causa da fome, da miséria, das doenças e da mortalidade infantil, devido às precárias condições em que viviam alguns habitantes desta cartografia urbana<sup>79</sup>.

Levando em consideração as várias possibilidades de leituras de uma fotografia, Luciene Lehmkuhl (2010) chama atenção para “a necessidade de decodificação dos elementos constitutivos da imagem”<sup>80</sup>. Elementos, esses que podem ser notados a partir do assunto que o fotógrafo quis registrar.

Na fotografia abaixo, podemos perceber a representação do Hospital da FAP com vistas para a paisagem urbana da cidade de Campina Grande. Além

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> LEHMKUHL, Luciene. “Fazer história com imagens”. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues. LEHMKUHL, Luciene(orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: mercado de letras, 2010, p.59.

disso, foram registrados os automóveis, os quais representavam um dos signos modernos da década de 70.

Esta fotografia reforça, ainda, o depoimento de José da Guia Carneiro, o qual informou que quase não havia prédios altos na cidade nesta época. Observamos ainda, aspectos de uma cidade que crescia, mas ao mesmo tempo apresentava características de ruralidade. No entanto, a imagem exhibe muitas casas construídas e o Hospital da FAP em destaque, com carros estacionados, os quais eram modernos para a época, porém, no lado esquerdo da fotografia vemos um matagal significando que a cidade tinha ainda seu aspecto rural, mesmo com as instalações de instituições e equipamentos modernos para o período.



**Fig.03.** Vista do Hospital da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba) em 1976, Hospital-Escola que serviu para as aulas práticas, tais como cirurgia, para os alunos da Faculdade de Medicina de Campina Grande. **Fonte:** Arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

O estudo realizado em Campina Grande em 1963, antes da construção do Hospital da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba), concluiu que a rede hospitalar de Campina Grande, naquela época se concentrava no centro da cidade, local em que residia a camada mais abastada desta urbe. O estudo, realizado em 1963, nos informou que era fácil identificar:

um núcleo hospitalar, situado no bairro de São José, próximo ao centro da cidade, pois nele estão concentrados o Hospital Alcides Carneiro, o Hospital Pedro I, o SAMDU (Serviço de Assistência

Médica Domiciliar e de Urgência) e o Hospital de Pronto Socorro. Essa zona é considerada como de moradia de pessoas da classe média. Ainda próximo ao centro da cidade, em zona conhecida como de pessoas abastadas, estão localizadas a Maternidade Elpídio de Almeida e a Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro. A única unidade assistencial afastada do centro é o Instituto de Neuropsiquiatria e Reabilitação, o qual se acha sediado no bairro da Liberdade, zona pobre da cidade<sup>81</sup>.

Neste sentido, apenas por volta da década de 60 é que foram construídos outros hospitais, tais como o Hospital Antônio Targino<sup>82</sup> (1965), destinado à área de ortopedia, o Hospital da FAP (1967) no bairro de Bodocongó, e o Hospital da CLIPSI (Clínica e Pronto Socorro Infantil) (1967), referência na saúde da criança, localizado no centro da cidade. Com isso, percebemos que a concentração da rede-hospitalar campinense continuou sendo instalada próxima ao centro da cidade, com apenas algumas exceções como é caso do Hospital da FAP, o qual foi construído próximo à Faculdade de Medicina de Campina Grande.

#### **2.4. O caso do Dr. Cornelius Ruijter: Um Hospital para uma cidade miserável?**

Um caso que indignou os representantes da cidade de Campina Grande ocorreu em 1967, e teve como principal personagem o Dr. Cornelius Ruijter, médico holandês que deu início a construção do Hospital da FAP com o auxílio de verbas de seu país. Fato marcante foi publicado no Jornal Diário da Borborema, em que este veículo publicou a tradução de uma entrevista dada pelo médico ao jornal holandês “Clamavi”.

Nesta entrevista, o médico mencionava que a cidade de Campina Grande era repleta de miséria e falta de higiene, daí os elevados índices de mortalidade na cidade, principalmente a infantil. Ele enfatizou ainda que desejava construir um hospital na cidade para suprir os problemas da saúde

---

<sup>81</sup> ROSA E SILVA, Geraldo J. VALENTE, Arnê de Oliveira. **Estudo da Rede médico-hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação e Cultura.** Departamento de Imprensa Nacional, 1965, p.22.

<sup>82</sup> “Hospital Antonio Targino já tem a sua história”. **Diário da Borborema.** 5 de Abr. de 1967.

infantil, mas decidiu construir um hospital que atendesse tanto aos homens, quanto às mulheres e às crianças. Esse hospital, segundo o médico seria um espaço construído de tijolos, possuindo 106 leitos, contendo “uma policlínica, uma lavanderia, uma oficina, uma casa para enfermeiras com escola de enfermagem”.<sup>83</sup>

Aos olhos deste médico holandês, Campina Grande não estava tão em ritmo de progresso, como a elite local expunha no jornal que circulava na cidade, pois este veículo de comunicação informava a visão de Cornellius para com esta urbe, em que este médico enfatizou que neste centro urbano havia muita pobreza e miséria, habitações precárias e problemas relacionados ao saneamento básico, que ocasionava no aumento da mortalidade infantil. Comparando a extensão territorial da cidade de Campina Grande a uma província holandesa, o médico mencionou o seguinte:

A cidade de Campina Grande é do tamanho da Província de Utrecht. E' portanto, uma cidade muito extensa. Em superfície corresponde a Londres e arredores, mas o número de habitantes é de apenas 200.000. Deles, três quartas partes vivem em bairros decaídos, em casa de taipa sem instalação(sic) sanitária alguma, sem aquecimento, água, gás, luz, esgoto e o que faz parte de uma casa holandesa. As ruas esburacadas servem ao mesmo tempo de esgoto. A penúria dói. As famílias têm u'a média de 3 ou 4 crianças, mas são os que 'sobraram' do total de 10, 12 ou 14. E' quase uma imagem diária: u'a mãe triste que anda pelas ruas e segura um caixãozinho debaixo do braço...<sup>84</sup>

Além de focar a miséria da cidade, o médico holandês mencionou que a população era composta em sua maioria de analfabetos, vivendo principalmente da agricultura. Porém, a cidade possuía poucas indústrias e um pequeno comércio, sendo que a grande maioria da população estava desempregada<sup>85</sup>. Nas palavras do médico holandês, o *Jornal Diário da Borborema* publicou o seguinte:

A população de Campina Grande é naturalmente pela metade analfabeta. Ganham a vida trabalhando na agricultura; há uma

<sup>83</sup> “Médico diz que só há somente miséria em Campina”. *Diário da Borborema*. 16 de Jun. de 1967.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Idem.

indústria modesta e um pouco de comércio, mas a maior parte dos homens está desempregada. O número de mendigos é muito elevado. A situação higiênica precária é causa de muitas doenças: disentera(sic), doenças causadas por vermes, edema que provém da fome, tracoma. Os homens muitas vezes vão procurar trabalho em outra parte e não voltam mais. A juventude em muitos casos é abandonada. O número de crianças que nascem e morrem é muito elevado, como já dissemos<sup>86</sup>.

Além dos problemas relacionados à saúde pública da cidade, nesta cartografia urbana eram freqüentes na década de 60 e 70 doenças causadas por vermes, como a esquistossomose, patologia esta que causou a internação da funcionária Rosicléa no Hospital da FAP no ano de 1968, assunto que será abordado no terceiro capítulo desta pesquisa.

O que podemos interpretar deste fato é que, ou o Dr. Cornelius Ruijter desejava conseguir verbas para ajudar na construção do Hospital, utilizando esta estratégia para comover as instituições filantrópicas holandesas, ou a cidade de Campina Grande não era tão moderna e civilizada como pronunciavam os jornais. Contudo, devemos levar em consideração que esta observação não é de um habitante campinense, mas de um estrangeiro que visita a cidade e a observa de forma distinta dos sujeitos que nela habitam, pois se para os representantes da cidade, esta cartografia estava progredindo, para o médico holandês esta não passava de uma mísera cidade. O próprio médico em entrevista ao jornal holandês “Clamavi”, mencionou que “Campina Grande é na verdade uma campina grande”<sup>87</sup>, menosprezando o suporte de cidade civilizada, moderna e desenvolvida mencionada pela elite desta urbe. Logo, esta observação do holandês sobre esta cartografia incomodou os representantes locais, que pediram explicações sobre o caso, que para eles era um absurdo, exibir a imagem de Campina Grande por esse ângulo.

Vale salientar que no jornal do dia seguinte, o vereador João Nogueira de Arruda, representando à Câmara municipal da cidade pede explicações a respeito do fato, enviando um requerimento, o qual solicitava a presença do

---

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> “Hospital de Bodocongó é uma obra holandesa para o Brasil”. **Diário da Borborema**. Abril de 1967.

médico para esclarecimentos, visto que ele estaria denegrindo a imagem de Campina Grande, cidade que a elite campinense teimava em dizer que estava em pleno progresso:

(...) tais comentários deprimem contra os nossos foros de cidade civilizada; considerando que as alegações feitas pelo jornal holandês não traduzem, em absoluto a verdade da realidade campinense, se considerarmos que aqui não existe uma indústria modesta, nem pouco comercio; considerando que numa cidade onde funcionam duas das mais importantes escolas superiores integrantes da Universidade Federal da Paraíba e a própria Universidade Regional do Nordeste, com diversas escolas superiores já em funcionamento, não pode haver, como diz o jornal estrangeiro, uma população analfabeta pela metade, considerando, finalmente, que tais afirmativas são atribuídas ao campinense honorário Cornellijs de Rujter<sup>88</sup>.

O médico holandês Cornelius negou as acusações dizendo que o tradutor do jornal não soube traduzir para o português. Parando para refletir sobre o caso, pensemos: Ele não seria tão ingênuo para discordar dos representantes campinenses, os quais o pressionaram para saber se o Doutor Cornelius teria, realmente, divulgado no jornal de seu país, uma imagem negativa da cidade de Campina Grande para os holandeses, pois para a elite campinense, o médico poderia denegrir a imagem que foi construída sobre a cidade de Campina Grande, como sendo progressista, civilizada e moderna.

## 2.5. Bem vindo ao *Chez Mói*: Atendimentos aos populares

Semelhante ao que executa, atualmente, os alunos do curso de Odontologia da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), servindo à população de Campina Grande com serviços gratuitos para tratamento da saúde bucal da população da cidade, os estudantes do curso de Medicina das décadas de 60 e 70 prestavam serviços à população campinense através do

---

<sup>88</sup>“Ruijter nega entrevista sobre Campina”. **Diário da Borborema**. 17 de Jun. de 1967.

Hospital da FAP, onde as pessoas podiam ser atendidas gratuitamente pelos médicos e estagiários da Faculdade:

(...) nesta parte aí é sempre, por exemplo, na época era a FAP, né. Tinha um pessoal carente e corria pra lá que tinha o médico, tanto da escola né, como os médicos tinha aquela abrangência de (...) das atividades práticas né, com o colega lá profissional. O pessoal carente ser mais procurado lá, como hoje é o Hospital Universitário, mas houve uma época ali na Palmeira que não estou lembrado o nome da rua que chamava Liga Campinense que era o tratamento sobre a Tuberculose e tinha convênio com o CCBS. (...) <sup>89</sup>.

No Hospital da FAP havia um espaço, denominado *Chez Mói*<sup>90</sup>, popularmente chamado de “*charmuá*”, pelos funcionários da época. Neste espaço, as pessoas poderiam ser atendidas e diagnosticadas, tendo um atendimento médico gratuito, principalmente os populares, que não tinham condições de pagar uma consulta ou um tratamento médico.

Com isso, era neste local onde os alunos e professores de Medicina “atendiam os pacientes, conseqüentemente cada professor tinha a sua turma de alunos para assistir o atendimento”<sup>91</sup>. Neste espaço havia atendimento para crianças, gestantes, dentre outros serviços. De acordo com a professora Maria José, muitos médicos que atuavam em Campina Grande iam estudar na Europa e traziam novas idéias para esta cartografia urbana. Foi, dessa forma, que um dos estabelecimentos que compunham o Hospital da FAP recebeu esse nome, *chez mói*, o qual significava que o paciente deveria se sentir bem naquele espaço, onde ele seria bem recebido pelos médicos. Conforme nos informou a professora Maria José o *Chez Mói* significa:

Minha casa, meu lugar, uma coisa assim. É que muita gente, a grande maioria fez curso na França. Dr. Virgílio Brasileiro, Dr. Firmino, etc, e *chez mói* é um nome, minha casa, para mim, *chez mói*, então tinha um funcionário que chamava *charmuá* e deixaram esta palavra brasileira. Na verdade, o *chez mói* era uma casa, uma residência do médico, que morava lá. Durante muito tempo morou Dr.

<sup>89</sup> Entrevista concedida por Severino Jorge de Paula. Sobre a Liga Campinense de Combate à Tuberculose que funcionou no bairro da Palmeira e foi construída durante a administração do prefeito Elpídio de Almeida, durante os anos 40 do século XX, recomenda-se: BRASILEIRO-SILVA, Antonio Virgílio. O Médico Elpídio de Almeida. In: **Revista do IMIP** (Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Vol.08- N. 01. Jul de 1994-p. 82. Ainda sobre a Liga Campinense de Combate à Tuberculose ler também: Livro memorial do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano). Disponível em: [www.ihgp.net/memorial3.htm](http://www.ihgp.net/memorial3.htm).

<sup>90</sup> Expressão francesa que significa “minha casa”.

<sup>91</sup> Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva.

Suassuna, Umberto Suassuna.(...) Pertencia a FAP, era uma residência.(...) Era do médico que tinha que residir no lugar. (...) Tinha ambulatórios. (atendimento) gratuito. Era por isso que chamava *chaz mói*, era a casa, o médico tinha que morar lá, na Fundação. Aí tinha um funcionário que chamava *charmuá*, e foi ficando *charmuá*, mas era *chez mói*. (...) *Chez mói*, pra mim, uma coisa pra mim, como se fosse minha casa, o significado era assim minha casa<sup>92</sup>.

Além do paciente, que deveria sentir em casa quando fosse atendido no *chez mói*, também havia médicos que residiam naquele espaço e que fazia daquele local como se fosse sua casa, onde ele se sentisse à vontade com as suas visitas, às quais seriam seus pacientes.

Nesta fotografia, notamos que há a presença de uma mulher, que possivelmente seja a enfermeira que iria receber o público o qual esperava para ser atendido. Além disso, a imagem dá a entender que as crianças estão acompanhadas por suas mães, às quais, possivelmente, tenham sido levadas para serem vacinadas, pois eram realizadas campanhas de vacinação naquele espaço, o qual era, conforme o funcionário José da Guia Carneiro, referência no atendimento infantil, devido à qualificação de alguns médicos especializados na área da Pediatria, a exemplo do Dr. Virgílio Brasileiro.



**Fig.04.** Atendimento ao público infantil e às gestantes no Hospital da FAP no ano de 1976.  
**Fonte:** Arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

<sup>92</sup> Depoimento da médica e professora Maria José Moreira de Assis.



De acordo com o funcionário do Laboratório de Anatomia Severino Jorge de Paula, o “charmuá”, assim popularmente chamado pelo entrevistado, era um local em que havia atendimento para a população, inclusive para as crianças, que eram atendidas pelos médicos do curso de Medicina de Campina Grande<sup>93</sup>.

De acordo com Fernando Queiroga o *Chez Mói*<sup>94</sup> popularmente falando era um ambulatório de Clínica Médica, onde os alunos de Medicina, a partir do quarto ano acompanhavam os professores, estudando as disciplinas da prática médica, considerando que até o terceiro ano, o aluno dedicaria mais às aulas teóricas, sendo às aulas práticas mais recorrentes nos três últimos anos do curso. No *Chez Mói* os alunos acompanhavam a história clínica do paciente. Conforme o médico o *Chez Mói* seria um ambulatório geral, “uma espécie de triagem inicial, pois os casos que não fossem resolvidos naquele espaço seriam encaminhados para os ambulatórios das especialidades, os quais funcionavam em outro bloco do Hospital da FAP, o qual havia ambulatórios de diversas especialidades, tais como Ortopedia, Ginecologia, Otorrino e Reumatologia, todos esses serviços gratuitos para a população, o qual atraía muitos pacientes, principalmente pessoas que vinham do interior da Paraíba à procura de atendimento médico. Naquela época, as pessoas que não tinham plano de saúde, nem condições de pagar um tratamento particular, seriam atendidas no Hospital da FAP, com o auxílio do Funrural( Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural), o qual seria o precursor do SUS(Sistema Único de Saúde). Segundo Dr. Fernando Queiroga, as pessoas eram bem atendidas, e os estudantes que lá atuavam em seus estágios eram supervisionados por especialistas e professores da Faculdade de Medicina de Campina Grande.

Pensando como Luciene Lehmkuhl(2010), à qual enfatiza que o historiador deve “olhar atentamente os objetos e imagens”<sup>95</sup>, observamos, dessa forma, esse local, registrado na fotografia, onde alguns populares

---

<sup>93</sup> Depoimento de Severino Jorge de Paula.

<sup>94</sup> Passarei a adotar a palavra *Chez Mói* para referir ao ambulatório que atendiam populares no Hospital da FAP.

<sup>95</sup> LEHMKUHL, Luciene. “Fazer história com imagens”. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues. LEHMKUHL, Luciene (orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: mercado de letras, 2010, p.61.

esperavam serem atendidos, possivelmente seja o *chez moi* enfatizado pelos entrevistados, visto que era neste local que o público pobre poderia ser atendido gratuitamente. Na imagem, notamos algumas pessoas com rostos cansados, provavelmente tenham esperado por muito tempo para serem recebidas, pois sabemos como os pacientes que procuram serviços de saúde gratuitos o quanto enfrentam filas, o que faz com que o atendimento médico seja demorado. Além disso, observamos no lado direito da fotografia mulheres, portando lenços na cabeça, que, possivelmente, estejam conversando, enquanto no lado esquerdo um homem com braços cruzados, portava um chapéu. Tanto o uso do chapéu pelos homens e de lenços pelas mulheres, simbolizavam a moda da década de 70 em Campina Grande.



**Fig. 05.** Pessoas à espera de atendimento médico. (Ano 1976). **Fonte:** Arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

Neste sentido, torna-se evidente que a fotografia acima registrou pessoas comuns, esperando para serem atendidas pelo médico no local pertencente ao Hospital da FAP. Esse atendimento não ficava apenas restrito ao pessoal mais carente, mas também aos funcionários da Faculdade de

Medicina que desejassem ou precisassem de um atendimento médico gratuito. Conforme José da Guia Carneiro, “geralmente era o pessoal da periferia ou senão gente que ia lá fazer consulta”<sup>96</sup> ou até mesmo os próprios funcionários que precisassem ser atendidos no Hospital da FAP. A partir do depoimento do funcionário, poderíamos dizer que esses sujeitos da periferia, poderiam ser as “cobaias” dos estagiários do curso de Medicina, que aplicariam seus conhecimentos teóricos nas práticas médicas, a exemplo das cirurgias.

Portanto, podemos dizer que com esta instituição, os médicos locais tentariam diminuir os altos índices de mortalidade, dando uma melhor assistência médica para a sua população. Além disso, com a instalação de uma Escola Médica, Campina Grande passaria a ser vista como espaço que atrai estudantes de diversos Estados do Nordeste, diminuindo o fluxo de estudantes campinenses, principalmente da elite, que se deslocava para outros centros em busca do tão sonhado título de “Doutor”. Vale ressaltar que foi pouco o número de populares que conseguiu estudar no curso de Medicina em Campina Grande, nas décadas de 60 e 70.

No entanto, não podemos negar que os serviços prestados nos Hospitais, como o da FAP, com o auxílio dos alunos de Medicina que faziam estágio, fizeram com que os populares tivessem acesso a um serviço público e de qualidade, através do *Chez Mói*, como narraram as pessoas que foram internadas nestes locais, como veremos ao longo deste trabalho.

A partir dos relatos orais de memórias e dos jornais, percebemos ainda, uma mudança do olhar sobre o corpo dos indivíduos, ocorrendo, pois mudanças de sensibilidade, pois o cuidado com o corpo passa a ser um dos temas recorrentes nos jornais da época, com a medicina preventiva, através das campanhas de vacinação, e com o auxílio do *Chez Mói*, os campinenses puderam levar seus filhos para prevenir seus corpos das patologias que pudessem prejudicar a sua saúde.

Além disso, esperava-se também que com esta instituição ocorresse um aumento na expectativa de vida, pois esta escola seria um espaço para pesquisar as patologias que levavam o doente à morte, e com isso, para prevenir era necessário o estudo do corpo em laboratórios para entender

---

<sup>96</sup> Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro.

melhor o seu funcionamento. Descoberto os causadores das patologias, tentariam tomar medidas que prevenissem o corpo das doenças, aumentando seus anos de vida, e concomitantemente, prolongando as mortes dos indivíduos.

Assim sendo, não podemos negar, que mesmo a elite constituindo a maior parcela da sociedade que teve acesso ao ensino desta instituição, a cidade tornou-se referência no ensino, o que depois levaria o nome de urbe que destaca no ensino superior, atraindo alunos de outros Estados para a “Rainha da Borborema”. Segundo os depoimentos, na época em que a Faculdade era particular ela era bem reconhecida, devido ao empenho dos professores. Sobre isso, ouvimos não apenas dos indivíduos que fizeram parte da história desta instituição, mas também de pessoas que foram atendidas pelos médicos estagiários da Faculdade durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

### **3. FORMANDO NOVOS ESCULÁPIOS: O ENSINO DA MEDICINA EM CAMPINA GRANDE**

#### **3.1. Faculdade de Medicina: espaço de poucos populares e muitos ricos**

Caminhando pelas instalações da Faculdade de Medicina de Campina Grande convidamos caro leitor, a adentrar em alguns espaços onde os alunos e professores percorriam no seu cotidiano fazendo experiências químicas, dissecações dos cadáveres, como também aulas teóricas e práticas nas salas de aulas ou em salas cirúrgicas, neste último caso, realizadas no Hospital da FAP. Conheceremos estes espaços a partir dos relatos do médico Fernando Queiroga, que foi aluno da instituição, da professora Maria José e dos funcionários José da Guia Carneiro e Maria Lúcia. Além de fotografias que foram registradas naquele espaço, durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

Para isso, recorreremos ao conceito de espaço praticado, abordado por Michel de Certeau<sup>97</sup>, o qual enfatiza que o espaço é um lugar de práticas, onde os usuários vivenciam e exercem suas dinâmicas de movimento, sendo assim “o espaço é um cruzamento de móveis”. Pensando, a Faculdade de Medicina enquanto espaço praticado, abordaremos, neste capítulo, como os alunos, professores e funcionários desta instituição, nas duas décadas analisadas nesta pesquisa, se apropriaram daquela Escola Médica, assistindo aulas, trabalhando em laboratórios ou nos hospitais. Como era o cotidiano de um aluno de Medicina? Como era a relação do aluno quando se deparava com o cadáver? Por que a Faculdade de Medicina recorreu aos professores de Recife e não aproveitou os médicos que aqui já atuavam?

Na Paraíba, durante grande parte do século XX, o curso de Medicina se restringia a uma pequena parcela da população, pois era um curso considerado

---

<sup>97</sup> CERTEAU, Michel. Relatos de espaço. In: **A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. 2ª. Edição, Petrópolis: Vozes, 1996, p.202.

elitista, visto que os gastos com livros e instrumentos médicos faziam com que as pessoas menos favorecidas economicamente desistissem de cursar esse campo do saber. Além disso, algumas Faculdades Médicas implantadas no Brasil, inicialmente eram particulares, o que restringia ainda mais o acesso ao ensino médico.

Conforme Lilia Moritz Schwarcz (2000), desde as primeiras Faculdades de Medicina, como a do Rio de Janeiro, construída no século XIX, foram escolas freqüentadas, principalmente por alunos que tinham um elevado poder aquisitivo<sup>98</sup>. Além da Faculdade do Rio de Janeiro, a da Bahia, também foi instalada com a intencionalidade de formar espaços de pesquisa científica, para diminuir os altos índices de surtos epidêmicos no Brasil, acreditando que com os estudos pudessem diminuir as mortes causadas por certas doenças, como a febre amarela, tuberculose, varíola dentre outras.

No entanto, a construção de Faculdades de Medicina na segunda metade do século XX, mais especificamente nas décadas de 60 e 70, foi arquitetada com o intuito de que essas escolas de nível superior, pudessem ajudar no desenvolvimento econômico do país, pois nestes espaços poderiam ser realizadas pesquisas que levariam o Brasil ao progresso tão desejado pelos militares que governavam o país naquela época.

De acordo com Queiroz e Silva (1999) na década de 60 “Campina Grande perde a patente de uma cidade comercialmente desenvolvida e conquista o título de uma cidade culturalmente desenvolvida”, pois conforme esta historiadora a cidade passa a se destacar no setor educacional. “Basta ver a fundação da URNE (Universidade Regional do Nordeste), da UFPB-Campus II, da TV Borborema e do Teatro Municipal Severino Cabral, nesse momento histórico”<sup>99</sup>.

Tanto é que nas décadas analisadas ocorreu uma proliferação de universidades no Brasil, como as Faculdades de Medicina, que ajudariam no desenvolvimento econômico do Brasil, principalmente após 1964, com os ideais de modernização e progresso buscado pelos militares que governavam o

---

<sup>98</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Faculdades de Medicina ou como sanar um país doente. In: **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.197.

<sup>99</sup> QUEIROZ E SILVA, Keila. Sem lenço e sem documento: mulheres de 60, filhas de um novo tempo?. In: **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba**. (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 1999, p.111.

país nestas décadas.<sup>100</sup> E viam na educação, uma das estratégias de levar o país ao progresso. Mas progresso pra quem? Para os detentores do poder?

Neste contexto, Campina Grande, nesta década se desenvolvia no setor educacional, uma vez que além das escolas primárias e secundárias, a cidade já possuía a Escola Politécnica<sup>101</sup>. E outras faculdades, tais como a de Serviço Social, Ciências Econômicas, e em 1964 a Faculdade de Medicina que passaria a funcionar apenas em 1968.

Conforme Nóbrega (1980), os estudantes paraibanos não deveriam ficar eternamente sujeitos ao ensino de Recife, uma vez que deveria construir a própria Faculdade de Medicina em terras paraibanas, pois a Paraíba necessitava de independência cultural e não ser sempre dependente da capital pernambucana<sup>102</sup>.

Entretanto, não foi realmente isso o que ocorreu quando foi instalada a Faculdade de Medicina em Campina Grande, que continuou dependendo dos professores da Universidade Federal de Pernambuco para que ela pudesse funcionar. Dessa maneira, nas primeiras décadas do curso, o ensino médico da cidade dependeu completamente da Faculdade de Medicina de Recife, pois além de professores que vieram ministrar as aulas, foram transportados também desta instituição cadáveres que serviram para a instalação dos laboratórios de Anatomia.

Além disso, na década de 60, com “o advento da Universidade Federal em 1961 e, mais particularmente, a instalação do seu Campus de Campina Grande e o fortalecimento do mesmo nos anos 70”, deram novos rumos ao desenvolvimento da cidade, na medida em que esse centro urbano passa a ser visto como urbe que se destacava no ramo da educação<sup>103</sup>.

Segundo Luiz Antonio Cunha (2000) “a grande expansão do ensino superior no período posterior ao golpe militar de 1964 resultou da substituição

---

<sup>100</sup> BUENO, Ronaldo da Rocha Loures. PIERUCCINI, Maria Cristina. **Abertura de Escolas de Medicina no Brasil: Relatório de um cenário sombrio**. Janeiro de 2004. Disponível em [www.amb.or.br](http://www.amb.or.br) Acesso em 27/02/2012.

<sup>101</sup> Sobre a instalação da Escola Politécnica na década de 50 em Campina Grande leia: TORRES, José Valmir Oliveira. **Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como pólo tecnológico (1952-1973)**. (Dissertação de Mestrado) UFCG: Campina Grande, 2010.

<sup>102</sup> NÓBREGA, Humberto. **História da Faculdade de Medicina da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1980, p.56.

<sup>103</sup> LOPES, Stênio. **Campina: Luzes e Sombras**. Campina Grande: Edição Grafset, 1989, p.79.

do regime de cátedras pelo regime departamental nas universidades públicas”, além do estímulo do governo militar em criar faculdades privadas, com o objetivo de incentivar os campos do ensino e da pesquisa.<sup>104</sup> Conforme Cunha (2000) o processo de modernização do ensino superior no Brasil, “teve seu momento mais forte na criação da Universidade de Brasília”<sup>105</sup>, à qual foi instalada em 1962, compondo, assim a primeira instituição de ensino superior da nova capital brasileira.

Neste sentido, observa-se nesta época o crescimento no âmbito educacional em várias cidades brasileiras, inclusive Campina Grande, visto que além das escolas de primeiro e segundo graus, a cidade passava a contar com instituições de ensino de nível superior<sup>106</sup>, o que depois iria formar o campus universitário.

Uma das colunas que compunha o jornal Diário da Borborema no ano de 1968, ano da reforma do ensino universitário, reforça a idéia de que este aperfeiçoamento no ensino universitário era uma espécie de pré-vestimento do país para o seu desenvolvimento, acreditando serem as universidades um espaço de saber que, com suas pesquisas realizadas, ajudaria na economia e na melhoria dos problemas sociais do Brasil<sup>107</sup>. Podemos enfatizar que a melhoria seria para uma pequena parcela da população brasileira, pois a maioria continuava enfrentando diversos problemas sociais como fome, faltam de assistência médica, precárias condições de habitações e de higiene.

Nos jornais da época, percebemos o engrandecimento da elite para com a cidade de Campina Grande, representando-a como cidade próspera que teria condições de construir uma instituição médica e que seu destaque era tão grande que apenas ela era a única urbe do interior nordestino que apresentava condições de instalar uma Faculdade de Medicina. As fontes evidenciam que ao longo da história da cidade, a elite quis construir uma imagem para esta cartografia como sendo um centro grandioso. No entanto, apenas para a elite,

---

<sup>104</sup> CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira (org). **500 anos de Educação no Brasil**. 2ª. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.192.

<sup>105</sup> Idem, p.173.

<sup>106</sup> “Médicos plantando para o futuro: Faculdade de Medicina”. **Diário da Borborema**. 4 de Jun. de 1966. Ainda sobre a reforma do ensino universitário no Brasil leia: BOMENY, Helena. “A Reforma Universitária de 1968: 25 anos depois”. Disponível em: [www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_04.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_26/rbcs26_04.htm). Acesso em 08 de Março de 2012.

<sup>107</sup> “Introdução à reforma do ensino”. **Diário da Borborema**. 26 de Ago. de 1968.



pois para alguns visitantes não passava de uma mera cidade do interior do Nordeste que se dizia “grande” em todos os aspectos, porém, a elite esquecia de enfatizar os problemas sociais, de fome e miséria, enfrentados pela população.

De acordo com José da Guia Carneiro, os poucos alunos populares que estudaram na instituição, muitos não tinham condições de se alimentar adequadamente, enquanto a camada mais abastada pela qual compunha a maior parcela de alunos da Faculdade de Medicina, usufruía de automóveis e apartamentos de luxo para a época:

quem tinha bolsa podia ser de uma classe média ou abaixo de média e também tinha a classe alta, né. A classe alta geralmente não tinha bolsa e era remunerado e não era barato não. Acontece que tinha estudante aqui que não tinha nem aonde comer, por exemplo, vivia em casa de estudante e, muitas vezes, ajudados pelos próprios colegas e tinha outros que tinha de tudo né. Tinha carro do ano, tinha hotel, tinha apartamento alugado, tudo. Em compensação tinha estudante aqui, que, por exemplo, que se sobressaía nas aulas, mas do que outros da classe alta. Então aqui aconteceu muito de estudantes da classe alta convidar eles pra estudar juntos e aproveitar. Os estudantes gostavam porque lá almoçava, lá jantava e assim viviam. (...) <sup>108</sup>.

No curso de Medicina era muito difícil o acesso de populares, pois se o aluno não tivesse condições de pagar a mensalidade, ele deveria buscar outras alternativas, tais como conseguir uma bolsa de estudo, porém, estas eram em pequena quantidade, o que fazia com que, muitos outros alunos procurassem outros cursos, como os da Escola Politécnica na época, bem reconhecido, entretanto muito concorrido.

Conforme os relatos orais, muitos dos estudantes que vieram estudar na Faculdade de Medicina de Campina Grande, um elevado número era das cidades sertanejas e de outros estados do Brasil, como o Estado do Ceará, que concentrava um contingente maior do que alunos da própria cidade de Campina Grande <sup>109</sup>, como ainda é assim, poucos são os alunos oriundos desta cartografia que freqüenta esta instituição médica.

Neste sentido, podemos observar que a Faculdade de Medicina de Campina Grande atraiu estudantes de vários Estados brasileiros,

---

<sup>108</sup>Entrevista concedida pelo senhor José da Guia Carneiro.

<sup>109</sup>Idem.

principalmente da região Nordeste, chegando até a ultrapassar o número de estudantes campinenses, visto que a maior concentração de alunos desta instituição passou a ser de alunos de outros centros urbanos. Segundo Maria Lúcia da Silva, a maioria que podia pagar “geralmente era mais filhos de médicos que já eram médicos”<sup>110</sup>. Não é de se estranhar que, anos após a instalação da Faculdade, muitos filhos de médicos seguiram a mesma carreira profissional de seus pais, exemplos que veremos neste capítulo.

Nesse sentido, o ensino médico em Campina Grande representaria o desenvolvimento educacional nesta cidade, à qual se adequava aos ideais de levar o Brasil pra “frente”<sup>111</sup>, slogan tão recorrente durante os anos de 1960 e 1970, época em que o país era governado por militares que desejavam exibir uma imagem progressista para a Nação. Contudo, o discurso da época abordava que o Brasil conseguiria se desenvolver através da educação e, foi neste contexto que nesse período histórico foram instaladas escolas primárias, secundárias e Faculdades que difundiriam o ensino superior no Brasil.

Entretanto quem teria acesso a esse ensino? Foram poucos os populares que conseguiram cursar uma Faculdade de Medicina, se comparada com a quantidade de estudantes pertencentes à elite, não apenas a de Campina Grande, mas as de outros centros urbanos que preencheriam as vagas do tão desejado curso de Medicina. Contudo, como sempre há exceções, e o médico Fernando Queiroga foi uma dessas, como veremos, no terceiro tópico deste capítulo.

### **3.2. Cada doente é um “Flash”: Entra em Cena José da Guia Carneiro**

Michel de Certeau(1990) nos informa que espaço é um lugar praticado, sendo que este espaço é um cruzamento de móveis, ou seja, este existe na medida em que ocorrem movimentos. Com isso, o espaço se torna um lugar praticado na medida em que seus usuários se movimentam e realizam suas

---

<sup>110</sup> Entrevista concedida pela senhora Maria Lúcia da Silva.

<sup>111</sup> Sobre o período militar no Brasil recomenda-se: FICO, Carlos. **Reiventando o Otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil.** Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

práticas cotidianas<sup>112</sup>. Considerando, a Faculdade de Medicina, enquanto um espaço praticado pelos alunos, funcionários e professores que percorriam aquela instituição no seu cotidiano, como o funcionário José da Guia Carneiro, o qual percorria tanto os espaços que compunha a Faculdade, como também os laboratórios e o Hospital da FAP, juntamente com os professores e alunos que estagiavam, pois a sua função naquela época era fotografar os doentes que estavam portando alguma patologia.

E, essas mesmas fotografias eram arquivadas para servirem de recursos didáticos para que o professor de Medicina ministrasse suas aulas e, com o auxílio do aluno iriam estudar os casos dos doentes. Segundo o Senhor José da Guia Carneiro, as fotografias eram produzidas com a permissão do doente, sendo tudo documentado e, em sala de aula não era identificado o nome do paciente.

Vale ressaltar que as fotografias eram de alta qualidade, tendo em vista, que na época grande parte das fotos que se registrava era de cores preta e branca, mas na Faculdade já tinha acesso a um processo de slides que registravam as fotografias coloridas. Conforme o funcionário, apenas a Faculdade continha aquele equipamento, pois as máquinas fotográficas daquela escola médica eram bem modernas para o período.

Sendo fotografado o paciente, as imagens eram encaminhadas para os professores, os quais teriam estas fotografias como recursos para ministrar as suas aulas. Caso interessante, mostra que o senhor José da Guia Carneiro tinha o conhecimento da técnica fotográfica, um saber que o fazia registrar os corpos dos doentes, como também da própria instituição e dos alunos e professores, além dos laboratórios que compunha esta instituição de ensino superior. Conforme o senhor José da Guia Carneiro:

praticamente fomos os pioneiros em fazer slides coloridos né. Era que naquele tempo não existia a foto colorido (sic), só existia a foto preto e branco. Quando era foto, era foto preto e branco. Agora como a gente inovou, usando slides colorido. Quer dizer era colorido, projetado tudinho, era como se fosse digital hoje. Era novidade da época<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> CERTEAU, Michel. Relatos de espaço. In: **A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. 2ª. Edição, Petrópolis: Vozes, 1996, p.202.

<sup>113</sup> Depoimento de José da Guia Carneiro.

Percebemos que na fala do funcionário, ele narra suas experiências fazendo uma escrita de si, enfatizando que apenas eles detinham a técnica e o saber fotográfico que poderia produzir as fotografias coloridas naquele momento histórico.

Para Portelli (1997) “um contador de histórias criativo ou um brilhante artista da palavra constituem fonte de conhecimento tão rica quanto qualquer conjunto de estatísticas”<sup>114</sup>. Esta abordagem de Portelli é pertinente para pensarmos a partir das palavras ditas por José Carneiro, o qual narrando suas vivências naquele espaço relatou também a sua própria história, fazendo, desse modo, uma escrita de si, por meio das suas lembranças. Porém, através de sua narrativa, contada subjetivamente, conhecemos a sua versão sobre a Faculdade de Medicina de Campina Grande, mas também o cotidiano dos indivíduos que faziam parte daquela instituição durante as décadas mencionadas neste estudo.

Contudo, a Faculdade já dispunha de instrumentos considerados de alta tecnologia, para o período, uma vez que não apenas os relatos orais, mas outras fontes como jornais e fotografias nos possibilitaram ter esta interpretação. De acordo com a professora Maria José, para a realização das aulas, os professores trabalhavam com um aparelho chamado epidiascópio e, depois com o retroprojetor, o qual substituiu o epidiascópio, além de microscópios em quantidade, laminares, e equipamentos para anestésiar, examinar, e para treinamento.

A Faculdade de Medicina era um dos poucos espaços que continham máquina fotográfica que realizava este serviço. Assim sendo, estas fotografias auxiliaram nos estudos de patologias que puderam ser observadas por alunos e professores que acompanhavam os pacientes, durante seus estágios no Hospital da FAP, levando determinados casos clínicos para serem pesquisados e analisados, para, com isso, buscar a cura do paciente. De acordo com José da Guia Carneiro:

As máquinas eram máquinas profissionais e eu era quem trabalhava nesse setor e a gente fotografava, revelava, montava e entregava ao

---

<sup>114</sup> PORTELLI, Alessandro. “Tentando Aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: **Projeto História**. São Paulo, Abril de 1997, p.17.

professor. O professor dava aula e depois vinha para o arquivo de novo. Aquilo era tudo catalogado, por nome, data e tudo<sup>115</sup>.

Esse arquivo de fotografias, que ao longo das décadas foram sendo acumuladas dos pacientes e da instituição podem ser observadas como documentos a serem ainda mais explorados para conhecer a história daquela instituição e dos sujeitos que fizeram parte desta Escola Médica.

Caso específico da própria instituição, sendo a única que trabalhava com slides coloridos, e nesta época trabalhar com fotografias coloridas, o indivíduo teria um gasto elevadíssimo, porém o único local da cidade de Campina Grande que trabalhava com este tipo de slides era a Faculdade de Medicina, pois o próprio funcionário produzia e revelava as fotos, e caso esse processo não fosse realizado na Faculdade, demoraria muito tempo para que os professores tivessem estas imagens para ministrar as aulas, visto que deveriam encaminhar para São Paulo e, passaria quinze ou vinte dias para retornar, no entanto, o processo de revelação realizado na Faculdade, segundo José da Guia Carneiro, “batia de manhã e a tarde já estava em sala de aula”.

De acordo com Boris Kossoy (2001) “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”<sup>116</sup>. Como o próprio funcionário que fotografava intencionalmente pessoas portadoras de patologias para os estudantes examinarem os diversos casos dessas enfermidades, analisando com o professor o tratamento e a cura do paciente.

Dito isso, podemos dizer, utilizando a abordagem de Kossoy (2001) que “a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada”<sup>117</sup>. Assim sendo, o senhor José da Guia Carneiro, além de presenciar os pacientes com suas patologias, registrava fotograficamente para estudo dos alunos e professores da Faculdade de Medicina de Campina Grande. Com isso, a intencionalidade do funcionário em registrar pacientes era a sua função no setor onde trabalhava, o qual era e

---

<sup>115</sup> Depoimento de José da Guia Carneiro.

<sup>116</sup> KOSSOY, Boris. **História e Fotografia**. 2ª.edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.36.

<sup>117</sup> Idem, p.37.

continua sendo o Núcleo de Apoio ao Ensino, espaço em que este funcionário produzia as fotografias para estudo.

Nesse sentido, algumas fotografias, produzidas pelo funcionário, poderiam ser indicadas pelos professores, todavia isso não o impediria de produzir a partir de suas escolhas, muitas vezes extraindo fotografias através de outros ângulos que não eram de interesse dos professores, mas a partir de motivações do fotógrafo.

As imagens fotográficas que se referem aos pacientes foram produzidas no Hospital da FAP, durante o ciclo profissional dos alunos de Medicina, que acompanhavam alguns casos de patologias, inclusive os casos raros que serviriam para estudo, sendo um local onde o aluno se depara com diversos casos de patologias, e onde o estudante de Medicina iria aprender a prática médica.

Entretanto, nos próprios laboratórios da Faculdade, os alunos estudavam algumas patologias raras, como as causadas por parasitas. Então, eles examinavam no laboratório de Parasitologia, acompanhados pelos professores, todavia, a enfermidade era registrada fotograficamente por José da Guia Carneiro, o qual contou as experiências do seu dia-a-dia naquele espaço:

Porque aqui era só o curso básico, não fazia atendimento, a não ser alguma coisa rara assim que vinha pra os médicos de parasitologia, doença de pele geralmente, aí atendia aqui em parasitologia, que tinha o Dr. Luiz Magno na época, tinha o professor Gonzaga, tinha Saccena, que era um homem indiano e tinha Dra. Tânia. Esse pessoal geralmente, quando tinha um caso assim trazia porque o núcleo de apoio, que é esse daqui, registrava fotograficamente e repassava pra eles pra poder e dali também mostrava em aula. Aqui esse setor era justamente para isso. Aqui preparava a aula, tanto o núcleo batia, como eu batia fotografia de paciente com casos difíceis ou caso grave, ou casos raros e, essas fotografias eram aproveitadas em aulas e geralmente sem identificação da pessoa, do paciente(...) que é obrigatório. Usava muito em aula, nos casos raros, tanto em ortopedia como em Anatomia, Parasitologia, Fisiologia, em tudo isso. (...) no materno infantil, a gente fotografava muita criança com anomalia e mulheres grávidas de risco e, própria cirurgia na FAP<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Entrevista concedida pelo senhor José da Guia Carneiro.

Além das patologias de difícil diagnóstico, eram registradas fotografias de crianças e gestantes que eram atendidas no Hospital da FAP. Será que o fotógrafo já tinha a intenção de catalogar essas fotografias, construindo através de imagens a história da Faculdade de Medicina? Dessa forma, além de servir como recurso didático para o ensino da Medicina naquele momento, estas fotografias serviram para representar indivíduos que viveram na década de 70, com suas roupas, móveis, camas, equipamentos hospitalares daquele momento histórico.

Na fotografia que segue abaixo, notamos o corpo de um paciente sendo aberto para ser realizada uma cirurgia. Ao lado direito do paciente, vemos uma câmera de oxigênio e uma moça, possivelmente uma aluna, que observa o momento em que o cirurgião corta o abdômen do doente, o qual se encontra com o braço estendido para a aplicação de soro.



**Fig. 06.** Cirurgia de um paciente no Hospital da FAP. Ano: 1976. **Fonte:** Arquivo de José da Guia Carneiro.

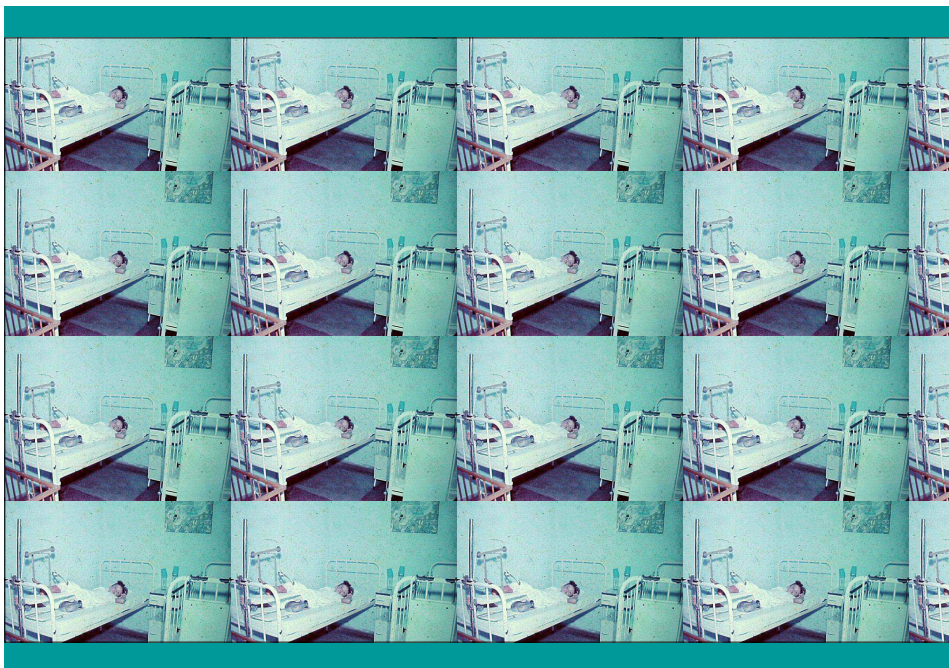
Observando esse corpo aberto, nos faz refletir o quanto o hospital possibilita ao estudante de Medicina uma aprendizagem mais aprimorada, visto que é neste espaço onde os alunos têm uma maior aproximação com vários casos de doentes, os quais serão examinados por esses aprendizes da ciência médica. Além disso, a fotografia acima nos possibilita refletir sobre o poder que o médico apresenta diante do corpo do doente, uma vez que esse profissional

detém o saber da ciência médica, conhecimento esse que gera certo poder sobre o corpo dos indivíduos.

De acordo com o Senhor José Carneiro, outras pessoas, inclusive os médicos participavam do registro de enfermidades e das cirurgias, pois através dessas fotografias os alunos e professores poderiam pesquisar a cura dessas doenças e a maneira correta de fazer uma cirurgia. As evidências nos levam a interpretar que naquele momento, não havia tantos instrumentos visuais que os médicos e alunos pudessem estudar senão pelas imagens fotográficas, considerando que neste período não havia computadores na instituição, isso vindo a ocorrer entre as décadas de 80 e 90.

Na fotografia, a seguir, notamos que foi registrado pelo fotógrafo um garoto que teria quebrado a perna e estava hospitalizado com um ferro que perfurava o osso. Possivelmente, o menino esperava para tirar a foto, pois percebemos que ele observava diretamente para a câmera. Conforme o Senhor Carneiro os pacientes eram informados quando estes eram fotografados no momento em que eles estavam hospitalizados no Hospital da FAP. E caso eles não quisessem não era obrigado ser fotografados, mas nesta época ser fotografado era algo que tinha um custo elevado, e, com isso, quem não queria ser fotografado mesmo estando doente na cama de um hospital? Fotografia, nesta época, era algo que quem tinha mais acesso eram os ricos, pois era elevado o custo de uma revelação fotográfica.





**Fig. 07.** Criança hospitalizada no Hospital da FAP em 1976. **Fonte:** Arquivo do funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Sr. José da Guia Carneiro.

Alguns casos de patologias foram registrados e que nunca foram esquecidos pelo Senhor José da Guia Carneiro. Um deles foi o caso de uma patologia infantil, à qual foi curada pelo médico pediatra Dr. Virgílio Brasileiro. Nesta patologia, a cabeça da criança apresentava um orifício causado pelo pouso de uma mosca. Todavia, após o caso ser consultado por alguns médicos e não ter obtido a cura da criança, os seus pais entraram em contato com o Dr. Virgílio Brasileiro, tendo em vista que este médico foi indicado por outros esculápios para tratar deste caso, considerando que no ramo da Pediatria, Dr. Virgílio era um profissional renomado naquela época:

A pediatria funcionava muito bem por sinal, pelo menos pela dedicação dos médicos da época que eram simplesmente, como eu já falei pra você. Dr. Virgílio, pra eles o importante era atender bem e curar. Nunca Dr. Virgílio levou em consideração o dinheiro na frente, primeiro era o paciente na frente, o importante pra ele era o paciente. Por exemplo, ele pegou um caso uma vez desenganado, que todos os médicos de todo o Brasil, um cara gastou uma fortuna com a criança dele e ele como era conhecido indicaram ele. Ele, o cara aqui gastou uma fortuna, então ele, por sinal ele trouxe esse caso pra mim (sic) fotografar. Era um buraco na cabeça da criança, um orifício. Ele foi pesquisando, pesquisando e (...) com, aí ele descobriu que tava, que tinha sido uma larva de mosca que tinha pousado ali, que tinha

feito isso, um remédio na época, custava como se fosse 1 real hoje eu acho(...). Pra cada pesquisa, tratamento eu acompanhei, fotografei aberto, fechado e sarado<sup>119</sup>.

Observamos a partir do depoimento, que ele registrou neste caso todo o processo do tratamento da cabeça da criança, seja ela em seu estado patológico, seja no seu estado sadio. Contudo, é perceptível a sua admiração pelo médico que estudou o caso, o pediatra Virgílio Brasileiro.

Nesse sentido, percebemos que alguns médicos e professores da Faculdade de Medicina de Campina Grande, além de transmitir o seu conhecimento para os alunos, também se preocupavam com o campo da pesquisa, estudando sobre as diversas patologias, até as mais desconhecidas.

Além de pacientes, José da Guia Carneiro, fotografava imagens dos Laboratórios, das salas de aulas, de alunos percorrendo esses espaços, suas atividades realizadas no Hospital da FAP, onde os alunos participavam das cirurgias. Com isso, torna-se evidente que estes recursos com fotografias possibilitaram o aprendizado do aluno da época, assistindo suas aulas através de imagens fotográficas, numa época em que não havia computadores na Faculdade, pois nas mesas das secretarias da Faculdade de Medicina, o que existia eram máquinas datilográficas, consideradas novidade naquele momento histórico.

### **3.3. O Desejo de ser médico: o cotidiano de um aluno popular que conseguiu se formar em Medicina**

Alunos que caminhavam pelos corredores, passavam das salas de aulas para os laboratórios, onde permanecia grande parte dos seus dias, estudando cada parte do corpo humano, principalmente no Laboratório de Anatomia, onde observavam cada “peça”, analisando os músculos, ossos, veias e artérias, órgãos do corpo humano, que misturados com formol, faziam os estudantes “chorar”, ou lagrimejar devido ao teor químico desta substância, à qual preservava essas “peças”. Esse era o cotidiano de muitos alunos do curso de

---

<sup>119</sup> Idem.

Medicina, a exemplo do atual médico Dr. Fernando Queiroga, o qual narrou suas experiências durante a época em que foi aluno da Faculdade de Medicina, especificamente durante os anos de 1974 e 1979.

Entre os anos finais da década de 60 e início da década de 70, as primeiras turmas do curso de Medicina, na época ainda particular, alguns alunos conseguiam bolsas de estudos patrocinados pelo governo do Estado da Paraíba, sendo iniciada na época por João Agripino (1966-1971). No entanto, a primeira turma de 1969, que seria dos excedentes<sup>120</sup> (alunos que ficaram na lista de espera) do Vestibular de 1968, da cidade de João Pessoa, realizado pela Universidade Federal da Paraíba, estes alunos, segundo José da Guia Carneiro, todos conseguiram bolsas de estudos, sejam pertencentes à elite ou aos populares. Entretanto, a partir da segunda turma em diante, as bolsas foram reduzidas e, direcionadas mais aos alunos carentes, todavia dedicados, como foi o caso do atual médico Dr. Fernando Queiroga, que na época que cursou Medicina, pertencia à camada social menos favorecida da sociedade de Campina Grande.

Primeiramente este médico, cursou dois anos de Engenharia na antiga Escola Politécnica, mas seu desejo era cursar Medicina, todavia, as suas condições financeiras não eram suficientes para manter um curso de elevado custo, como era e continua sendo, o de Medicina. Mas, sempre ele visitava as instalações da instituição, observando os laboratórios e acreditava um dia exercer a carreira médica. Nesse sentido, como o funcionário José Carneiro, o ex-aluno da Faculdade de Medicina de Campina Grande, Fernando Queiroga narra suas experiências vividas naquele espaço, relatando seu cotidiano e as relações existentes com seus colegas de turma durante sua permanência naquela Escola Médica.

Ao narrar o seu cotidiano, enquanto aluno de Medicina, os relatos deste médico nos dar subsídio para pensar que, através da História oral podemos ouvir outras vozes que não eram escutadas pela história tradicional, visto que

---

<sup>120</sup> Era freqüentemente divulgada nos jornais a espera destes alunos excedentes que queriam cursar Medicina em Campina Grande, porém a demora de serem chamados inquietava os estudantes, os quais algumas vezes, se reuniram com o Governo do Estado da Paraíba em 1968, para resolver o caso. Sobre isso ler a matéria: “Excedentes de Medicina de JP ainda não foram matriculados”. **Diário da Borborema**. 17 de Julho de 1968.

essa metodologia nos possibilita escutar “aqueles que não foram ouvidos”<sup>121</sup>, tais como as pessoas comuns, os pobres e os marginalizados.

Nesse sentido, escutando o depoimento de Fernando Queiroga, ele contou sobre sua visita às instalações da Faculdade, informando a um dos professores que ensinava na instituição, o Doutor Firmino Brasileiro, que era diretor da Faculdade na época, que desejava cursar Medicina, entretanto, não teria condições financeiras para arcar com as despesas daquele curso. Desse modo, perguntou ao Diretor da instituição, se caso ele passasse no vestibular, teria como conseguir uma bolsa, e o diretor mencionou que se ele fosse aprovado no exame ele receberia a bolsa e, foi o que aconteceu. Com isso, o médico Dr. Fernando Queiroga, um simples estudante da década de 70 que sonhava em cursar Medicina, deixando o curso de Engenharia, o qual também era bolsista, para seguir a carreira médica, à qual apresentava um vestibular muito concorrido.

É realmente, o vestibular na época, ele era bastante concorrido, embora era uma concorrência um tanto diferenciada. A maior parte dos candidatos seria como diríamos assim da classe A e uma menor parte seria de pessoas assim, de uma classe mais assim C e D, no qual eu me incluía na época e só teria condições de estudar com uma bolsa, não teria a mínima condição de pagar uma mensalidade. Por sinal na época o pagamento era trimestral, é o que equivaleria mais ou menos o que é a mensalidade da FACISA atualmente aqui, sem nenhum sentido de críticas, longe disso, apenas fazendo uma analogia (...). Talvez fosse aproximadamente acho que uns três mil reais mensal. Na época o pagamento era trimestral, então era uma coisa assim totalmente fora de cogitação para, vamos dizer assim, a área de renda econômica que eu fazia parte, na época. Então, na época, inclusive eu fazia outro curso, fazia Engenharia, estudei Engenharia por dois anos. Sempre tive vontade de fazer Medicina. Mas, exatamente por esse impedimento eu não pude fazer logo. Terminei o científico em 70. Em 71 não pude fazer logo o vestibular de Medicina e, por motivos pessoais e familiares, não pude fazer na UFPB, João Pessoa. Na época trabalhava, não podia deixar o emprego e passei pra o vestibular de Engenharia na antiga Poli, a Escola Politécnica de Campina Grande. Estudei dois anos Engenharia e, nestes dois anos não tinha divisão Engenharia Elétrica e Civil não. Era fundamental, iguais os dois anos. Mas eu realmente tive uma completa inadaptação, não me adaptei realmente ao curso de Engenharia e cheguei a visitar a Faculdade de Medicina, conversando com alguns professores, com o diretor, na época Dr. Firmino Brasileiro, dizendo da minha intenção de fazer Medicina e se tinha possibilidade de conseguir bolsa. Ele disse que tinha, se eu passasse, e eu realmente fiz o vestibular em 74, passei, consegui uma bolsa do curso 90% e os 10% completei, como na época era crédito educativo e também tinha o crédito educativo manutenção. A

---

<sup>121</sup> PORTELLI, Alessandro. “Tentando Aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: **Projeto História**. São Paulo, Abril de 1997, p.18.

gente recebia uma certa quantia mensal, que depois do curso, posteriormente eu paguei tudo. Era realmente (...) era uma modalidade de financiamento, na época eu achei muito bem estruturada, que eu paguei com uma certa facilidade<sup>122</sup>.

Através das leituras das fontes, as evidências mostram que a Faculdade de Medicina era um espaço que concentrava, em sua maioria, estudantes da camada dominante de outros centros urbanos e outra parte da elite de Campina Grande.

As visitas que o médico fazia nos laboratórios de Medicina, expunha sua curiosidade na área que desejava seguir, porém não tinha condições financeiras. Quantos estudantes daquela época, como Dr. Fernando Queiroga, desejavam cursar Medicina, mas não tinham condições econômicas e nem conseguiam bolsas de estudos? Nesse sentido, notamos o potencial deste médico, que já desejava seguir esta profissão, e mesmo com todas as dificuldades passou no vestibular concorrido e conseguiu a bolsa de estudos. Aliás, quantos outros estudantes desejavam cursar Medicina, no entanto não conseguiram passar no vestibular ou mesmo passando não conseguiram a tal bolsa de estudo para bancar seus estudos. Será que para conseguir tais bolsas teria também algum cunho político?

Como vimos, a iniciativa de instalar a Faculdade não foi apenas dos médicos de Campina Grande, mas também de políticos, a exemplo do governador da época, João Agripino, o qual, segundo os relatos, doava bolsas aos alunos carentes. Desse modo, percebemos que por trás da instalação da Faculdade também havia interesses políticos.

Durante a época em que foi particular, o curso de Medicina concentrava 64 alunos, sendo 32 alunos por semestre. Na turma de Fernando Queiroga, a sexta da instituição, de 32 alunos havia apenas 8 bolsistas, um número reduzido para a quantidade de populares que desejavam possuir um diploma de Medicina e exercer esta profissão. Ele confirmou que era pouco o número de alunos que freqüentava este curso, pertencente à camada popular naquela época, lembrando que os que conseguiam entrar no curso de Medicina e não

---

<sup>122</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

poderiam pagar, como foi o seu caso, teria 90% de bolsa, e os outros 10% eles pagariam após a conclusão do curso, o chamado crédito educativo.

Eu fui da sexta turma, de 74, ainda a maioria era do que se chama elite, o que chamava na época, da elite e tinha uma pequena parte, talvez 20 a 30% que era de uma classe mais popular (...) e geralmente conseguia essa bolsa. Tinha, eu me lembro na minha turma. Tô me lembrando de dois, Ademir Santiago e Jairo Luis Sales (...). E no momento eu não me lembro bem, mas dos 64 alunos, era uma turma de 64 era dividida, vamos dizer assim, classe de 16. Embora 16, embora cada classe tinha uma subclasse, vamos dizer assim, numa menor equipe de 4, mas na realidade eram 4 blocos de 16. Se você visitou lá, você viu se ainda era assim. E dos 64, talvez uns, umas 8 ou 10 bolsas na época(...) em 74.(...) Eram poucas<sup>123</sup>.

No entanto, os alunos que vieram a compor esta instituição, à qual foi particular de 1969 até 1979, quando passou a ser federalizada. Entretanto, mesmo particular, o vestibular era muito concorrido, e através das fontes tornam-se evidente que nunca predominou a maioria de alunos de Campina Grande, sendo a sua maioria de cidades do interior do Ceará e Sertão da Paraíba, além de outros Estados como Maranhão e Piauí.

Conforme o médico Fernando Queiroga, na época em que foi aluno da instituição, o estudante bolsista deveria pagar os 10% da bolsa após a conclusão do curso. Ele contou que durante o período que estudou Engenharia na Escola Politécnica, ele também conseguiu bolsa de estudo, mas nesta Escola ele teve que trabalhar. Contudo, na Faculdade de Medicina não precisou, pois o bolsista pagaria seus 10% após a conclusão do seu curso. “A gente se inscrevia na Caixa Econômica. Era financiado, após a conclusão do curso, teve um período de carência de um ano, de dois anos e depois começaram a pagar parceladamente. Então eu tive vários anos para pagar”.

De acordo com o médico Dr. Fernando Antonio Queiroga, no que se refere à avaliação do curso, estas eram realizadas através de conceitos que variavam de A à D, onde o aluno passaria por aulas teóricas nas salas de aulas, práticas nos laboratórios, e a Clínica Médica, esta última ocorreria no Hospital da FAP, que além de aulas, os alunos acompanhariam as cirurgias e o tratamento de determinadas patologias dos doentes. Segundo esse médico, na época que ele foi aluno da instituição, esta seguia “uma estrutura que era o

---

<sup>123</sup> Idem.

modelo da Faculdade de Medicina de Brasília”, apresentando aspecto de uma Faculdade bem estruturada, além de ter um bom conceito, ela era reconhecida em nível nacional. A Faculdade de Medicina nesta época funcionava através do antigo sistema seriado, distinto do sistema de créditos atual, pois o aluno deveria passar por todas as matérias, e ser aprovado anualmente, pois caso contrário voltaria a repetir as mesmas matérias do ano anterior:

Nós tínhamos que passar por todas as matérias e tinha que passar de ano, primeiro ano, segundo ano. Se perdesse uma cadeira, ficasse na época, e fosse reprovado perdia o ano todo. Tinha notas, mas na realidade a gente tinha o sistema de conceitos A, B, C e D, no qual corresponderia às notas, no caso D seria abaixo de 5, C entre 5 e 7, B entre 7 e 8 e A entre 9 e 10. Então era o clássico passar por média, né que era acima de 7<sup>124</sup>.

Se o processo de avaliação continuasse da mesma maneira que era na década de 70, talvez não presenciássemos tantos profissionais negligentes que encontramos nas novas gerações de médicos brasileiros.

Conforme a professora Maria José as aulas, do curso de Medicina daquele período, funcionavam em blocos, em que os alunos estudariam cada órgão do corpo humano, lidando com as diversas áreas da Medicina. Esses conteúdos se assemelhavam, com o currículo da Universidade de Brasília. De acordo com a professora Maria José:

Nós tínhamos os conteúdos programáticos na época, que muito se assemelhava ao conteúdo programático da UNB. Na verdade nós tínhamos muito semelhanças com a UNB. Funcionava, inicialmente, em blocos, tá certo. Fisiologia de Cardio, Anatomia de Cardio, Histologia de Cardio, Embriologia de Cardio. E nós tínhamos um cronograma de aulas práticas e teóricas. Dentre as aulas teóricas, nós tínhamos aulas expositivas, nós tínhamos os seminários, tá certo, e depois nós tínhamos aulas práticas, trazendo o mesmo conteúdo, teórico, expositivo, discutido no seminário e aplicado à prática. Então, os Laboratórios funcionavam normalmente de um tudo mesmo<sup>125</sup>.

A Faculdade de Medicina de Campina Grande dependia tanto do currículo como também dos professores de outras Escolas Médicas, visto que as evidências nos fazem ter esta interpretação, pois além de basear no currículo da Universidade de Brasília, a Escola Médica da “Rainha da

---

<sup>124</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

<sup>125</sup> Depoimento da professora Maria José.

Borborema” estava sujeita aos professores da Universidade Federal de Pernambuco. Baseados nos estudos médicos destas faculdades, as aulas da Faculdade de Medicina de Campina Grande eram realizadas de forma expositivas pelo professor, mas também o aluno apresentava seminários, além de assistir aulas práticas e teóricas.

Na fotografia que se segue, percebemos os alunos reunidos em uma das salas de aula do curso de Medicina, onde apresenta doze alunos estudando. Observamos o quadro-de-giz, atrás dos alunos, os quais provavelmente estivessem discutindo algum laudo, pois são freqüentes os alunos de Medicina se reunir para discutirem sobre determinados casos clínicos.



**Fig. 08.** Alunos da Faculdade de Medicina de Campina Grande, estudando em uma das salas de aula da instituição em 1976. **Fonte:** Arquivo de José da Guia Carneiro.

Caso o aluno bolsista ficasse reprovado, ele correria o risco de ter a sua bolsa cancelada, o que fazia com que o estudante se dedicasse cada dia mais, passando grande parte de seu tempo estudando nos laboratórios, nas aulas práticas e nos estágios, se qualificando cada vez mais para não perder a oportunidade de se formar em Medicina.

Este médico ressaltou com lástima, as condições dos cursos de Medicina na atualidade, distinta daquela na época em que ele foi aluno do primeiro curso de Medicina do interior do Nordeste, na cidade de Campina Grande. Ele mencionou que além dos laboratórios da própria instituição que



continha os equipamentos necessários para as práticas laboratoriais, ainda a instituição tinha convênio com o Hospital da FAP, o qual concentrava doentes portadores das diversas enfermidades, o que possibilitava ao aluno estudar os vários tipos de patologias.

Nós tínhamos realmente, primeiro um Hospital-Escola, que na época era a FAP, tinha o contingente enorme de pacientes, que era o antigo Funrural, então era um contingente muito diversificado, não faltavam doentes para serem acompanhados. É uma diversidade imensa de casos. Era, era uma riqueza imensa. Os professores muito bons. Ainda nesta sexta turma, lá tinha, talvez um pouco mais da metade dos professores era de fora do Estado. Tinha uma grande parte era de Pernambuco, da Universidade de Pernambuco. Tinha um de outro Estado que eu não me lembro se era do Rio de Janeiro, vinha assim, vinha ocasionalmente para determinada disciplina, porque, as disciplinas, como era seriado, era por blocos. O bloco era do mês tal ao mês tal. Outro bloco era do mês tal. Por exemplo, Citologia, Histologia, Fisiologia, Patologia. A gente passava, podia passar um mês todinho só em Fisiologia, o outro mês só em Patologia então tinha aulas teóricas, práticas, provas teóricas e práticas ainda no sistema, ainda, que não era múltipla escolha. Tinha respostas, redações inclusive, pequenas redações, pequenas descrições. Tinha a prova prática nos microscópios. Tinha (...). Era um microscópio pra cada dois alunos. O laboratório de Fisiologia muito bem equipado, de Anatomia, geralmente não faltava cadáver, material pra estudo, embriões e havia um certo, por incrível que possa parecer, eu ainda alcancei no primeiro ano, eu não tô me lembrando como é o nome, uma espécie de código, como é o nome, código. Era uma espécie de código de ética que tinha um nomezinho que eu não estou lembrando agora, pode parecer um tanto inacreditável para os dias hoje, mas o professor deixava a prova, saía, a gente fazia a prova no auditório, mas tinha umas provas práticas com o tempo marcado no cronômetro e os professores deixavam o grupo, saía da sala e nós ficávamos sozinhos com o compromisso de um pro outro de não colar (risos) e nem perguntar um ao outro, por incrível que pareça eu ainda alcancei, sem ter palmatória (risos) eu ainda alcancei os dois anos que funcionou desta maneira<sup>126</sup>.

É perceptível nos depoimentos de todos os entrevistados o suporte do Hospital da FAP, durante a década de 70. Vale ressaltar que entrevistamos também pessoas que foram internadas naquele espaço e, nos informaram sobre o adequado atendimento e a qualificação dos médicos. Naquele Hospital era grande o número de doenças o que auxiliaria o aluno estagiário a estudar as diversas patologias que atingiam o corpo do paciente.

---

<sup>126</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

No que se refere ao método de avaliação com um cronômetro era uma metodologia que incentivava o aluno a estudar, pois não teria como observar as respostas da prova do colega, nem este teria tempo para passar as questões, uma vez que estaria preocupado respondendo o seu exame, pois o tempo passava e teria que entregar a resposta para o professor.

Retratando o cotidiano de um aluno de Medicina nos dias de provas, o médico Fernando Queiroga mencionou que os professores deixavam os alunos na sala de aula fazendo as provas, todavia eles tinham o compromisso de não colarem, pois segundo o Dr. Fernando, mesmo se quisessem colar, o aluno não conseguiria, pois tinha um tempo estabelecido para cada aluno observar a estrutura no microscópio, e caso ele fosse ajudar o colega não teria tempo para responder a sua própria prova. Ele nos informou como era realizada a prova de Histologia (estudo dos tecidos) e Citologia (estudo das células), na Faculdade de Medicina na época:

Olhe, era um esquema que se você fosse colar ou dar cola ao outro perdia tempo, porque, por exemplo, você tinha que olhar no microscópio uma estrutura e escrever, tinha 2 minutos, tinha que passar pra outra e escrever, você não tinha nem tempo, não podia. Se você fosse ajudar o outro, só se fosse um super-gênio e por dez segundos você identificasse e passasse cola para os outros que tivessem, mas não tinha. A gente tinha que olhar as estruturas no microscópio. Tinha que escrever a resposta, o que era aquela estrutura. Às vezes tinham 2, 3 itens tinha 2 minutos, você não podia. Porque quando você saía já tinha outro pra olhar qual a estrutura<sup>127</sup>.

Na fotografia que segue abaixo, percebemos alunos do curso de Medicina observando alguma estrutura no microscópio. Observamos o Laboratório de Histologia em que cada bloco contém alunos manuseando os microscópios, e a estrutura da sala com lâmpadas fluorescentes. Em outra fotografia, produzida por outro ângulo percebemos que nas salas e laboratórios desta Faculdade havia ventiladores de teto, outro equipamento moderno para a época.

As provas de Histologia e Citologia eram realizadas neste espaço, pois o aluno necessitava dos microscópios para observar e analisar as estruturas celulares que compõem o corpo do indivíduo.

---

<sup>127</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.



**Fig. 09.** Alunos observando estruturas celulares nos microscópios. Ano de 1976.

**Fonte:** Arquivo de José da Guia Carneiro

Já a prova de Anatomia ocorreria no Laboratório, onde o aluno deveria conhecer as estruturas do corpo, pelas quais o professor havia marcado com alfinetes para que o aluno identificasse:

Eles deixavam determinadas estruturas marcadas, seria pra gente entrar e identificar, que músculos eram, que osso era, cartilagem e escrever e passar pra próxima. Tinha um tempo. Então é, se a gente não quisesse colar, se o outro quisesse ser bonzinho, não ia ter muito tempo, porque a maneira como é feita a prova não permitia<sup>128</sup>.

Conforme Michel Foucault “os alunos serão exercitados nas experiências químicas, nas dissecações anatômicas, nas operações cirúrgicas, nos aparelhos”.<sup>129</sup> E realmente, para que o aluno de Medicina conheça bem as estruturas que formam o corpo humano, não são suficientes as aulas teóricas, pois ele tem que aprimorar os seus conhecimentos estudando nos Laboratórios, principalmente o de Anatomia, onde ele conhecerá e tocará em cada parte que compõe o corpo humano.

Por enfatizar em Laboratório de Anatomia, perguntamos ao médico Fernando Queiroga, qual foi a sua reação ao se deparar com o cadáver, visto

<sup>128</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

<sup>129</sup> FOUCAULT, Michel. A lição dos hospitais. In: **O nascimento da Clínica**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.76.

que muitos alunos passavam mal ao sentir o cheiro do formol e de ver o corpo do ser humano dividido em partes, ou seja, em “peças” como é mencionado na linguagem médica. O médico nos informou que por ser da religião espírita, ele não teve nenhuma reação para com o cadáver, pois ele já pertencia a essa religião até mesmo antes de cursar Medicina:

Particularmente, particularmente eu não, eu nunca tive nenhuma, assim, reação de constrangimento, de medo, de desagrado não, era uma coisa muito pessoal. Talvez, por minha estrutura filosófica, religiosa, sou espírita. Como estudante de Medicina, já era espírita. Inclusive na época o pessoal fazia muito brincadeira, porque, às vezes, a doutrina espírita é confundida com outras doutrinas e até um tanto esdrúxulas, e o pessoal não sabia distinguir, mas eu sempre é assim, me incomodava com muita seriedade. E eu posso dizer que do faxineiro ao diretor, todos sabiam. Serviu até como referência pra o pessoal até identificar, na época. Por exemplo, na missa de colação de grau, que realmente a intolerância religiosa é muito comum né e até pela própria postura minha e também, dos próprios conhecidos espíritas, do respeito incondicional a todas as outras crenças, a tolerância, o respeito principalmente, que o respeito não é mais do que tolerância né. Eles me consideravam até um, nesta área da religiosidade, até mais religioso do que muitos outros, tanto é na colação de grau, nas atividades religiosas, a missa, o culto protestante, o próprio pessoal me escolheu pra ficar ao lado do bispo, da época na missa (...) Eu que não era católico fui escolhido para ficar lá, ao lado do bispo fazendo a leitura lá, sem nenhum preconceito. Até lembro o nome do bispo, Dom Manuel Pereira da Silva, em 79<sup>130</sup>.

Com isso, o médico quis enfatizar que devido às suas crenças religiosas, ele não apresentou uma reação negativa quando se deparou com o cadáver. Porém, alguns estudantes levam algum tempo para se acostumarem com a dissecação do corpo cadavérico, como também com o cheiro do formol.

De acordo com Fernando Queiroga havia uma quantia satisfatória de alunos que eram filhos de médicos e de professores que atuavam na Faculdade de Medicina de Campina Grande, pois ele nos confirmou que na sua própria turma havia alguns filhos de professores e de médicos, lembrando de duas colegas de sua turma.

Uma delas era Maria Inês Lopes, filha de um médico conhecido na época, o ginecologista e professor da Faculdade de Medicina, Doutor Everaldo Lopes. A outra aluna era filha de outro médico, também ginecologista, mas não era professor. Esta aluna faleceu no primeiro ano do curso de Medicina, vítima

---

<sup>130</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

de sarampo. Na época, segundo o médico, “tinha a semana universitária, de jovens universitários”, durante este período ela contraiu sarampo, e posteriormente o seu quadro clínico agravou, apresentando complicações, pois ela teve ainda encefalite (inflamações no cérebro, causada por vírus ou bactérias), passando a entrar em coma e faleceu em seguida.

O nome da aluna era Sandra Vasconcelos Pereira de Melo, e posteriormente à sua morte uma das ruas de Campina Grande passou a receber seu nome, esta rua está localizada, atualmente, no bairro do Catolé. Além de pertencer a uma camada privilegiada da cidade, esta colega de turma de Fernando Queiroga, era filha de médico renomado, por isso foi colocado o nome da rua em sua homenagem, mas se fosse de uma camada menos privilegiada da sociedade, quiçá esta homenagem não teria se realizado.

Na década de 70, o sarampo era uma doença mais frequente na infância, “mas sem tanto grau de letalidade”, pois quando acometiam crianças, segundo o médico, essa patologia era mais benigna, contudo quando atingiam pessoas adultas o quadro clínico complicava, como foi o caso desta colega de Fernando Queiroga, o qual nos informou lastimamente, que esse caso entristeceu toda a sua turma.

Mas, no caso de nossa colega não foi uma negligência, foi realmente uma complicação mesmo de um sarampo, provavelmente, tanto é raro porque é difícil de saber exatamente, uma pessoa que se vacinou na infância, vamos dizer assim, uma em dez mil pode a vacina não, vamos dizer assim, não produziu o efeito a que ela se propõe e a pessoa não sabia, que ela não tinha imunidade, foi o caso dela<sup>131</sup>.

De acordo com o médico, as aulas do quarto ao sexto ano eram realizadas, com mais freqüência, no Hospital da FAP, pois além do acompanhamento do aluno pelo professor nas cirurgias, ele assistiria aulas, pois havia também auditórios para os alunos fazerem provas naquele hospital. Esta fase, denominada de ciclo profissional, era a etapa onde o aluno estudava as disciplinas de Clínica Médica, Cirurgia, Ginecologia, Obstetrícia, Oftalmologia, Urologia, enfim, o aluno estudava as várias especialidades do curso.

---

<sup>131</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

Foucault (2004) mencionou em um de seus estudos que “o hospital, onde a série dos doentes examinados é em si mesma, escola”<sup>132</sup>. Com isso, Foucault quis mencionar que o hospital tem uma grande importância para o ensino da Medicina, uma vez que é neste espaço em que o aluno desta área do saber colocará em prática tudo o que aprendeu em sala de aula, aprimorando cada vez mais a sua experiência nas cirurgias e com o contato com as patologias que atingiam os pacientes.

E dessa forma, ao longo das experiências realizadas durante os seis anos de curso de Medicina, os alunos conseguiriam lidar com todas estas etapas que o faria ser um médico que deteria o conhecimento das várias práticas deste saber, sejam nos laboratórios ou nas próprias cirurgias, às quais teriam que realizar ao longo de suas vidas como médico.

Na disciplina de Cirurgia, os estudantes acompanhavam as cirurgias, e quando eles se tornassem mais habilitados poderiam “auxiliar as cirurgias, ou instrumentar as cirurgias”. No entanto, durante esta etapa havia sempre a presença do cirurgião, do professor e do auxiliar, e nesta fase o aluno poderia ajudar nas operações cirúrgicas, mas sendo supervisionado pelo docente<sup>133</sup>.

Na fotografia abaixo, podemos perceber a presença do cirurgião, do auxiliar e do estagiário, realizando uma cirurgia no Hospital da FAP no ano de 1976. Observamos ainda os equipamentos cirúrgicos, como as tesouras que se encontravam sobre a mesa e lençóis que cobriam o paciente. No lado esquerdo da fotografia, notamos que o rapaz que observava a cirurgia seria um estagiário do curso de Medicina da década de 70.

---

<sup>132</sup> FOUCAULT, Michel. “A lição dos hospitais”. In: **O nascimento da Clínica**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.74.

<sup>133</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.



**Fig. 10.** Realização de uma cirurgia no Hospital da FAP em 1976. **Fonte:** Arquivo de José da Guia Carneiro.

Os professores da Faculdade de Medicina, segundo Queiroga, eram bem qualificados, além de serem professores eles trabalhavam em consultórios particulares. De acordo com o médico, os professores da época eram tão qualificados que ele optou por fazer residência médica na própria cidade de Campina Grande, pois os médicos e professores além dos termos técnicos seguiam também os termos éticos, pois conforme o Dr. Fernando Queiroga, eles não eram negligentes com o paciente. Na época do sexto ano, quase metade da turma se deslocava para outras cidades para fazer residência e internato, porém esse médico optou por fazer o seu internato em Campina Grande:

Como eu sou da época da Faculdade de Medicina particular, eu fiz o meu internato aqui em Campina Grande, no Hospital da FAP. Aliás, tinha uma certa vantagem relativa, porque uma parte da turma, talvez a metade da turma ficava, ou menos da metade. Então a gente ficava muito mais, vamos dizer assim material didático, isto é muito mais casos clínicos, muito mais pacientes, ficavam sobrecarregados. Mas, quem quisesse estudar e aprender mais, aprenderia muito mais, tanto é que eu fiz, eu fiz o internato aqui e sou pioneiro na mudança do Hospital-Escola da FAP para o Hospital Alcides Carneiro, onde eu fiz parte da primeira turma de residência médica aqui. Eu fiz a parte de Clínica médica aqui em Campina Grande, que era os mesmos professores<sup>134</sup>.

---

<sup>134</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

Quanto mais pacientes nos hospitais com patologias diversas melhor seria para os estudantes de Medicina, pois o estudo de cada caso o ajudaria a entender as reações do corpo doente quando portava determinada patologia.

Esse médico vivenciou a transição do Hospital-Escola para o Hospital Alcides Carneiro, que passou a ser o Hospital Universitário no ano de 1981. No entanto, a especialidade relacionada à área de Cardiologia, este médico cursou em Recife. Todavia, o componente curricular de Clínica Médica ele cursou em Campina Grande, sendo um dos pioneiros a realizar residência médica no Hospital Alcides Carneiro<sup>135</sup>.

No que se refere à contratação de professores, primeiramente, a direção da Faculdade de Medicina de Campina Grande contratou os “professores de fora, com experiência comprovada no ensino” para ministrar as disciplinas básicas. Já os professores locais ficariam “com a obrigação de acompanhar o curso, a fim de melhor se habilitarem a assumir as cadeiras no ano seguinte”<sup>136</sup>. Dessa forma, passando pela fase de organização da Faculdade de Medicina, os jornais que circulavam neste centro urbano e os relatórios da instituição expunham que a cidade já apresentava boas condições de instalar centros de ensino superior. “Campina Grande oferece condições materiais e culturais que são, realmente, satisfatórias não apenas para o funcionamento de uma Faculdade de Medicina, mas para o ensino superior, em geral”<sup>137</sup>.

De acordo com o médico Fernando Queiroga, a vinda de professores da Faculdade de Medicina de Recife, mesmo havendo médicos atuando em alguns hospitais da cidade, ocorreu porque os médicos que atuavam em Campina Grande naquela época não eram catedráticos, não tinham experiências no ensino, e, nesse sentido para que a Faculdade fosse reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina e também pelo Ministério de Educação deveria ser constituída por um corpo docente que tivesse títulos nas suas especialidades médicas:

Provavelmente, eu suponho, (...) como foi uma Faculdade que foi instalada provavelmente pra ter o reconhecimento do Conselho Federal de Medicina do Ministério de Saúde, o que a gente nota

---

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Solicitação ao Conselho Federal de Educação para o funcionamento da Faculdade de Medicina de Campina Grande, 14 de Dezembro de 1967.

<sup>137</sup> Idem.



atualmente, menos critérios está sendo duramente criticado, está sendo revisado, o surgimento assim, três por quatro Faculdades de Medicina, por exemplo. Na época, os critérios eram mais rigorosos e os professores eles tinham que ter determinados pré-requisitos, seriam especialistas em cada área, reconhecidos pelas sociedades das especialidades de cada área e já serem catedráticos, já de Universidades que talvez, por isso, nos primeiros anos tinha mais professores de fora, que era uma necessidade, para o reconhecimento da Faculdade de Medicina pelo Conselho Federal de Medicina. (...) Porque senão, tinha médicos aqui, mas eles eram médicos, mas não eram catedráticos, professores. Então eles tiveram de importar, vamos dizer assim, professores. E depois não, ao passar do tempo teve outros professores, já tinha aqueles títulos solicitados pelo Conselho Federal de Medicina para serem professores<sup>138</sup>.

Além da Faculdade de Medicina de Pernambuco, vieram professores da Universidade Federal da Paraíba, como foi o caso do professor de Anatomia Asdrubal de Oliveira<sup>139</sup>. Nesse sentido, muitos outros professores eram convidados para ministrar as disciplinas do curso, e, então “cada sistema do aparelho humano tinha um professor de fora”<sup>140</sup>. Com isso, percebemos que outras faculdades de Medicina auxiliaram na formação do corpo docente da instituição médica de Campina Grande, como a Universidade Federal de Pernambuco, que se tornou referência no ensino da Medicina<sup>141</sup>.

Neste sentido, tanto os médicos que participaram da fundação da Faculdade de Medicina como convidados de outras instituições de ensino como os da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco foram os primeiros professores da Faculdade de Medicina de Campina Grande em seus anos iniciais.

Com base no que foi exposto, nota-se que os professores da Faculdade de Medicina de Recife foram de extrema importância para a organização do ensino da escola médica campinense. Esses professores, vindos de Recife, ministraram as disciplinas relacionadas ao ciclo básico do curso de Medicina, o que tornou possível o funcionamento da Faculdade de Medicina de Campina Grande durante as décadas de 60 e 70.

Portanto, através das experiências vivenciadas no cotidiano dos narradores que fizeram parte desta pesquisa pudemos enfatizar como era o

<sup>138</sup> Depoimento do médico Fernando Queiroga.

<sup>139</sup> “Faculdade de Medicina vai funcionar em 1968”. **Diário da Borborema**. 24 de Outubro de 1967.

<sup>140</sup> Entrevista concedida pela senhora Maria Lúcia da Silva.

<sup>141</sup> Documento de pedido de autorização para funcionamento da Faculdade de Medicina de Campina Grande ao Conselho Federal de Educação, Fevereiro de 1968.

dia-a-dia de alunos e funcionários da Faculdade de Medicina e que práticas eles realizavam naquele espaço. Além de um espaço de transmissão do saber médico, esta instituição representaria além de mudanças de sensibilidade, uma nova percepção sobre o corpo do indivíduo, como veremos no próximo capítulo.

#### 4. ANALISANDO O CORPO HUMANO EM LABORATÓRIOS: A TECNOLOGIA EM AUXÍLIO DA MEDICINA

##### **Cadáver Desconhecido**

Tempo houve, e não há muito,  
Em que este mesmo corpo teu, agora inerte,  
Foi chama igual à nossa  
Efêmero pulsar do eterno e do infinito.  
Igual a nós  
Fôste anseio de paz e de justiça  
Desespero e esperança,  
Sorriso e logo lágrima e  
Ainda como nós – paixão pela verdade.  
Nascido apenas, foste sol dentro de um berço,  
A encher de luz um doce olhar materno  
Morto, apenas peça para estudo,  
Nossos olhares iluminas hoje  
De luz menos brilhante  
Porém mais duradoura  
Pois somente a verdade sobrevive  
Aos vendavais da trajetória humana,  
Seja a verdade fria da ciência,  
Seja a do Eclesiastes, quando afirma  
Verdade, nas vaidades, é tudo verdade.  
Que a tua paz não seja perturbada  
Se a terra não te cobre ainda,  
Se ainda não te cobrem flôres,  
Não te falem jamais, jamais,  
O respeito daqueles que iluminas  
E a gratidão dos que, por teu destino

De ser cadáver de um desconhecido,  
Sofrerem menos do que tu sofreste.  
Assim seja.

Março/1970- Prof. Bezerra de Carvalho<sup>142</sup>.

Iniciamos este capítulo com a poesia do “Cadáver Desconhecido” de autoria do Dr. Bezerra de Carvalho, um dos médicos fundadores da Faculdade de Medicina de Campina Grande, à qual foi escrita no ano de 1970 e, com a leitura deste linda poesia refletimos como o corpo do cadáver que, aberto e dessecado, dividido em partes ou “peças”, serviu à ciência médica, possibilitando a aprendizagem dos futuros médicos e auxiliando no conhecimento e funcionamento do corpo humano.

Levando em consideração que o campo da Medicina tem se modificado ao longo dos anos, sem contar as mudanças ocasionadas sobre o olhar do corpo do indivíduo, tema este tratado no livro “O Nascimento da Clínica” onde o filósofo Michel Foucault<sup>143</sup> analisa as mudanças ocorridas no olhar do médico entre os séculos XVIII e XIX, a partir do conhecimento do corpo humano adquirido através das pesquisas anatômicas e, então o médico passou a observar os pacientes não apenas pelos sintomas, mas também além da visão, passou a utilizar outros sentidos tais como o tato, tocando no indivíduo, como também escutar mais, seja os batimentos do coração ou os sussurros do doente.

No entanto, a Medicina tratada por Michel Foucault (2004), entre os séculos XVIII e XIX, difere da Medicina abordada, por Anne Marie Moulin(2008) sobre o século XX, na França, no que diz respeito à aproximação do médico com o corpo do doente, pois enquanto Michel Foucault trabalha sobre a aproximação do médico com o paciente, após as descobertas anatômicas, pois o médico passou a tocar, a ouvir, além de observar o paciente, Moulin<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> O autor desta poesia foi Bezerra de Carvalho, um dos primeiros professores da Faculdade de Medicina de Campina Grande, o qual faleceu em 2011.

<sup>143</sup> FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>144</sup> MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da Medicina. In: CORBIN, Alain (org). **História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

discute que no século XX ocorreu outra mutação do olhar do médico sobre o doente, pois os médicos deste século, com o auxílio das novas tecnologias tornaram mais distantes de seus pacientes, visto que as máquinas fazem o serviço que antes cabia apenas ao médico.

Nesse sentido, no século passado ocorreram mudanças do olhar médico sobre o corpo doente, devido ao uso de equipamentos tecnológicos no diagnóstico das enfermidades, o que tem cada vez mais distanciando a relação entre médico e paciente. No entanto, mesmo distanciando a relação médico-paciente, estas novas tecnologias ajudaram nas descobertas de patologias que até então eram desconhecidas, além disso, o corpo humano pôde ser penetrado em seu interior e estudado de forma mais detalhada.

Dessa maneira, a concepção de corpo e a relação médico-paciente têm sido modificadas ao longo da história da medicina, e na cidade de Campina Grande, nas épocas estudadas nesta pesquisa, ainda havia resquícios de médicos que se preocupavam, conversavam e olhavam face-a-face com o paciente, algo que se modificou significativamente em nossa sociedade atual.

Neste capítulo discutiremos o conceito de corpo e como este foi sendo estudado através das novas tecnologias empregadas no conhecimento da Medicina, dando visibilidade às mutações do olhar dos médicos com relação aos corpos dos pacientes desta urbe, após a década de 60. Para isso, analisaremos esses instrumentos modernos que faziam parte dos laboratórios, ambulatórios e hospitais que formavam a Faculdade de Medicina de Campina Grande, a partir de depoimentos de usuários que foram atendidos pelos serviços prestados por médicos, funcionários e professores que trabalharam nesta instituição de nível superior.

#### **4.1. O Corpo estudado em Laboratórios**

De acordo com os depoimentos das pessoas que vivenciaram as experiências de ver e ouvir falar sobre as instalações dos equipamentos tecnológicos implantados nos laboratórios da Faculdade de Medicina informaram que neste espaço continha instrumentos considerados modernos para a época, tais como microscópios, que havia em quantidade suficiente para cada aluno.

Segundo a professora Maria José os laboratórios eram bem equipados para a época, no entanto, para manusear os instrumentos neles presentes, os professores que atuavam nesta instituição, deveriam se qualificar na Faculdade de Medicina de Recife, instituição de referência no ensino da Medicina do período, para depois aplicar seus conhecimentos nos laboratórios da Faculdade de Medicina de Campina Grande. Foi na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, que a própria professora Maria José obteve sua formação acadêmica. Conforme esta intelectual quando os professores vinham ministrar as suas aulas encontravam “todo o equipamento necessário”, tendo em vista que o sucateamento da instituição médica campinense ocorreu depois dos anos oitenta. A professora nos contou sobre o Laboratório de Fisiologia, o qual era um dos que ela mais trabalhava na época. Nele continha equipamentos de ponta, considerados muito modernos naquele período.

Nos depoimentos dos entrevistados que presenciaram o funcionamento dos Laboratórios da Faculdade de Medicina, percebemos que todos os relatos informaram que os equipamentos laboratoriais eram de última geração, considerados de alta tecnologia para aquele período histórico.

O senhor José da Guia Carneiro nos informou que a prática médica, inicialmente, era realizada através de experiências com animais para depois esses mesmos experimentos serem aplicados em humanos. Para isso, eram utilizados diversos tipos de animais para compor o ensino da Medicina. Segundo o senhor José da Guia Carneiro “os laboratórios funcionavam como todas as práticas possíveis da época”. Nos laboratórios “tinha todo o equipamento da época e funcionava normalmente”. De acordo com o senhor José Carneiro:

tinha prática com coelho, com cachorro, com pinto, com frango, com carneiro, com quase todos os animais e curso profissional que era, funcionava na FAP, na época, ele tinha um atendimento ao público,(...) Os próprios alunos do curso acompanhava o professor e fazia atendimento ao público<sup>145</sup>.

---

<sup>145</sup> Depoimento do funcionário José da Guia Carneiro da Faculdade de Medicina de Campina Grande.

O depoimento de José da Guia Carneiro nos faz refletir sobre a importância das experiências médicas, realizadas com animais. Todavia, mesmo este método existindo na atualidade, ele tem sido questionado pela Comissão de Ética, pois os sujeitos que compunham esta comissão acreditavam que, muitas dessas práticas sacrificavam os animais. De acordo com Maria José a prática de fazer experiências com animais antes de fazer com humanos ainda existe, mas com muito rigor, visto que existe uma comissão de ética que proíbe a utilização de animais em Laboratórios.

A partir daí, pensemos quantos animais foram sacrificados, tendo muitas vezes, seus corpos deformados ou até mesmo morreram nos laboratórios para servirem de cobaias para os profissionais da área médica e, com isso, o conhecimento da Medicina que se tem adquirido ao longo dos séculos deve muito às experiências com animais realizadas em laboratórios, pois através destes seres vivos o médico pôde entender como funciona o corpo do animal e aplicar o conhecimento no corpo do homem, uma vez que o funcionamento de ambos os corpos apresentam semelhanças.

É nesta perspectiva que o Senhor Severino Jorge de Paula nos contou que os médicos e alunos utilizavam muitos animais para experiências e práticas médicas na instituição de Medicina campinense, mas principalmente, entre os anos de 60 até os anos 80, visto que, posteriormente, as imagens foram utilizadas para aprofundar o conhecimento do corpo humano. Este funcionário nos comunicou que na Faculdade existia uma mascote, que era uma cadela, à qual havia sido operada e continuou morando nas instalações do curso de Medicina.

Nos laboratórios da Faculdade de Medicina de Campina Grande, havia muitos microscópios, principalmente nos Laboratórios de Histologia e Embriologia, os quais ajudariam os alunos desta área a detectar os seres minúsculos presentes no organismo dos seres humanos, pois através destes equipamentos modernos, o médico poderia detectar órgãos com patologias que prejudicavam o funcionamento do corpo humano. Para isso, os alunos de Medicina, estudavam os tecidos em sua forma sadia e patológica, para analisarem os seres causadores de determinadas doenças, tais como os protozoários, parasitas, bactérias e vírus. E, dessa forma, o microscópio era, e continua sendo, um instrumento essencial para que o médico detecte

enfermidades existentes no corpo do homem e busque a cura. Segundo o funcionário do Laboratório de Anatomia Severino Jorge de Paula, “os microscópios eram de última geração, e continham lâminas para visualização para pesquisa, seja ela com animais ou com seres humanos”.

Nesse sentido, notamos a importância que teve o microscópio na área médica, visto que seres, que até então eram desconhecidos e que há muitos anos prejudicavam a saúde do indivíduo, foram analisados e notificados que os mesmos causavam patologias no organismo humano.

Considerando a fotografia que segue abaixo, podemos observar alguns microscópios da instituição médica de Campina Grande, sendo manuseados por dois alunos, os quais possivelmente estavam estudando sobre alguma patologia ou apenas posaram para registrar esses equipamentos que exibiam o princípio de progresso científico e tecnológico adquirido na Faculdade.

Para Luciene Lehmkuhl (2010) “nenhuma imagem é ‘verdadeira’ ou falsa, é apenas adequada a uma cultura ou momento para expressar significados”<sup>146</sup>. Esta observação de Lehmkuhl nos esclarece ainda mais que a imagem registrada é algo em que o produtor da mesma tenta provar, a partir da sua intencionalidade, o que deseja expor para outros indivíduos e, dessa forma, o historiador que trabalha com fotografias deve sempre questioná-las, expondo suas interpretações, que também podem ser questionadas por outros pesquisadores que venham a analisar as mesmas fotografias, pois elas podem apresentar diferentes interpretações. Neste sentido, as imagens fotográficas nem são verdadeiras, mas também não são falsas, são, então, representações de uma sociedade e de uma época que o fotógrafo quis registrar a partir de seus interesses.

Vale ressaltar ainda que em muitas das fotografias, adquiridas do arquivo do senhor José da Guia Carneiro, um dos temas mais recorrentes são as instalações dos laboratórios com seus equipamentos de última geração para a época. Deste modo, possivelmente estes instrumentos modernos tiveram grande significação para os médicos que atuavam nesta instituição na década de 70. Assim sendo, fica evidente a intenção de registrar o momento em que

---

<sup>146</sup>LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In: RODRIGUES, Kátia. LEHMKUHL, Luciene (orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p.58.



estudantes da Faculdade de Medicina de Campina Grande observavam os microscópios, pois estes representavam que a Medicina da cidade seguia os avanços da ciência e da tecnologia.



**Fig. 11.** Alunos observando as lentes microscópicas em 1976 na Faculdade de Medicina. **Fonte:** Arquivo do funcionário José da Guia Carneiro.

Conforme a funcionária Maria Lúcia no Laboratório de Histologia continha microscópio suficientes para os alunos, onde o futuro médico fazia todos os procedimentos de tratamento, para depois atuar no Hospital, onde iria praticar com o doente, mas antes praticavam nos laboratórios da Faculdade com animais, dentre eles, camundongos, ratos, coelhos e sapos. Por mencionar os camundongos, encontramos no arquivo de fotografias do senhor José Carneiro, uma imagem que mostra como eram guardados os camundongos para serem estudados em laboratórios. Esses animais eram guardados em biotérios, que são locais onde os animais vivos são alojados para serem estudados em laboratórios.

A fotografia abaixo nos mostra como os camundongos eram colocados nos biotérios da Faculdade de Medicina campinense, na década de 70, para depois terem seus corpos analisados, auxiliando a Medicina na cura e prevenção das doenças através do estudo das partes minúsculas dos corpos de determinados animais, como os camundongos, para posteriormente,

examinar o corpo humano. Vale ressaltar ainda que há muitos anos na História da Medicina os camundongos foram objetos de experimentos neste campo do saber.



**Fig.12.** Biotério, onde eram alojados os camundongos para realização de experimentos nos laboratórios da Faculdade de Medicina de Campina Grande no ano de 1976. **Fonte:** Arquivo do funcionário José da Guia Carneiro.

Conforme Marta de Almeida (2003) “a realização de experimentos científicos utilizando seres vivos, sobretudo seres humanos, provocava reações e controvérsias”, isso durante o século XIX, pois algumas pessoas acreditavam que a utilização de pessoas vivas colocava em risco a vida desses indivíduos, que muitas vezes serviram de cobaias para experiências em laboratórios, sem contar os animais que eram sacrificados<sup>147</sup>.

No Laboratório de Histologia, os alunos estudavam os tecidos dos animais, colocando uma parte deste tecido em uma lâmina para ser analisado através das lentes dos microscópios, os quais existiam em grande quantidade na Faculdade de Medicina, inclusive binocular como nos contou a professora

<sup>147</sup> ALMEIDA, Marta de. “Tempo de laboratórios, mosquitos e seres invisíveis: As experiências sobre a febre amarela em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et al.(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.134.

Maria José. A funcionária Maria Lúcia relatou como era feito o processo de estudo no Laboratório de Histologia e Fisiologia, expondo um exemplo como os alunos faziam as experiências com o sapo para depois fazerem no corpo humano:

Pegava um sapo, que a Histologia é o estudo do tecido, pegava o sapo, colhia uma peça, pegava o tecido, ia pro laboratório pra pegar esse tecido e colocar numa lâmina. Desde o sacrifício do rato que era na fisiologia, que sacrificava o rato. Aí esse tecido, aí pronto, passava pra histologia, em histologia preparava a lâmina, cada um preparava a sua lâmina pra estudar. (...) <sup>148</sup>.

A partir deste depoimento de Maria Lúcia, notamos como os alunos adquiriam seus conhecimentos médicos, fazendo suas próprias lâminas, no entanto, percebemos como os animais sofriam durante estas experiências.

Maria Lúcia trabalha na Faculdade de Medicina de Campina Grande desde 1972, onde primeiramente foi funcionária do Laboratório de Histologia e Embriologia, e depois foi transferida para o Laboratório de Patologia. Ela nos contou que no campo da Histologia os alunos estudavam o tecido sadio, onde eles poderiam observar o desenvolvimento da célula. Enquanto, na Patologia o estudante passaria a estudar a mesma técnica, todavia, não mais com o tecido sadio, mas com o tecido doente. Segundo Maria Lúcia, as lâminas às quais os alunos de Medicina têm estudado foram feitas por ela, ao longo de suas experiências nos Laboratórios de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Campina Grande, onde atualmente trabalha na sala de Microscopia.

Com isso, é notória a relação de Maria Lúcia com seu trabalho no Laboratório de Histologia, local onde ela própria aprendeu a fazer as lâminas que serviram de estudo para os alunos que pesquisam nesta área do conhecimento médico.

De acordo com Almeida (2003) a disciplina de Microbiologia, desenvolvida principalmente no século XIX e o estudo do cientista francês Pasteur <sup>149</sup> foram essenciais para que o médico tivesse conhecimento sobre os

---

<sup>148</sup> Depoimento de Maria Lúcia.

<sup>149</sup> Cientista francês que descobriu os microorganismos, causadores de algumas doenças, tais como mosquitos e bactérias. Esse estudioso é muito destacado no campo da Microbiologia.

microorganismos que provocavam patologias no organismo do homem.<sup>150</sup> Esses microorganismos puderam ser estudados em laboratórios, sendo pesquisados pelos profissionais da área médica, às quais possibilitaram o desenvolvimento da medicina e um melhor entendimento das enfermidades que atingiam o corpo humano, visto que os intelectuais desta área do saber acreditavam que com os estudos realizados em laboratórios construiriam um novo tempo para a medicina, pois com os laboratórios de Microbiologia os seres invisíveis poderiam ser vistos e analisados pelas lentes do microscópio. Com isso, a partir das inovações microbiológicas os médicos puderam detectar o agente causador de algumas patologias, como foi o caso da febre amarela, e prevenir o corpo do indivíduo através das vacinações.

Contudo, as pesquisas realizadas em laboratórios excluía as pessoas leigas que não detinham o conhecimento científico, e, neste sentido, os laboratórios tornaram espaços acessíveis apenas aos especialistas, deixando de lado aqueles profissionais que desconheciam a ciência.

Nesta perspectiva, o acesso aos laboratórios foi restrito apenas para os profissionais que tivessem conhecimento da ciência, os quais desejavam pesquisar em qualquer área que necessitasse de laboratórios, tais como Química, Física, Biologia, e as demais disciplinas que compunham a grade curricular do curso de Medicina, tais como Anatomia, Fisiologia, Histologia, Citologia, áreas essas que necessitavam de laboratórios para serem estudadas.

No que se refere ao Laboratório de Anatomia, os corpos que foram e são utilizados para estudo nesta instituição médica, a maioria era composta de indigentes, e a grande maioria eram trazidos de outras localidades, principalmente de Pernambuco, mas, segundo Severino ocorreu um caso em que uma pessoa se doou em vida:

Sempre os corpos foi (sic) indigente né(...). Eu tenho um caso perdido que alguém se doou em vida né. Eu só conheço um caso, o resto é indigente. (...) Sempre vem de fora, de outro Estado, por exemplo, Pernambuco, João Pessoa, sempre vem de outra

---

Sobre a teoria pasteriana ler: SÁ, Lenilde Duarte de. **Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios**. O Serviço de Higiene Pública: 1895-1918. Tese de doutorado. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP), 1999.

<sup>150</sup> ALMEIDA, Marta de. "Tempo de laboratórios, mosquitos e seres invisíveis: As experiências sobre a febre amarela em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et al.(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.126.

localidade, porque a própria legislação recomenda o corpo ir pra outra localidade. Não ficar na localidade de origem pra evitar constrangimento de futuros médicos. Parentescos chegar no laboratório de anatomia e encontrar um parente.(...) O cara tá estudando e de repente, ei esse corpo é do meu avô, por exemplo né. Aí seria chocante pra ele. Sem identificação do passado dele melhor, na minha opinião né. Aí você vai dessecar o corpo, vai manipular ele, entendeu. Algumas pessoas ficam com brincadeira tal, isso aí é desrespeitoso, e alguém ver um parente ali e alguém soltando uma brincadeirinha não seria bom<sup>151</sup>.

No depoimento de Severino percebemos o quanto a morte nos constrange, visto que não aceitamos que algum parente querido seja cortado e dessecado para ser estudado em laboratórios, pois isso seria aterrorizador para um parente que tivesse que estudar Anatomia sabendo que iria dessecar alguém que fazia parte de sua genealogia.

Conforme Anne Moulin(2008) o campo da anatomia foi de extrema importância ao longo da história para que pudéssemos ter um conhecimento mais aprofundado sobre o corpo humano. Com isso, a autora deixa evidente que a anatomia “parecia não somente uma etapa preliminar para toda aprendizagem médica, mas até o modelo do saber: anatomia significa descrever”.<sup>152</sup>

Com essa área do conhecimento, o médico pôde observar e examinar o interior do corpo. E esse “corpo recortado” como enfatiza Foucault (2004)<sup>153</sup> proporcionou o estudo e funcionamento do corpo através do estudo do cadáver. Corpo este que, recortado em partes ou “peças”, auxiliou o profissional desta área a observar internamente os órgãos e partes que compõem o corpo do indivíduo, tendo em mente que cada parte deste é de extrema importância para o bom funcionamento do mesmo.

Conforme o depoimento do senhor José da Guia Carneiro os corpos, na época, eram trazidos para a Faculdade através de doações e muitos destes cadáveres vieram da Universidade Federal de Pernambuco, além de receber doações da própria família, como um caso que ocorreu na cidade, em que “um senhor morreu e ele tinha dito que queria ser doado à Faculdade de Medicina”

<sup>151</sup> Depoimento de Severino Jorge de Paula.

<sup>152</sup>MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da Medicina. In: CORBIN, Alain (org) **.História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.63.

<sup>153</sup> FOUCAULT, Michel. Abram alguns cadáveres. In: **O Nascimento da Clínica.** 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 159.

e, dessa forma, foi doado, contudo, todas essas doações foram documentadas. As evidências comprovam que esse caso, narrado pelo senhor José da Guia Carneiro, seja o mesmo relatado pelo funcionário do Laboratório de Anatomia Severino Jorge de Paula.

De acordo com as pesquisas de Foucault (2004), com as experiências anatomoclínicas, o olhar do médico foi modificado, tendo em vista que antes ele apenas observava os sinais e sintomas do paciente, entretanto com os avanços da anatomia, “o olho deve ver o mal se expor e dispor diante dele à medida que penetra no corpo, avança por entre seus volumes, contorna ou levanta as massas e desce em sua profundidade”<sup>154</sup>.

Dessa forma, “a doença não é mais um feixe de características disseminadas pela superfície do corpo”, mas sim “um conjunto de formas e deformações, figuras, acidentes, elementos deslocados, destruídos ou modificados que se encadeiam uns com os outros”. Com isso, a doença, conforme Foucault (2004) “não é mais uma espécie patológica inserindo-se no corpo, onde é possível; é o próprio corpo tornando-se doente”<sup>155</sup>. Para Foucault,

A anatomia patológica é uma ciência que tem por objetivo o conhecimento das alterações visíveis que o estado de doença produz nos órgãos do corpo humano. A abertura dos cadáveres é o meio de adquirir esse conhecimento; mas para que ela adquira uma utilidade direta... é preciso acrescentar-lhe a observação dos sintomas ou das alterações de funções, que coincidem com cada espécie de alterações de órgãos. (...) <sup>156</sup>.

Segundo Foucault (2004) “os primeiros anatomistas sabiam que era preciso estar habituado à dissecação dos corpos sadios para decifrar uma doença em um cadáver”. Além disso, este intelectual enfatizou que os médicos devessem estudar a Anatomia comparando “os indivíduos que morreram da mesma doença”<sup>157</sup>. Com esta perspectiva o corpo do indivíduo morto pôde auxiliar no estudo e tratamento das doenças que atingissem o corpo do sujeito vivo.

---

<sup>154</sup> Idem, p.150.

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> Idem, p.149.

<sup>157</sup> Idem, p.148-149.

Observamos abaixo, uma fotografia que representa o Laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina de Campina Grande na década de 70, especificando as mesas onde são colocados os cadáveres e os baldes onde são conservados os órgãos com patologias para serem estudadas, como o coração infartado e pulmões com tumores cancerígenos, e um tanque, local onde os cadáveres são alojados e misturados com formol para a conservação dos corpos. A fotografia, possivelmente seja datada entre os anos de 1968 e 1978, pois no arquivo esta fotografia se encontrava na pasta referente aos dez anos da instituição. Sendo assim, levando em conta que a Faculdade foi criada em 1964. Porém, começou a funcionar com a primeira turma entre os anos de 1968 e 1969, supõe-se, então, que a fotografia se refere à década de 70, compreendidos entre os dez anos que se comemorava o funcionamento da Faculdade de Medicina da “Rainha da Borborema”. Esta fotografia pode ter sido produzida com a intenção de mostrar o suporte que apresentava o Laboratório de Anatomia neste período em que se iniciava o ensino médico neste espaço urbano.



**Fig. 13.** Laboratório de Anatomia- Baldes onde são colocados os órgãos com patologias. Além das mesas onde são colocadas as partes (peças) do cadáver para ser dessecado e estudado pelos alunos. Possivelmente, esta fotografia data-se entre os anos finais da década de 60 e os anos iniciais da década de 70. **Fonte:** Arquivo do funcionário José da Guia Carneiro.

A professora Maria José nos informou que na década de 60 e 70, o número de cadáveres era maior do que na atualidade, pois posteriormente surgiram leis que dificultaram a obtenção de cadáveres, “porque era necessário ser induzido por voluntários, se a família aceitasse, porque, na verdade, embora a gente não acredite, a indigência no Brasil desapareceu ultimamente”, tendo em vista que se podemos encontrar “um cadáver como indigente, às vezes, nas grandes cidades, nos grandes centros, mas nas cidades menores o cadáver, assim, indigente, ele praticamente desapareceu”. Esse desaparecimento de corpos de indigentes se deu porque os corpos populares deixaram de ser corpos de ninguém e passaram a ser propriedade do Estado. Com isso, o Estado passou a controlar os corpos de pessoas infames, indigentes que eram usados para estudo em Laboratórios de Anatomia. Desse modo, quando o Estado interveio nestes corpos diminuiu o número de cadáveres.

Para Foucault (2004) abrir cadáveres era algo que desde o século XVIII os médicos desejavam fazer, todavia nem sempre isso era permitido. Conforme este intelectual, a partir do conhecimento que o médico adquiriu com o morto, ou seja, com o cadáver ele pôde também compreender o sujeito vivo<sup>158</sup> e, com isso, o médico passou a diagnosticar o doente não apenas pelos sintomas que a enfermidade transmitia, mas também a escutar os batimentos do coração e a tocar o corpo do indivíduo. Deste modo, outros sentidos, além da visão, passaram a ser mais utilizados, tais como a audição e o tato. Sobre isso ele enfatizou que:

Em uma primeira aproximação, poder-se-ia acreditar que só se trata de uma redução da distância entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento. O médico dos séculos XVII e XVIII não permanecia “a distância” do doente? Não o olhava de longe, observando apenas as marcas superficiais e imediatamente visíveis, espreitando os fenômenos, sem contato, apalpamento ou auscultação, adivinhando o interior unicamente pelas notações externas? A mudança no saber médico, no final do século XVIII, não provém, essencialmente, do fato de que o médico se aproximou do doente, estendeu os dedos e aplicou o ouvido; que, mudando de escala, ele percebeu o que havia logo atrás da superfície visível, sendo assim, pouco a pouco, levando a “passar para o outro lado” e a descobrir a doença na profundidade secreta do corpo?<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> Idem, p.138.

<sup>159</sup> Idem, p.150.



Nesse sentido, com o conhecimento anatômico adquirido no século XVIII e XIX, o interior do corpo do indivíduo pode ser observado e estudado, e então a doença pôde ser analisada não apenas pelos sintomas externos, mas também pelas deformações que determinadas patologias provocavam no interior do organismo do sujeito. Conforme Moulin(2008) “cabia antigamente ao enfermo chamar a atenção do homem da arte para um distúrbio cuja causa desconhecia, mas cujos efeitos percebiam”. Com isso, “o conhecimento médico vai agora muito além dos sintomas englobando órgãos e funções silenciosas”<sup>160</sup>.

O que Moulin quis enfatizar é que o conhecimento médico adquirido com as novas tecnologias possibilitou aos esculápios conhecer as causas das doenças em órgãos que não manifestavam sinais patológicos, tendo em vista que, por muito tempo, o médico diagnosticava o doente apenas pelas manifestações que fossem visíveis e externas ao corpo.

Segundo Severino alguns alunos do curso de Medicina, principalmente os iniciantes, do primeiro até o terceiro período nomeavam e continuam nomeando os cadáveres, mas os professores não batizam, visto que se o corpo vier batizado já deve vir com identificação do SVO (Serviço de Verificação de Óbito), que vem acompanhado com um documento e as pessoas às quais irão estudá-lo continuam chamando pelo mesmo nome de identificação.

Na época em que foi instalada a Faculdade de Medicina em Campina Grande, o IML (Instituto de Medicina Legal) da cidade, não era localizado próximo à Escola Médica, pois ele funcionava onde atualmente é a Central de Polícia. De acordo com José da Guia Carneiro “o IML era uma pequena sala”, depois a Faculdade de Medicina doou um terreno, na época em que Dr. Firmino era o diretor da Faculdade, e então foi construído o IML ao lado da Faculdade, onde foram ministradas algumas aulas de Medicina legal neste espaço.

Nesta perspectiva, percebemos que ao longo das décadas de 60 e 70, aquela área em que se situa a Faculdade de Medicina no bairro de Bodocongó,

---

<sup>160</sup> MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da Medicina. In: CORBIN, Alain (org) **.História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.19.

foi se transformando em um local de destaque para o estudo do saber médico, uma vez que além da Faculdade, foram instalados o Hospital da FAP e o IML (Instituto de Medicina Legal), os quais serviram para aprimorar o conhecimento médico na cidade.

#### **4.2. O Corpo doente diagnosticado: experiências de pacientes no Hospital da FAP**

A partir dos depoimentos de pessoas que usufruíram dos serviços prestados pelos alunos e professores do curso de Medicina de Campina Grande, no Hospital da FAP, onde os alunos realizavam seus estágios, observamos a importância que teve esse estabelecimento para a população da cidade que não tinha condições de pagar um plano de saúde ou uma consulta. Analisando as entrevistas, percebemos que ocorreram algumas transformações na relação médico-paciente, principalmente com a utilização dos equipamentos tecnológicos que auxiliaram no diagnóstico das patologias, deixando cada vez mais distante a relação entre o médico e os seus pacientes. De acordo com a professora Maria José, o relacionamento entre médico e paciente nas décadas de 60 e 70 é distinto do que encontramos atualmente em hospitais ou em clínicas. Isso decorre:

Pelo fato de números de pacientes ser menor e o médico, geralmente, tinha um número de empregos menor, a relação do médico e do paciente, eu diria que era mais demorada, mais constante e havia uma tendência pra você ser atendido sempre pelo médico, retornar para o mesmo médico etc. Hoje a volatilidade do acompanhamento é muito grande, que exige produtividade. Todo mundo sabe disso e as filas são imensas<sup>161</sup>.

Em nossa sociedade contemporânea tem ocorrido cada vez mais o distanciamento entre médico e paciente, e isso está relacionado à vida apressada que os profissionais desta área tem se dedicado, trabalhando em hospitais e clínicas ao mesmo tempo, procurando aumentar a renda familiar e, com isso, trabalham de maneira cada vez mais rápida, aumentando o número de pacientes, ou melhor, o número de “clientes”, com o intuito de acrescentar

---

<sup>161</sup> Depoimento da professora Maria José.

concomitantemente a sua produtividade. Sem contar o número de aparelhos que fazem todo o diagnóstico sem precisar que o médico toque no corpo do paciente.

Além das máquinas que nos possibilitaram uma maior agilidade no diagnóstico das doenças, Anne Marie Moulin (2008) comenta que no século XX ocorreu a utilização de máquinas automáticas que ajudaram no funcionamento de alguns órgãos do corpo que se encontravam paralisados.<sup>162</sup> A exemplo disso podemos citar os indivíduos que são portadores de insuficiência renal como também comas ou pessoas que conseguem viver com a doença com o auxílio de máquinas que realizam a mesma função de alguns órgãos, como o caso do marca-passo que realiza as mesmas funções do coração.

Além disso, Maria José comentou que os aparelhos tecnológicos são mais caros, então, os procedimentos se tornaram também mais dispendiosos, e, dessa forma, as consultas também apresentam um custo mais elevado. Conforme Maria José, o distanciamento entre o médico e o paciente pode ser explicado ainda, pela confiança que muitas pessoas têm com relação aos equipamentos, confiando mais no diagnóstico das máquinas do que do próprio médico. Como exemplo, a professora relatou sobre o diagnóstico realizado por imagens, em que as pessoas têm acreditado mais na imagem do que em alguns aspectos clínicos. Antigamente, o médico detectava a doença olhando os sintomas e sinais que atingia o paciente, com o auxílio dos aparelhos tecnológicos o médico pode conferir os sinais e os sintomas, sem precisar observar detalhadamente seu paciente. De acordo com a professora “a inter-relação está diminuindo em todos os setores”, não apenas na área médica.

Moulin(2008) nos chama a atenção para observar que com as novas tecnologias “foram progressivamente derrubando para segundo plano a aprendizagem clínica do corpo do outro, um olhar articulando os dados dos cinco sentidos, baseado sobre uma proximidade física, um face-a-face, ao alcance da mão”<sup>163</sup>. E, com isso, “o médico não precisa mais tocar o paciente, pois a máquina realiza o diagnóstico, sem que o médico necessite perguntar ao paciente sobre o que ele está sentindo. Nesse sentido, ocorreu certo

---

<sup>162</sup> MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da Medicina. In: CORBIN, Alain (org) **.História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.39.

<sup>163</sup> Idem, p.64.

distanciamento na relação entre médico e paciente. É isso que comenta Moulin quando enfatiza que “o enfermo, ou melhor, seu corpo circula entre as máquinas servidas por manipuladores mudos, olhos fitos no aparelho”, em que, segundo Moulin poderia ser “a morte da clínica”, à qual Michel Foucault havia enfatizado o seu nascimento no século XVIII<sup>164</sup>.

#### 4.2.1. O caso Ricardo: uma doença desconhecida

O depoimento de Mary Elisabeth da Siveira Paz<sup>165</sup> sobre o tratamento da doença e da morte de seu irmão Ricardo, entre os anos de 1976 e 1977, nos possibilitou pensar como era a assistência médica em Campina Grande durante a década de 70 e como foi angustiante para a família deste indivíduo perder um parente sem saber a causa de sua morte.

Segundo Mary, seu irmão foi internado no Hospital da FAP e em outros hospitais como o Antonio Targino, portando uma doença que cujas características eram uma mancha avermelhada, à qual os médicos não identificavam qual o tipo da enfermidade. Alguns médicos diziam ser lúpus (doença crônica que pode comprometer qualquer parte do corpo, inclusive a pele), outros diziam ser púrpura (doença que inflama os vasos sanguíneos), todavia até na atualidade, a família não sabe exatamente qual a doença que levou à morte de Ricardo. Conforme Mary:

na época, ninguém detectou qual era o problema que ele tinha, porque uns dizia que era leucemia, outros diziam que era púrpura, outros diziam que era problema de rins. É tanto que hoje, quase trinta anos depois que ele morreu, os médicos dermatologistas disse (sic) se tivesse a lâmina dele hoje era possível detectar exatamente de que foi que ele morreu<sup>166</sup>.

A Medicina em Campina Grande, mesmo contendo alguns aparelhos modernos que auxiliavam na detecção das doenças, não havia adquirido completamente a cura e o diagnóstico de determinadas enfermidades no período histórico em estudo. Porém, em épocas posteriores as patologias desconhecidas puderam ser diagnosticadas e tratadas através de remédios e

---

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> Atualmente funcionária da Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>166</sup> Depoimento de Mary Elisabeth, pessoa que foi usuária do atendimento no Hospital da FAP.

vacinas que combatiam os agentes causadores de doenças, a exemplo da tuberculose, Câncer e Aids. Entretanto, mesmo com o avanço das tecnologias, ainda atualmente morrem pessoas em Campina Grande, vítimas das mais banais doenças, pela péssima assistência médica.

Para Mary, o atendimento no Hospital da FAP, que era um atendimento gratuito, era melhor do que os hospitais particulares. Ela relatou que “o atendimento foi tudo feito pelo SUS (Serviço Único de Saúde), mas a dedicação das enfermeiras, naquela época, era como se ele tivesse um atendimento particular. A dedicação das enfermeiras e dos médicos, segundo Mary, “era primordial”, visto que havia médicos que saíam do hospital para atender o seu irmão em casa quando este não podia se deslocar para o Hospital da FAP.

O depoimento da funcionária nos faz pensar que, possivelmente, apenas as enfermeiras de hospitais particulares deveriam dar atenção ao paciente, enquanto as que exerciam suas funções em hospitais públicos não teriam a responsabilidade de oferecer uma boa assistência e atenção ao doente, por ser um serviço gratuito. No momento em que Mary narrava sua experiência no Hospital da FAP, ela contava como ficou surpresa pelo atendimento que um hospital público daquela época oferecia ao paciente, algo que tem diminuído em nossa sociedade contemporânea. Isso nos possibilita refletir como é o tratamento do paciente nos hospitais públicos atuais, onde os pacientes enfrentam enormes filas, sem muitas vezes, serem atendidos, ou até morrendo sem nenhuma assistência.

Sobre a sua experiência no Hospital da FAP, ela comentou, ainda, que os médicos da época conversavam com o paciente e com os seus familiares, inclusive o seu irmão que conversava com os médicos e com as enfermeiras, às quais o levavam para passear pelo Hospital no momento em que não havia pessoas da família do paciente. A funcionária nos contou que muitas vezes quando ela chegava ao Hospital, Ricardo estava sentado fora do quarto, acompanhado por uma das enfermeiras.

No Hospital da FAP, conforme Mary, “tinha poucos médicos, pois não era aquela demanda, porque além de ter o hospital onde o seu irmão foi internado, tinha também o ambulatório que na época pertencia à Universidade

Federal da Paraíba (atual UFCG). Entre a FAP e outros hospitais, Ricardo passou um ano doente e, assim foi sendo transferido de hospital.

Nesta época ele tinha 14 anos e morreu sem saber que patologia atingiu seu corpo. Para Mary, a dificuldade do diagnóstico se deve ao fato de que, mesmo tendo aparelhos tecnológicos de última geração e modernos para a época, não foram suficientes para detectar qual a doença que levou Ricardo à morte. De acordo com o depoimento da entrevistada, a doença que atingiu o corpo do garoto se manifestou da seguinte maneira:

O cabelo caiu. Começou com uma manchinha no corpo. Uma manchinha, que ele jogava muito futebol. Começou com uma manchinha, foi pro médico. O médico dermatologista passou um remédio e desse remédio ele foi piorando, piorando, piorando e ficou aquela história, uns diziam é lúpus, aí outros diziam é púrpura e alguns diziam não, é leucemia, aí outros diziam não é problema de rins e na realidade até hoje a gente não sabe exatamente de que foi que ele morreu<sup>167</sup>.

Através do depoimento de Mary, é notório o seu sentimento de angústia por não conhecer a doença que matou seu irmão. Essas sensações traduzem o mundo e a experiência pessoal da entrevistada. Sobre esse campo das sensibilidades Sandra Jatahy Pesavento<sup>168</sup> enfatiza que “os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos”. Com isso, a partir do sentimento de Mary notamos como a morte do seu irmão significou mudanças na sua vida.

Conforme Mary, Ricardo morreu no Hospital Antonio Targino, após ter sido internado na FAP, mas ninguém da família nunca observou o atestado de óbito do garoto, talvez por medo, ou para não lembrar o sofrimento e a falta que eles sentem do seu parente.

Através do depoimento da entrevistada, percebemos o quanto a morte do seu irmão modificou a vida de seus familiares, visto que após um mês da morte daquele indivíduo, Mary e seus pais decidiram morar em outra casa para que as lembranças do garoto não os deixassem deprimidos. Ela nos

<sup>167</sup> Depoimento de Mary Elisabeth.

<sup>168</sup> Sobre a História das Sensibilidades recomenda-se: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no Tempo. Tempo das Sensibilidades**. Disponível em <http://nuevomundo.Revues.or/index.229html>.

comunicou ainda que a rua, à qual ela reside na atualidade, recebeu o nome do seu irmão. Conforme Mary:

na época que foi construído o conjunto aí teve um vereador que era Hélio Cavalcante, era muito amigo de meu pai, aí conversando com o meu pai perguntou aonde era que ele tava tal. Aí ele disse você vai morar em que rua? aí ele disse eu não sei que rua não, é na quadra m. Aí ele chegou lá: aí fez uma menção lá na Câmara e pediu pra botar o nome dele.(...) Aqui no Conjunto dos Professores, bairro universitário<sup>169</sup>.

Com esse depoimento, nota-se que na época, a família do rapaz detinha de certo poder aquisitivo, pertencendo à classe média de Campina Grande, pois não era qualquer família que teria o nome de sua rua em homenagem a um parente como ocorreu com a família do garoto<sup>170</sup>.

Durante o tratamento do garoto, algumas pessoas indicaram alguns remédios e rezas, mas não os médicos que cuidaram da doença de Ricardo, pensando que poderia ser algo vindo de outro mundo, pois, segundo Mary, até espíritas vieram ver se aquela doença do paciente era algo relacionado ao espiritismo:

Muita gente, pessoas chegavam e tome isso, tome aquilo, inclusive vieram espíritas sabe, esse pessoal aí. Não, isso foi um trabalho que fizeram e não sei o que, e na época, como a gente era leigo né, meu pai terminava acreditando, minha mãe terminava acreditando e hoje a gente ver que na realidade ou ele já tinha nascido com aquilo ou ele adquiriu aquela doença e não tinha nada de espiritismo, não. Aquilo ali foi uma doença que chegou (...). Pra época era uma coisa que pra época, o lúpus e a púrpura é uma doença que pouca gente tem, aliás muita gente tem e pouca gente fala, né. É uma doença assim que ainda hoje não é como a leucemia, como o câncer, que hoje é uma coisa natural, todo mundo se falar né.(...) a tuberculose, e hoje quando uma pessoa tosse, primeiro cuidado, vá pra lá. (...) E tem todo tratamento e na época foram os melhores dermatologistas que existiam dentro de Campina Grande. (...) <sup>171</sup>.

<sup>169</sup> Depoimento de Mary Elisabeth.

<sup>170</sup> O nome do garoto era Ricardo Wagner Silveira Paz. Pertencente a uma família tradicional da cidade de Campina Grande, ele era filho de Castor da Paz e Ivonete Silveira da Paz. Nasceu em 1963 e faleceu ainda na fase inicial da sua adolescência, no ano de 1977. Em homenagem a esse rapaz, uma das ruas que compõe o Conjunto dos Professores, no bairro de Bodocongó, recebeu o seu nome. Sobre isso recomenda-se a leitura do livro: **Memorial Urbano de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande: A União, 1996, p.224.

<sup>171</sup> Depoimento de Mary Elisabeth.

Nesse sentido, Mary deixa claro que mesmo os médicos não indicando rezas ou outras formas de cura as pessoas em plena década de 70 acreditavam na cura através das rezas o que seria vista pela ciência como superstições. Além disso, havia pessoas que acreditavam que a doença do garoto tinha algo haver com espíritos que vieram de outro mundo e poderiam ter se apropriado do corpo do paciente.

Alguns médicos, bastante conhecidos em Campina Grande na época, acompanharam o tratamento de Ricardo, dentre eles o Dr. Bezerra de Carvalho, o qual faleceu recentemente. Ele foi um dos médicos que diagnosticou que o garoto havia adquirido a doença lúpus. Depois da morte do paciente, sua mãe também estava com os mesmos sintomas e foi também diagnosticada pelo mesmo médico, sendo que com a mãe do garoto, o Dr. Bezerra de Carvalho informou que não era lúpus, porém as características da doença, na época em que Ricardo foi internado, levariam a crer que era lúpus.

Dessa forma, percebemos que na época não se tinha um diagnóstico preciso sobre determinadas doenças, mas devemos observar que a tecnologia mesmo sendo avançada naquele período não era suficiente para detectar certas patologias que atingiam à população.

A família do enfermo não culpa médico algum, pois na época nenhum deles conseguiu diagnosticar qual era a doença exata, uma vez que os médicos mencionavam a patologia apenas como suposição, uns diziam que era púrpura, outros enfatizavam que era lúpus e, assim Ricardo faleceu sem ninguém da família saber a causa de sua morte. Para a entrevistada, se fosse hoje seria diferente, devido aos avanços tecnológicos existentes na atualidade.

Mesmo o Hospital da FAP, contendo, conforme Mary, os equipamentos de última geração da época, mais especificamente do ano de 1977, os médicos não conseguiram descobrir a doença exata que atingia o corpo de Ricardo. A funcionária relatou que se ainda fosse possível encontrar as lâminas, que foram analisadas durante o tratamento de seu irmão, ela teria a curiosidade de pedir que fosse realizado outro estudo da enfermidade para ela saber qual a causa da morte do rapaz, pois segundo ela, foram mais de vinte médicos que cuidaram dele no período de tratamento, entretanto não foi possível a detecção da doença, mesmo fazendo os exames necessários para o diagnóstico.



O garoto foi tratado, por maior período de tempo, no Hospital da FAP, que, no entanto, além deste espaço, ele foi internado no Hospital Antonio Targino, local onde faleceu, e na Clínica Santa Clara onde passou um período, todavia, sua maior permanência foi no Hospital da FAP. De acordo com a entrevistada, “entre a Clínica Santa Clara, na época e o Hospital da FAP, este último “era o primeiro mundo, pois era “melhor do que os particulares”. Durante o tempo em que o doente ficou internado na FAP, “ele tinha um quarto só para ele”, mas quando foi internado na Clínica Santa Clara, que era particular, ele dividia o quarto com mais dois pacientes. Além da adequada organização do Hospital da FAP, todo atendimento era gratuito.

Segundo a funcionária, esse hospital era um dos melhores da cidade de Campina Grande, apresentando melhor atendimento do que muitos hospitais particulares. Ela ainda enfatizou que jamais “o hospital-escola deveria ter saído daí, principalmente hoje que assim, tá um hospital referência em câncer e não tem mais a universidade. (...) Agora é Alcides Carneiro”. Nesta época, a FAP, não era ainda referência no tratamento do câncer, mas se destacava na região através de outros serviços, tais como vacinação, internação dos pacientes e consultas.

Mary nos contou que o paciente passou por alguns hospitais da cidade, todavia o tratamento não foi melhor do que o prestado no Hospital da FAP. Ela relatou que a menção maior deve-se ao Hospital da FAP, pois “um hospital que o atendimento não era particular e, as enfermeiras, atendentes, os zeladores do hospital, os médicos, era uma coisa assim que só faltava botar você no braço”.

Nesta passagem de seu depoimento, ela reforça o cuidado dos funcionários daquele hospital para com o paciente. A partir das evidências contidas nas narrativas, percebe-se que, nesta época, as pessoas eram mais humanizadas e não havia tanta concorrência entre os profissionais da saúde, além disso, Campina Grande era uma cidade ainda pacata, e o contato entre as pessoas eram mais freqüentes do que presenciamos após quase quatro décadas.

A funcionária ressalta ainda que as enfermeiras passavam grande parte de seu tempo ao lado do paciente e, dessa maneira criava-se um vínculo, visto que as enfermeiras saíam com Ricardo para passear fora do quarto do

hospital, “as próprias enfermeiras faziam isso e hoje é coisa que você não ver em hospital, principalmente com o SUS”. Observamos a fotografia abaixo que tenta, possivelmente, repassar esta mensagem de que as enfermeiras daquele Hospital tratavam bem o paciente.



**Fig. 14.** Enfermeiras observando os pacientes no Hospital da FAP em 1976. **Fonte:** Arquivo do funcionário José da Guia Carneiro.

Como sabemos toda fotografia é produzida por intencionalidade por parte de quem a produziu, todavia ela nos possibilita interpretações de como poderia ser determinado espaço ou indivíduos de uma dada época. Na fotografia acima foram registradas três enfermeiras do Hospital da FAP cuidando dos pacientes, em que cada uma delas estaria cuidando de um doente. Uma delas, possivelmente, examinava a pressão arterial de uma das pacientes. No espaço encontram-se três camas que acomodavam os pacientes, e nota-se que o ambiente era bem limpo, nem que possa ser apenas no momento em que a fotografia foi produzida, exibindo assim a higiene que, possivelmente, apresentava naquele espaço.

Nesse sentido, esta fotografia, dar a entender que a intenção do fotógrafo era a de mostrar que os profissionais atendiam bem aos pacientes e que o espaço era bem cuidado e limpo. Será que o atendimento neste Hospital sempre foi assim? Será que todos os pacientes eram bem atendidos como

foram nossos entrevistados? Mesmo que tenham ocorrido maus tratos com pacientes neste espaço, isso foi silenciado, pois os relatos aqui mencionados mostram que o Hospital da FAP era referência no bom atendimento ao paciente nas décadas de 60 e 70 do século XX.

Com isso, não encontramos depoimentos de pessoas que falassem algo contra o tratamento dos profissionais daquele espaço na época. Deste modo, as evidências contidas nas fotos e nas narrativas nos fazem perceber que era um Hospital em que tratava bem o paciente com o intuito de legitimar de uma vez a Medicina na cidade, pois na época a Escola Médica ainda caminhava em seus primeiros passos e teria que mostrar uma boa imagem dos seus profissionais que lá tiveram suas formações acadêmicas, para com isso, conseguirem um maior investimento para a instituição e valorização dos médicos que lá atuavam.

Narrando sobre suas experiências no Hospital da FAP, durante a internação do seu irmão, Mary informou como era o cuidado das funcionárias neste espaço, pois segundo ela, além de uma assistência excelente das enfermeiras, era também um local muito limpo, tão limpo que nas suas lembranças ela nos relatou que ainda sente o cheiro da maçã do quarto onde o paciente ficou internado.

Isso nos mostra que o cheiro também tem história, marcando a vida dos indivíduos. No depoimento de Mary, percebemos que o cheiro da maçã representou, para ela, que o quarto onde seu irmão estava internado era um ambiente agradável, devido ao cheiro que marcou sua estadia naquele local. Isso nos faz refletir sobre os odores abordados por Alain Corbin (1987) sobre o fedor do pobre que representava a imundície nas ruas francesas do século XVIII e XIX na França, e então o cheiro ajudava a descrever o espaço sujo e miserável que habitavam estas pessoas. Enquanto o cheiro da maçã abordado na narrativa de Mary, durante a internação de Ricardo entre os anos de 1976 e 1977, relembra que o Hospital da FAP era um espaço limpo e higiênico.

Nesta perspectiva, notamos que os cheiros também ficam impregnados na memória dos indivíduos, como no caso da entrevistada que relembra o cheiro da maçã como algo que ainda esteja presente nas suas lembranças. Com isso, evidencia-se que a percepção que os sentidos, como o olfato, proporcionam ao sujeito pode marcar em sua memória o espaço e a época, os

quais ele esteve inserido<sup>172</sup>. Descrevendo o Hospital da FAP, a entrevistada comentou que:

Era grande, corredores assim largos, corredores largos que você, aquele brilho assim no chão, que era um chão de granito, aquelas pedrinhas, parecia um espelho. Largo, aqui do lado direito aonde meu irmão ficava cheio de quartos, aqueles quartos arejados, aquelas janelas todas abertas. (...) Muito limpo, muito. Tô dizendo a você limpo que brilhava o chão. Elas sempre estavam passando ali com um paninho, ajeitando, o que a gente pedia tava ali. Eu ainda sinto até hoje o cheiro da maçã, acredita, sinto o cheiro da maçã, porque elas pegavam a maçã aí botava na gavetinha ali onde você guarda as suas coisas, no armário, aí deixava um tempo lá, tirava, aí ficava o cheiro da maçã<sup>173</sup>.

A organização do Hospital da FAP se adequava aos ideais de uma arquitetura que estivesse de acordo com os padrões da ciência médica, com quartos arejados e janelas largas que faziam com que o ar circulasse facilmente. Além dos hábitos higiênicos que faziam com que os microorganismos presentes naquele espaço fossem extinto.

A doença que atingiu o corpo deste paciente apresentava uma mancha avermelhada por fora e branca por dentro. Segundo a entrevistada, quando estava nos últimos dias de vida, o garoto apresentava um corpo muito magro e seus cabelos caíram, a barriga e os pés ficaram muito inchados, além disso, ele urinava bastante, apresentando ainda sensibilidade à luz e convulsões. No entanto, a barriga só veio inchar, conforme Mary, uma semana antes da morte de Ricardo:

Ele urinou muito. Ele morreu na terça-feira. Na segunda-feira eu tava com ele no quarto e o pessoal tinha ido jantar, que ele ficava mais comigo e a gente assistindo televisão no quarto, ele começou “Mary esta televisão está ligada?” “Esta luz está acesa ou apagada?” Aí eu falei tá apagada Ricardo. Mary esta luz está acesa ou apagada? Aí minha mãe ouviu lá da cozinha e correu, quando ela acendeu a luz, ele estava tendo uma convulsão e eu que estava do lado dele não notei. Aí dali, ele foi internado, aí foi para o Antonio Targino. Meu pai ligou pro médico e esse médico, na época, era ele e a noiva, é porque eu não lembro o nome dele. Vieram lá em casa. O casal foi lá pra casa levou ele pro hospital no próprio carro<sup>174</sup>.

<sup>172</sup> Sobre o simbolismo dos cheiros recomenda-se a leitura de: CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>173</sup> Depoimento de Mary Elisabeth.

<sup>174</sup> Idem.

Neste caso, a família de Mary era bem articulada com os médicos que atuavam na cidade, uma vez que seu pai quando precisava do médico bastava telefonar e os médicos iam à sua residência, chegando até levar o garoto doente no seu próprio carro para o Hospital, como ocorreu com o médico que veio atender o garoto.

Para detectar a doença de Ricardo foram realizados diversos exames de sangue, de urina, de fezes, de radiografia, além de muitos remédios receitados pelos médicos que não surtiram efeitos. E com isso, a família, de acordo com Mary, gastou muito dinheiro com o tratamento do rapaz, ficando apenas a casa, pois buscavam obter a cura de Ricardo, entretanto isso não foi possível, talvez porque mesmo que já existissem aparelhos tecnológicos avançados, todavia ainda a cura de determinadas doenças ainda não era possível, como a Aids ainda não é na atualidade.

Toda essa trajetória ocorreu com uma família de certa forma estruturada e que possuía certo poder aquisitivo, imaginemos se isso tivesse ocorrido com alguém da camada menos privilegiada, será que o doente desta classe social teria conseguido viver ainda um ano como viveu Ricardo? Ou teria morrido nos primeiros dias da doença sem ter um atendimento adequado? Perguntas essas que ficaram apenas no campo das suposições.

#### **4.2.2. O medo do corpo doente**

Caminhando no Hospital da FAP, durante a internação de seu irmão, Mary relatou que encontrou alguns sujeitos portando outras patologias, tais como a tuberculose, enfermidade que a deixou impressionada com o medo de contágio que a família tinha para com o doente:

Na realidade eu vi um tuberculoso, um tuberculoso e quando ele passou era a família com o prato, com copo tudo dentro do saco e me chamou atenção porque, porque olhe a gente tem que quebrar tudinho e enterrar. Eu vendo aquilo né, me chamou atenção. Aí uma tem que quebrar tudinho e enterrar. Aí outra disse: Por que? Porque

isso é tuberculose (...) Tem que quebrar tudinho e enterrar porque, aí a outra disse por que? Porque ele está com tuberculose<sup>175</sup>.

Na fala de Mary é notório o medo que as pessoas tinham em só falar o nome da doença, imagine os pertences que o doente usufruía, tais como os copos e pratos que, segundo a Medicina da época, poderia contaminar outras pessoas apenas pelo contato com o objeto do doente. E, para isso, era necessário descartar os objetos utilizados pelo tuberculoso. Essa doença, considerada o mal do século XIX, amedrontou a população por vários anos, pois na época não havia cura, e então para que o doente não transmitisse a patologia para outros indivíduos era necessário isolar o tuberculoso das demais pessoas. No entanto, em plena segunda metade do século XX, após descobrirem que a doença era transmitida por um bacilo, através dos estudos do médico alemão Robert Koch, esta enfermidade ainda aterrorizava a população campinense<sup>176</sup>.

Esse sentimento de medo das doenças, como a tuberculose nos faz pensar sobre as representações de mundo a partir das sensações e emoções do indivíduo. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento(2007) “a sensibilidade revela a presença do eu como agente e matriz das sensações e sentimentos”. Ela começa no indivíduo, que pela reação do sentir, e põe o seu íntimo. Dessa forma, a leitura das sensibilidades é uma espécie de leitura da alma. Mesmo sendo um processo individual, a sensibilidade pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica<sup>177</sup>.

Além da tuberculose, Mary presenciou outros pacientes com patologias, como apendicite, doenças cardíacas e outras enfermidades que as pessoas não gostavam de citar o nome, pois eram consideradas perigosas e as pessoas preferiam não mencionar para que o doente não fosse alvo de preconceito e a pessoa sadia não atraísse a doença:

---

<sup>175</sup>Depoimento de Mary Elisabeth.

<sup>176</sup>Sobre a tuberculose recomenda-se ler: GISCARD, Agra. **A Urbs: doente Medicada. A higiene na construção de Campina G(g)rande(1877-1935)**. Campina Grande: PB, UFCG, 2006.

<sup>177</sup>PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: (org) **Sensibilidades na história**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 9-21.

A tuberculose naquela época não tinha, não tinha cura né, não tinha cura entre aspas, mas assim lhe dizer muito, eu via gente com apendicite, via gente com problema cardíaco. Pronto o câncer, que naquela época não se falava. Eu posso até ter visto, mas ninguém falava naquela época<sup>178</sup>.

Tanto a tuberculose no século XIX, como também o câncer em nossa sociedade contemporânea foram consideradas doenças que não se devia mencionar seu nome, pois muitas pessoas acreditavam que apenas por referir o nome da doença, esta poderia ser atraída para o corpo de quem a citou. Desta forma, em décadas anteriores pode-se dizer que o câncer já matava muitas pessoas, mas as pessoas que sabiam que tinham a patologia não diziam com medo de serem reprimidas e afastadas do convívio dos outros indivíduos, pois muitos deles poderiam ter preconceito para com o doente. Com isso, muitas pessoas foram mortas desta patologia, entretanto não aludiam o seu nome, descrevendo apenas como “doença perigosa”.

Na atualidade as pessoas têm discutido mais sobre as doenças, pois as campanhas de prevenção e cura de determinadas doenças têm esclarecido a população, mostrando que mesmo algumas doenças que não existe cura, como a Aids, porém existe tratamento que pode prolongar os anos de vida do paciente, e este pode levar uma vida normal. Contudo, até hoje em dia, muitas pessoas ainda têm medo de falar sobre determinadas doenças, como é o caso do câncer. No entanto algumas doenças têm sido discutidas mais abertamente, como comentou Mary, pois pelo menos os indivíduos têm citado mais o nome das patologias, sem precisar esconder a sua denominação:

Ou então aquela doença, ou então, CA. Hoje em dia não se você quer falar da Aids, você fala da Aids abertamente, inclusive tem que falar né.(...). Uma doença sexualmente transmissíveis quem era que falava isso né, ninguém falava, mas hoje tem abertura para se falar.(...) O cuidado tem que ser maior né<sup>179</sup>.

Os cuidados com a prevenção do indivíduo e as informações dos meios de comunicação sobre determinadas patologias possibilitaram ao indivíduo a

<sup>178</sup> Depoimento de Mary Elisabeth.

<sup>179</sup> Idem.

ter conhecimento mais amplo das doenças que eram consideradas tabus, como é o caso das doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids, que tem sido discutida nas escolas em palestras para informar a população, com o apoio das novas tecnologias. Esta doença, no primeiro momento, foi estigmatizada e relacionada à homossexualidade, considerada a peste gay durante os anos 80 e, na atualidade alguns pesquisadores da área médica têm realizado estudos para obter a cura desta patologia.

#### **4.3. O parasita se instala e causa a “barriga d’água”: O Caso de Rosicléa**

Para Eclea Bosi (1994), “o modo de lembrar é individual tanto quanto social”,<sup>180</sup> pois o grupo de uma comunidade pode transmitir as informações, porém cada indivíduo tem a sua maneira de recordar suas lembranças. É nesta perspectiva de que o sujeito expõe subjetivamente seu ato de lembrar, que passaremos, a partir de agora a enfatizar um caso de uma mulher que quando adolescente enfrentou um problema de saúde, causado por um parasita que havia instalado em seu organismo, e ela contou como foram suas experiências durante o tratamento em um Hospital de Campina Grande.

Era o ano de 1968, e a atual funcionária da Biblioteca de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Rosicléa Maria Vital de Arruda, foi internada no Hospital da FAP, contendo uma patologia denominada de esquistossomose, mais conhecida como “barriga d’água”, causada por parasitas que se instalam no fígado humano. Rosicléa nos contou que conseguiu a cura desta doença, devido ao adequado atendimento do Hospital da FAP:

O atendimento, pra mim, na época, foi benéfico, porque o problema que eu estava sentindo, precisa falar que tipo de doença?(...) Esquistossomose, esquistossomose é (...) e como na época eu fazia o ginásio e, o médico queria que eu ficasse internada um mês. Mas, como eu estudava, fiquei três finais de semana. Da sexta até a

---

<sup>180</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.31.



segunda-feira de manhã e hoje eu, graças a Deus, me sinto curada pela assistência que eu tive lá<sup>181</sup>.

Com esse depoimento ressaltamos o constrangimento da entrevistada em enfatizar o nome da doença pela qual ela havia contraído, uma vez que ela primeiro pergunta se é preciso citar o nome da patologia. De acordo com Rosicléa o tratamento era demorado e precisava ficar internado, e, com isso esta paciente ficou ainda três finais de semanas no Hospital para tratamento e conseqüentemente conseguiu a cura.

Segundo a funcionária, “a relação médico-paciente está mudando, pois as pessoas não têm tanta humanização como antigamente”. Entretanto, os funcionários que compunham o Hospital da FAP, durante a sua internação, como médicos, enfermeiras, pessoal de apoio, serviços gerais, enfim, todas as pessoas que faziam parte daquele espaço, ela só tem a agradecer pelo atendimento e atenção dos profissionais que atendiam naquela época.

De acordo com a entrevistada, durante a sua internação, presenciou pessoas com a mesma doença que ela portava e alguns pacientes com tuberculose. No quarto em que ela foi hospitalizada havia outras garotas com a mesma patologia que ela contraiu, todavia, a doença no corpo dessas meninas já estava em fase mais desenvolvida, tanto é que foi confundida, por Rosicléa, com gravidez:

Quando eu tava internada eu vi meninas novas com a barriga grande, eu pensava, eu fiquei falando com a funcionária de lá, meninas novas grávidas. Aí a minha colega, ela trabalhava na marcação de consulta, e ela me disse que não eram meninas grávidas, eram meninas que estavam com a mesma doença que eu estava, que eu poderia também ficar com aquele tipo de barriga grande cheia d'água. (...) Tinha muita gente (...). Eu vi duas ou três com o mesmo caso. (...) quatro comigo. (...)<sup>182</sup>.

Neste contexto eram frequentes os casos de pessoas internadas vítimas da esquistossomose, doença causada por platelmintos, que se encontram em águas contaminadas, e entrando em contato com a pele humana se aloja no fígado e podem atingir o cérebro e pulmões, dentre outros órgãos. Esta enfermidade se assemelha a uma gravidez no caso das mulheres que portam

---

<sup>181</sup> Depoimento de Rosicléa.

<sup>182</sup> Idem.

esta doença, como lembrada por Rosicléa, devido ao crescimento da região que compõe o abdome. Lembrança essa que sobrevive na memória desta mulher, que na época não percebia os riscos que esta patologia poderia trazer ao seu corpo. Essas lembranças sobre a doença que atingiu a entrevistada nos possibilitam refletir sobre o significado que o ato de lembrar proporciona ao indivíduo refazer suas leituras sobre tal acontecimento. Desta forma, “a lembrança é a sobrevivência do passado”, como enfatiza Eclea Bosi (1994)<sup>183</sup>, sendo este passado conservado na memória de cada sujeito.

Pertencente a uma família de baixo poder aquisitivo durante sua internação, Rosicléa contou que escolheu o Hospital da FAP, pois não tinha condições de pagar um plano de saúde, contudo o atendimento era excelente, o que fazia com que não apenas a população campinense usufruísse dos serviços, mas também pessoas que pertenciam a outras cidades e outros Estados, como informou a própria entrevistada:

Não foi por referência não, foi por necessidade mesmo. Eu não tinha plano de saúde e a (...), o local onde a gente era bem atendido era lá. (...) Era referência. Vinha muita gente também de fora, muita gente do Sertão, de outros Estados, do Rio Grande do Norte, como ainda hoje vem muita gente de fora pra fazer tratamento, hoje, que só é a parte de Oncologia né, onde antes eram os laboratórios<sup>184</sup>.

Com o depoimento de Rosicléa percebemos que como Mary, ela também foi bem tratada naquele espaço de cura, todavia não sabemos se era realmente assim com todas as pessoas, pois no campo da história parte de escolhas e os relatos dos sujeitos entrevistados nos passaram essas informações, entretanto se em algum momento estas pessoas foram mal recebidas na FAP essa informação foi silenciada.

Contudo, devemos observar que os depoimentos são versões dos indivíduos que narram àquilo que mais marcou sua vida em determinada época e, neste sentido o mesmo fato pode ser narrado por outra pessoa de maneira distinta,<sup>185</sup> ou que o fato não tenha afetado em nada. Alessandro Portelli

---

<sup>183</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.53.

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**. São Paulo. 15 de Abr. 1997, p.16.

ênfatiza que a “História Oral diz respeito a versões do passado”<sup>186</sup>, e dessa maneira, as experiências narradas pelos entrevistados, nesta pesquisa, perpassam pela subjetividade do narrador, o qual relata as lembranças guardadas em suas memórias, ou até silencia quando o sujeito não deseja expor algo para a sociedade.

Com isso, no campo da história não se trabalha com a verdade, mas com as verdades. Portanto, nem tudo o que é narrado é a verdade, mas também não é mentira, são apenas versões dadas pelas pessoas entrevistadas, e que cabe ao historiador fazer as suas interpretações sobre os relatos orais dos entrevistados. Entretanto, se tivéssemos encontrado outros indivíduos que apresentassem outros olhares sobre o atendimento no Hospital da FAP, nas décadas aqui estudadas, este trabalho, teria caminhado por outros ângulos.

Rosicléa contou das mudanças ocorridas entre o médico-paciente na atualidade, enfocando que o médico na época em que ela foi internada, era mais próximo do paciente, pois além de ser mais atencioso para com o paciente, conversava também com a sua família. Ela mencionou, comparando, esta relação entre o médico e o doente durante a década de 60 e na atualidade:

tem muita diferença. Hoje acredito que até no particular o médico faz a diferença. Ele é o médico e o paciente é o paciente. Hoje faz a diferença, antes não. Até telefonar pra casa o médico telefonava para a casa do paciente, se tivesse telefone pra saber como era que ele estava evoluindo<sup>187</sup>.

Ela relatou um caso de um médico chamado de Dr. Hélio Carlos, o qual mostrava muito sensível à morte de dois de seus pacientes e, ele questionava o porquê da morte destes indivíduos, buscando a causa da morte deles:

Teve uma época que morreu os dois primeiros pacientes de Dr. Hélio Carlos que também trabalhava lá (...). Urologia, os dois pacientes dele que morreu era do Funrural e ele passou três dias. (...). As enfermeiras ligando de hora em hora pra dizer o quadro Clínico dos dois pacientes. (...) Muito humanos. Isso aí eu não esqueço nunca,

---

<sup>186</sup>Idem.

<sup>187</sup>Depoimento de Rosicléa.

porque na época (... )era professor de lá e quando ele morreu, quando eles morreram, morreram diferença de horas de um pra outro, eu senti tristeza dele ter perdido aqueles dois pacientes. (...) Achei muito bonito, sabe. (...) Não atendeu naquela tarde e foi daí que eu comecei a gostar de música clássica, porque ele ficou assim se perguntando em que foi que eu errei. Mas não errou, chegou o momento né. Foi cirurgia complicada, mas assim, eu achei muito bonito da parte dele, aquele sentimento de perda, de que foi que eu errei. (...) Hoje tem ainda da pessoa sentir, mas é um sentimento assim, mais sei lá, friamente<sup>188</sup>.

Analisando o depoimento acima refletimos sobre a falta de comunicação dos médicos para com os seus pacientes na nossa sociedade atual. Todavia, na década de 70, alguns médicos como o Dr. Hélio Carlos, interrompia seu trabalho para conversar com seus pacientes e perguntar sobre a saúde dos mesmos, algo que não presenciemos quatro décadas depois, provavelmente isso tenha ocorrido devido à correria dos profissionais desta área, que muitas vezes, tem que cumprir plantões em mais de um hospital e, dessa maneira, a pressa do mundo moderno tem diminuído as relações entre os indivíduos, deixando os sujeitos cada vez mais distantes uns dos outros.

Outro ponto, que vale ressaltar no relato de Rosicléa se refere à sensibilidade que o médico, no caso Dr. Hélio, apresentou com a perda de seus pacientes, e como esse fato marcou a vida da entrevistada, chegando ao ponto da mesma sentir tristeza pela morte de pessoas que ela nem conhecia. Esse fato teve um significado tão relevante para essa funcionária, que após o ocorrido Rosicléa passou a escutar música clássica. Provavelmente para lembrar a humanização, o sentimento e o ato daquele indivíduo, que cancelou tudo que tinha para fazer naquele dia por causa da morte de seus pacientes. Neste sentido, possivelmente o médico tenha se tornado muito próximo de seus pacientes, algo que, na atualidade, não é tão recomendado para quem trabalha na área médica, evitando que o profissional da saúde não venha a sofrer com os freqüentes óbitos que presenciará ao longo de sua carreira médica.

---

<sup>188</sup> Idem.

#### **4.4. É preciso imunizar o corpo infantil: Campanhas de vacinação em prol da saúde da criança**

Através das fotografias produzidas pelo Senhor José da Guia Carneiro, podemos perceber que foram registrados os serviços médicos prestados ao corpo infantil no Hospital da Fundação Assistencial da Paraíba (FAP), dentre os serviços eram realizadas vacinações e atendimentos às gestantes, pois as fotografias possibilitam leituras que nos fazem interpretar que o fotógrafo desejava registrar os serviços proporcionados pelos médicos e enfermeiros, além de alunos estagiários que prestavam atendimento no Hospital da FAP, principalmente às crianças, no setor da Pediatria. Observamos ainda, o contexto em que se apresentavam as décadas de 60 e 70, época em que existiam diversas campanhas de vacinação para curar determinadas doenças que atingiam o corpo infantil, tais como a paralisia infantil, a varíola, febre tifóide, sarampo e a meningite.

Na década de 60 era notável a preocupação dos médicos e do governo brasileiro na saúde das crianças. Em Campina Grande ocorreu em 1964 a Primeira Semana de Pediatria, espaço urbano que durante o evento ainda não havia uma Faculdade de Medicina. Com isso, notamos que a intenção de realizar este encontro de Pediatria na “Rainha da Borborema”, onde poderia se reunir médicos de vários lugares do Brasil e, dessa maneira, os esculápios locais poderiam exibir que estaria no momento de ser instalada em Campina Grande uma Faculdade de Medicina.

Nos relatórios médicos do arquivo da Faculdade de Medicina, percebemos que este evento ocorreu no período das comemorações do Centenário de Campina Grande. Nele destinava a discutir as patologias que atingiam o corpo infantil na época, doenças como anemia, hepatite, leucemia, diarreia, entre outras enfermidades<sup>189</sup>. As palestras deste evento foram realizadas pelos médicos que faziam parte da Sociedade Médica da cidade, alguns deles envolvidos na criação da Faculdade de Medicina, como o Dr. Raul Dantas e outros médicos de outras localidades. Nesta perspectiva, notemos

---

<sup>189</sup> Relatório da Semana Nestlé de Pediatria. Participação no I Centenário de Campina Grande, 1964.

que um dos interesses dos médicos locais em realizar a Semana de Pediatria em Campina Grande seria exibir que a cidade apresentava condições para instalar uma Faculdade de Medicina.

Podemos perceber a preocupação dos jornais que circularam em Campina Grande, durante as décadas de 60 e 70, em divulgar que o governo apoiava as campanhas de vacinação e que a meta naquela época era erradicar os surtos epidêmicos que atingiam, principalmente às crianças. Nos jornais enfocavam os descuidos dos pais que não levavam seus filhos para vacinarem, sendo, então os únicos responsáveis pelas patologias que pudessem prejudicar o desenvolvimento da criança.

No relatório referente à Primeira Semana Nestlé de Atualização em Pediatria ficamos informados da importância que apresentava este evento na cartografia campinense, não apenas para expor o suporte dos médicos existentes, mas também enfatizar que com os conhecimentos adquiridos por esses profissionais da saúde, estes poderiam “salvar a vida de crianças e orientar os pais”, ajudando, desse modo, “na luta contra a doença”, ajudando “o Brasil a ter homens sadios e fortes, capazes de levá-lo ao seu verdadeiro destino”,<sup>190</sup> o qual seria o progresso da Nação, alcançado através da mão-de-obra dos indivíduos fortes e sadios, sem patologias que atingissem seus corpos, aumentando, concomitantemente a lucratividade e o desenvolvimento do Brasil.

Na campanha de vacinação realizada em 1968 em Campina Grande, em uma das matérias do Jornal Diário da Borborema, que abordou sobre o assunto, chamou a atenção dos pais para levarem seus filhos para serem vacinados, pois os progenitores eram considerados como criminosos por não cuidarem da saúde de seus filhos, tendo em vista que na época já existia vacinação para imunizar a criança de algumas patologias, como a paralisia infantil, coqueluche, varíola, tétano e difteria, e caberia aos pais a responsabilidade de levar o corpo infantil para ser imunizado<sup>191</sup>.

Nesta época, a Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, coordenada pelo médico Manoel Alceu Gaudêncio, liderava as campanhas de vacinação nas cidades em que os surtos epidêmicos de varíola eram elevados, a exemplo

---

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> “O CRIME DOS PAIS”. **Diário da Borborema**. 20 de Ago. de 1968.

da cidade de Campina Grande e de outros centros urbanos próximos à “Rainha da Borborema”. Em Campina Grande, a campanha de vacinação para erradicar os surtos de varíola foi administrada pelo médico sanitarista Elias Mourão, o qual enfatizou, em uma das reportagens do Diário da Borborema, a suposta causa das pessoas evitarem ser vacinadas. Sobre isso, o Jornal narrou o seguinte: “Declarou o médico Elias Mourão que ao fiscalizar os postos fixos tomou conhecimento de que alguns negavam tomar a vacina por medo de um boato, ‘dizendo que essa vacinação era pra evitar que se tivessem filhos’”.<sup>192</sup>

Dessa maneira, notamos que não apenas durante o início do século XX ocorriam boatos que prejudicavam o desenrolar das campanhas de vacinação, pois isso ainda era freqüente em plena década de 60. Com isso, percebe-se que a mentalidade das pessoas, inclusive de Campina Grande, ainda estava enraizada nas crendices de outras épocas.

Na década de 70, as campanhas de vacinação continuaram na cidade, e o Hospital da FAP era um dos locais onde os pais deveriam se deslocar para vacinar seus filhos. Como podemos observar na fotografia abaixo, uma criança chorando, no momento em que é injetada a agulha no braço, onde a suposta mãe segurava o filho para que a enfermeira aplicasse a dose da vacina, e do outro lado, uma garota, que provavelmente, seja uma acompanhante da mulher que segura o bebê. Desse modo, nota-se que a intenção do fotógrafo, possivelmente, foi a de registrar o momento em que a criança era vacinada, à qual estaria imunizada contra determinadas enfermidades que pudessem atingir o seu corpo.

---

<sup>192</sup> “Vacinação contra a varíola começou ontem”. **Diário da Borborema**. 25 de Jul. de 1967.



**Fig. 15.** Criança sendo vacinada nos estabelecimentos do Hospital da FAP em 1976.  
**Fonte:** Arquivo do funcionário José da Guia Carneiro.

#### 4.4.1. Injetando a agulha no braço: vacina contra varíola

Durante a década de 60, os jornais da cidade de Campina Grande, publicavam diversas matérias sobre as campanhas de vacinação contra a varíola, campanha que vinha sendo desenvolvida em todo o Brasil para combater esta moléstia. A vacina contra a varíola era realizada através de uma pistola que era aplicada no braço das pessoas para serem imunizadas desta doença. Na época em que o prefeito da cidade de Campina Grande era Williams Arruda (1964-1969), o Jornal Diário da Borborema publicou que algumas pessoas recusavam se vacinar contra a varíola<sup>193</sup>, em plena década de 60, mais de 50 anos após a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro, pois acreditavam que esta vacina fazia com que o indivíduo não conseguisse ter filhos. Com isso, é perceptível que uma parte da população ignorava a vacinação, acreditando que essas campanhas eram destinadas para outros fins que não era o de imunizar a varíola. Esse boato, possivelmente tenha ocorrido porque durante o governo militar, os presidentes apoiavam a Campanha

<sup>193</sup> “Vacinação contra a varíola começou ontem”. **Diário da Borborema**. 25 de Jul. de 1967.



Nacional de Controle à Natalidade e, então as pessoas desconfiavam que a vacina fosse uma das estratégias do regime para controlar a natalidade no país, pois algumas indivíduos acreditavam que ao invés da vacina prevenir doenças, ela evitava que o indivíduo procriasse filhos, porém isso era apenas boatos. Tanto é que em 1973, a música “Pare de tomar a pílula” de autoria de Odair José foi censurada pelo Regime Militar<sup>194</sup>, pois incentivava a mulher a não usar a pílula anticoncepcional, o que vinha contrapor com as intencionalidades deste regime político.

Segundo Tânia Maria Fernandes (2004) desde a década de 20 do século passado já era produzida a vacina contra a varíola na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro e para aperfeiçoar ainda mais a qualidade desta vacina foi criado nesta instituição carioca “um laboratório de referência para o diagnóstico da varíola”<sup>195</sup>.

Na década de 60, conforme Fernandes mais especificamente em 1966 foi criada a CVE (Campanha de Erradicação da Varíola no Brasil), um ano anterior ao lançamento do programa promovido pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que pretendia erradicar a varíola em nível mundial. De acordo com Fernandes (2004) “este pensamento que orientou a campanha de erradicação da varíola, ao menos no Brasil, era bastante diferente daquele encaminhado por Oswaldo Cruz, no início do século, visto que “a nova campanha associava conscientização à obrigatoriedade, na medida em que o certificado de vacinação era exigido em várias circunstâncias, como ingresso em escolas, empregos públicos, viagens internacionais”. Dessa forma, as pessoas que desejassem viajar para outros países na década de 60, ou estudar deveriam comprovar que tinham sido vacinadas contra a varíola, caso contrário eram impedidas de realizar tais atos<sup>196</sup>.

No que se refere ao combate da varíola em terras paraibanas, este não se restringia apenas à Campina Grande, mas também às cidades circunvizinhas, como Fagundes, Queimadas, Serra Redonda, Puxinanã, que

---

<sup>194</sup> O texto “A censura é brega” de autoria de Sílvio Anaz, referente à música de Odair José vetada durante o Regime Militar encontra-se disponível em: [guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/censura-brega-434196.shtml](http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/censura-brega-434196.shtml). Acesso em 20 de Fevereiro de 2012.

<sup>195</sup>FERNANDES, Tânia Maria. Varíola: Doença e erradicação. In NASCIMENTO, Dilene, Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.223.

<sup>196</sup> Idem, p.225.

apresentavam alguns surtos desta patologia<sup>197</sup>. A epidemia de varíola que atingiu a cidade de Juarez Távora em 1967 amedrontou os habitantes da cidade de Campina Grande, pois no corpo urbano de Campina Grande já havia alguns casos da doença e que poderia se alastrar ainda mais naquela cartografia, como foi noticiado no jornal<sup>198</sup>:

A população campinense deve prestigiar a campanha contra a varíola que será deflagrada a partir das treze horas de amanhã, através de vinte e um postos fixos, instalados em diferentes locais. Vinte e seis casos de “bexiga” já foram localizados na cidade de JUAREZ TÁVORA e três em Campina Grande<sup>199</sup>.

É notória a participação dos jornais locais na cobertura das campanhas de vacinação realizadas em Campina Grande na década de 60, sempre informando ao leitor, que tinha acesso a esse meio de comunicação, os dias e as prorrogações da vacinação. No entanto, devemos observar que quem tinha acesso aos jornais, naquela época, era a elite letrada campinense e, dessa maneira, a camada menos privilegiada ficava sendo informada pelos boatos que rondavam naquela cartografia urbana e, mesmo assim, nem sempre freqüentavam os postos de vacinação, pois muitos recusavam levar seus filhos para se vacinar, acreditando que a vacinação não impedia que as crianças contraíssem a doença.

A campanha de vacinação em Campina Grande não se deteve apenas ao centro da cidade, mas também em seus subúrbios e escolas primárias, para que o número de pessoas vacinadas chegasse a uma quantidade satisfatória. Para isso, os profissionais da saúde realizavam a campanha tanto na zona urbana como também na zona rural. Além de Campina Grande, outras cidades circunvizinhas foram incluídas na campanha, como Alagoa Grande, Massaranduba e Guinhém, onde foram encontrados casos de varíola<sup>200</sup>.

Até ontem os médicos sanitaristas do ministério da Saúde ora e Campina Grande coordenando a Campanha de Erradicação de

---

<sup>197</sup> “Vacinação em massa contra a varíola no Estado da Paraíba”. **Diário da Borborema**. 10 de Out. de 1967.

<sup>198</sup> “Epidemia de varíola em Juarez Távora deixa população campinense apreensiva”. **Diário da Borborema**. 20 de Jul. de 1967.

<sup>199</sup> “Campanha contra varíola começa amanhã”. **Diário da Borborema**. 27 de Jul. de 1967.

<sup>200</sup> “Cem mil campinenses vacinados contra varíola”. **Diário da Borborema**. 30 de Jul de 1967.

Variola haviam localizado quinze casos gravíssimos de “bexiga” verdadeira nos bairros e no Centro de C. Grande. Ciente de sete casos de variola no bairro de Monte Santo desta cidade, o dr. Elias Mourão deslocou de alguns vacinadores aquele local, onde vêm procedendo a vacinação de casa em casa, já que a população se nega de comparecer aos postos fixos, tentando evitar, com antecedência, uma possível epidemia dessa terrível doença<sup>201</sup>.

É de se estranhar que em plena década de 60 ainda os profissionais da saúde tenham que ir às residências para vacinar a população que não procuravam os serviços de vacinação para se imunizar. Essa resistência, por parte dos pais, provavelmente, tenha ocorrido pelas desconfianças que a população tinha quando se referia ao governo militar, acreditando que esse regime incentivava o controle da natalidade e os boatos que se difundiam naquela época era que a vacina era destinada para controlar a taxa de natalidade e não para combater alguma patologia.

Não apenas as cidades paraibanas foram palco da campanha de vacinação contra a variola durante a década de 60, pois esta foi realizada em todo o território nacional, contando com o apoio dos Governos Estaduais e Municipais. No Estado da Paraíba, as primeiras cidades a serem promovidas na campanha foram João Pessoa, Guarabira e Campina Grande. Além disso, muitas residências foram visitadas pelos profissionais da saúde para vacinar aquelas pessoas que não procuravam os postos de vacinação<sup>202</sup>. Os postos de vacinação se concentravam “no Batalhão do Exército, Posto de Puericultura da Bela Vista, Centro de Saúde, IPASE, Correios e Telégrafos, Posto de Enfermagem, Ambulatório de Bodocongó, Grupo Escolar do Catolé, Posto de Puericultura de José Pinheiro e Quarenta, Grupo Escolar do Tambor, Posto de Puericultura da Palmeira e Pronto Socorro”<sup>203</sup>.

Percebemos que durante estas campanhas de vacinação contra a variola foram destinados vários postos de vacinação em diversos locais para atrair a população e, ainda assim muitas pessoas não compareciam nem levavam os seus filhos para se vacinarem. No entanto, mesmo com tantas campanhas de vacinação contra a variola na década de 60, apenas em 1971

---

<sup>201</sup>“Quinze casos de variola registram-se em CG”. **Diário da Borborema**. 4 de Ago. de 1967.

<sup>202</sup>“Campanha contra variola começará amanhã em Campina”. **Diário da Borborema**. 14 de Fev. de 1965.

<sup>203</sup>“Vacinadas mais de trinta mil pessoas contra variola”. **Diário da Borborema**. 18 de Mar. de 1965.

esta patologia foi erradicada no Brasil, conforme Tânia Maria Fernandes (2004), sendo o “último país a erradicá-la na América”<sup>204</sup>.

Devemos observar que a resistência dos pais em levar seus filhos aos postos de vacinação tenha ocorrido devido à preocupação que eles tinham para com suas crianças, pois optavam por não vacinar esses indivíduos, pensando que a própria vacina poderia alterar a saúde deles, visto que havia muitos boatos sobre a vacina, que fazia com que os pais desconfiassem dos efeitos da vacinação.

#### 4.4.2. “Uma gota, duas doses”: Crianças livres da paralisia infantil

Também em 1967 foi realizada na “Rainha da Borborema” a campanha de vacinação para combater a paralisia infantil no município, comandada pelo secretário de Saúde do Estado o médico Manoel Alceu Gaudêncio, foram instalados pontos de vacinação no Centro de saúde, às margens do açude Velho. Diferentemente, da vacina contra a varíola que era realizada com pistola no braço do indivíduo, a vacina contra a paralisia infantil era feita por via oral através de gotinhas que imunizavam as crianças desta patologia.

Essa doença foi enfatizada no trabalho de Dilene Raimundo do Nascimento (2004), o qual enfatiza que a poliomielite era transmitida “pela via fecal-oral, isto é, transmissão através da água ou de produtos contaminados por fezes e ingeridos pela boca” e que seu vírus “se multiplicava no trato gastrintestinal”, ou seja, afetava o estômago e o intestino e poderia causar paralisia no corpo da criança ou deixá-lo deformado<sup>205</sup>.

As crianças que eram vacinadas, entre quatro meses e seis anos de idade, recebiam a primeira dosagem com duas gotas, no entanto, se fosse o caso de segunda vacinação seria fornecida à criança apenas uma dose. Em

---

<sup>204</sup>FERNANDES, Tânia Maria. Varíola: Doença e erradicação. In :NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.221.

<sup>205</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. MARANHÃO, Eduardo Ponce. “Uma gota, duas doses; Criança sadia, sem paralisia”. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.230.

uma das matérias do jornal *Diário da Borborema*, o secretário Manoel Alceu Gaudêncio informou que daria assistência à Saúde Pública da cidade de Campina Grande, acrescentando ainda que além da campanha anti-pólio, outras campanhas de vacinação seriam realizadas na cidade, tais como a anti-tifóide e a anti-variólica<sup>206</sup>. Por que tantas campanhas de vacinação na década de 60? Provavelmente porque os médicos, juntamente com o governo Estadual e o governo brasileiro quisessem divulgar que as crianças do país estavam imunes das patologias que pudessem prejudicar o desenvolvimento do corpo infantil, uma vez que as crianças seriam os futuros adultos, os quais fortes e saudáveis levariam o Brasil ao desenvolvimento.

Além de Campina Grande, as cidades circunvizinhas, dentre elas Queimadas, também foram palco da campanha de vacinação contra a paralisia infantil em 1967 em que a vacinação foi distribuída pela Secretaria de Saúde do Estado, na pessoa do médico Manoel Alceu Gaudêncio, o qual forneceu para Campina Grande, inicialmente seis mil doses. Esta vacina denominada de “Sabin” é feita via oral e estava direcionada para as crianças de quatro meses até seis anos de idade.<sup>207</sup> Nascimento (2004) menciona que no ano de 1961 o a Campanha contra a paralisia infantil, realizada inicialmente no Rio de Janeiro, apresentou como lema “Uma gota, duas doses: uma criança sadia, livre da paralisia”, com intuito de imunizar diversas crianças. Depois a campanha se expandiu para outras cidades brasileiras<sup>208</sup>. Para Dilene Raimundo do Nascimento:

O interesse do governo militar em implementar políticas sociais, uma nova equipe no Ministério da Saúde, constituída principalmente por epidemiologistas, as epidemias de poliomielite no sul do país e a existência de tecnologias para o controle da doença foram ingredientes favoráveis à decisão de se enfrentar a poliomielite no país<sup>209</sup>.

Neste sentido, as pesquisas realizadas em laboratórios para produzir vacinas e o auxílio das novas tecnologias possibilitaram ao governo militar,

<sup>206</sup> “Campanha anti-pólio em Campina Grande”. *Diário da Borborema*. 6 de jun. de 1967.

<sup>207</sup> “Iniciada campanha contra paralisia infantil”. *Diário da Borborema*. 13 de Jun. de 1967.

<sup>208</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. MARANHÃO, Eduardo Ponce. “Uma gota, duas doses; Criança sadia, sem paralisia”. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.233.

<sup>209</sup> Idem, p.237.

juntamente com as secretárias dos Estados brasileiros em controlar a paralisia infantil no país, à qual teve na cidade de Sousa, na Paraíba, o último isolamento do poliovírus<sup>210</sup>.

Durante a década de 60, ocorreram palestras no Hospital Alcides Carneiro (IPASE) sobre determinadas doenças, dentre elas a paralisia infantil, enfocando sobre como evitar esta doença através da vacina Sabin, descoberta pelo cientista polonês Albert Sabin, que combate a paralisia infantil. Dentre os médicos que estavam envolvidos destaca-se o Dr. Djalma Barbosa, o pediatra do IPASE de grande renome na área médica de Campina Grande<sup>211</sup>.

Para Nascimento (2004) no decorrer da segunda metade do século XX, mais especificamente na década de 60, o auxílio de novas tecnologias, tais como vacinas, “diagnóstico laboratorial e vigilância epidemiológica possibilitaram a implementação de atividades de saúde pública voltadas para o seu controle”<sup>212</sup> e, assim a poliomielite no Brasil pôde ser combatida.

A técnica de diagnóstico do vírus, realizada em laboratórios, apresentou um papel essencial no que se refere ao controle da poliomielite no Brasil. Conforme Dilene R. do Nascimento os laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz e do Bio-Manguinhos foram fundamentais para diagnosticar o poliovírus e aperfeiçoar a vacina antipólio oral<sup>213</sup>.

Nas matérias dos jornais analisados que trataram sobre as campanhas de vacinação contra a paralisia infantil, nota-se o quanto estas foram divulgadas por esse meio de comunicação, como o jornal Diário da Borborema que expunha matérias que enfatizavam sobre a vacinação em datas anteriores e posteriores da mesma, informando, principalmente, a elite para se deslocarem aos postos de vacinação.

Outra vacina que vale ressaltar foi a vacina tríplice, à qual prevenia o indivíduo contra o tétano, coqueluche e difteria, e era aplicada nas crianças, cujas idades eram compreendidas entre os três meses e os sete anos de

---

<sup>210</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. MARANHÃO, Eduardo Ponce. “Uma gota, duas doses; Criança sadia, sem paralisia”. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.239.

<sup>211</sup> “Poliomielite e vacina Sabin é tema da Palestra no IPASE”. **Diário da Borborema**. 11 de Ago. de 1967.

<sup>212</sup> NASCIMENTO Dilene Raimundo. MARANHÃO, Eduardo Ponce. “Uma gota, duas doses; Criança sadia, sem paralisia”. In: NASCIMENTO, Dilene, Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.231.

<sup>213</sup> Idem, p. 233.

idade. A campanha realizada em Campina Grande em 1968 ocorreu em diversos bairros da cidade, como José Pinheiro, São José, Liberdade, Catolé, Bela Vista, Centenário, e Jeremias, no Centro de Saúde Pública, localizado às margens do Açude Velho<sup>214</sup>.

A ampliação de postos de saúde na cidade de Campina Grande, como a expansão para os vários bairros foi planejado pela Secretaria de Saúde da época para que a grande maioria da população campinense pudesse levar seus filhos para serem imunizados contra a paralisia infantil.

Outra preocupação do Diretor do Centro de Saúde de Campina Grande, João Vasconcelos, era com os surtos da febre tifóide, à qual foi tema de matérias do Jornal Diário da Borborema de 1967, o qual enfatizou sobre os cuidados que a população de Campina Grande deveria ter com a febre tifóide, doença que vinha se alastrando na cidade. O jornal enfocou, ainda, que a causa do surto de tifo estaria relacionado ao aumento da população e aos problemas da saúde pública brasileira. Conforme o jornal o problema da saúde pública em Campina Grande, devia-se à falta de amparo do governo e o desinteresse da população das medidas saneadoras. Nesta mesma matéria, o jornal chama a atenção para o número insignificante de pessoas que procuravam o posto de saúde para vacinar as crianças contra a poliomielite ou paralisia infantil, enfatizando que uma criança portadora da paralisia infantil, pode tornar-se um indivíduo defeituoso para sempre<sup>215</sup>.

Neste sentido, mesmo com toda divulgação dos meios de comunicação sobre as campanhas de vacinação, ainda assim era pequeno o número de pais que procuravam os postos de vacinação para imunizar as crianças contra a poliomielite. Porém, devemos ter em mente que os mais populares não tinham tanto acesso a esses meios de informação, o que fazia com que eles continuassem sendo ignorantes no que se refere aos benefícios que a vacina proporcionava ao indivíduo, prevenindo os corpos dos sujeitos de determinadas patologias.

Como já foi abordado, neste capítulo, além da paralisia infantil, da varíola, outras doenças atingiram a população de Campina Grande, como a

---

<sup>214</sup>“Campanha da vacina Tríplice prossegue em CG até o dia 31”. **Diário da Borborema**. 8 de Mai. de 1968.

<sup>215</sup>“Médico denuncia inúmeros casos de tifo”. **Diário da Borborema**. 20 de Jun. de 1967.

febre tifóide e a hepatite. De acordo com o diretor do Centro de Saúde de Campina Grande o Dr. João Vasconcelos, durante a realização da campanha contra a febre tifóide em 1967, uma das causas deste surto seria as fossas abertas e águas estagnadas, às quais prejudicavam a saúde da população campinense, elevando o número de casos de febre tifóide. Segundo o Diretor do Centro de Saúde, a única solução seria que o povo cumprisse com a orientação e comparecessem ao Centro de vacinação para serem imunizados, evitando, dessa forma, o aumento nos casos de tifo na cidade.

Além desta patologia, a presença de alguns casos de hepatite, amedrontava os campinenses e, com isso, o Diretor do Centro de Saúde de Campina Grande, João Vasconcelos, recomendava que as pessoas tivessem cuidado ao utilizarem seringas para injeção muscular, além da precaução em ingerir frutas e verduras, tendo uma maior higiene com relação a esses alimentos.<sup>216</sup> Além disso, na capital paraibana, João Pessoa, na mesma época vinha ocorrendo uma epidemia de hepatite que atingia principalmente a população infantil que residiam nos bairros mais pobres daquela cidade<sup>217</sup>.

Dessa forma, notemos que nesta matéria do jornal foram apontadas a profilaxia da hepatite, enfatizando como a população deveria se prevenir desta moléstia que vinha aterrorizando a população de Campina Grande, mesmo não tendo chegado ainda nesta cartografia, entretanto os médicos informavam aos campinenses para se prevenirem, caso essa patologia atingisse a cidade.

Outra doença freqüente, na década de 60, em Campina Grande era a meningite, que atingia principalmente as crianças, considerada como uma patologia causada por um vírus infecto-contagioso, os médicos acreditavam que estava ocorrendo alguns casos desta enfermidade neste centro urbano, devido aos problemas relacionados aos “buracos abertos nos calçamentos para o abastecimento na cidade”. Sobre estes casos de meningite e de outras doenças em Campina Grande, o Jornal Diário da Borborema enfatizou o seguinte:

Conhecido médico campinense disse, ontem, à reportagem, que além de meningite, estão ocorrendo, em grande escala, nos últimos meses, casos de hepatite, febre tifóide, varíola e sarampo. Revelou a mesma fonte informativa que Campina Grande está ameaçada de moléstias

---

<sup>216</sup> “Médico denuncia inúmeros casos de tifo”. **Diário da Borborema**. 20 de Jun. de 1967.

<sup>217</sup> “Hepatite já é epidemia na capital paraibana”. **Diário da Borborema**. 8 de Jul. de 1967.



contagiosas geradas pela proliferação de águas podres e contaminadas por vírus das mais diversas categorias<sup>218</sup>.

Vale ressaltar que não foi informado o nome do médico que teria dito que a cidade de Campina Grande estava sendo espaço de vários casos de enfermidades que, possivelmente, ocorria devido ao acúmulo de águas sujas nas ruas desta cartografia urbana.

Portanto, o corpo da “Rainha da Borborema” e de seus habitantes foram diagnosticados nas décadas de 60 e 70, tentando retirar as patologias que atingiam os sujeitos campinenses e para isso, os corpos deles tiveram que ser cada vez mais estudados, e, isso tornou-se possível, com a ajuda de microscópios e da tecnologia para detectar os seres invisíveis que se alojavam no corpo humano. Além dos laboratórios, a exemplo o de Anatomia da Faculdade de Medicina de Campina Grande, o qual possibilitou, ainda mais, o estudo das partes e órgãos que constituíam o corpo humano.

Além disso, os médicos puderam desenvolver pesquisas para aprofundamento das causas e profilaxias das doenças, prevenindo a população das moléstias através de vacinas, às quais tiveram um papel fundamental na erradicação de algumas patologias e que incluíram o corpo infantil também como alvo das políticas de saúde nas décadas de 60 e 70 para que a Nação continuasse a formar seres sadios e não defeituosos, e com isso, não continuassem sendo vítimas da paralisia infantil ou das cicatrizes deixadas pela varíola.

---

<sup>218</sup> “Meningite mata quatro crianças numa semana”. **Diário da Borborema**. 15 de Abr. de 1967.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, observamos que a Faculdade de Medicina, nas décadas de 60 e 70, prestava serviço gratuito para a população campinense através do *chez moi*, vimos ainda que as práticas médicas laboratoriais foram de extrema importância para o conhecimento da Medicina na cidade. Vimos, ainda que, mesmo a maioria dos sujeitos que teve acesso ao ensino médico naquela época era pertencente à elite, contudo ocorreram exceções, como o próprio médico Dr. Fernando Antônio Queiroga, o qual bolsista conseguiu concluir o curso de Medicina durante a década de 70.

Acreditamos que a Faculdade de Medicina, mesmo servindo a uma parcela da sociedade, representou mudanças de sensibilidade, mutações sobre o corpo do indivíduo, incentivando o sujeito a se prevenir das patologias, como também a cuidar da saúde do seu próprio corpo.

Passadas um pouco mais de quatro décadas da sua instalação na “Rainha da Borborema”, presenciamos ainda tantos problemas relacionados à saúde, pois lembramos a quantidade de médicos que trabalham em diversos empregos e que reivindicam melhores salários, paralisando suas atividades, o que ocasiona, muitas vezes, em mortes de alguns pacientes, os quais nem sempre tem um atendimento médico adequado, principalmente quando o serviço é público.

Vale ressaltar que as doenças que foram debatidas nas décadas de 60 e 70, algumas foram erradicadas como a varíola, outras conseguiram a sua cura através de vacinas e de remédios que as combatem, como a tuberculose, que ainda amedronta a sociedade, à qual foi passada de geração para geração como a “doença perigosa”. No entanto, novas patologias foram descobertas e algumas não foram encontradas a cura, como é o caso do Câncer e da AIDS. Entretanto, na atualidade os meios de comunicação têm informado a população como recorrer ao tratamento destas patologias, passando o doente a conviver com a enfermidade, fazendo o tratamento e prolongando os seus dias de vida.

O Hospital da FAP que era o Hospital-Escola da Faculdade de Medicina nas décadas e 60 e 70, atualmente é um hospital de referência no tratamento do câncer, patrocinado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), enquanto que naquela época era referência em várias especialidades, principalmente a Pediatria. Este hospital ainda atrai muitos pacientes de outras cidades e até de outros Estados. Porém, após a transferência do Hospital-Escola para o Hospital Alcides Carneiro, o Hospital da FAP passou a ser referência no tratamento do Câncer, patologia que continua a matar milhares de pessoas por ano.

A partir das entrevistas, ficou evidente que a grande maioria dos entrevistados questiona a não continuidade do Hospital da FAP em ser o Hospital-Escola da Faculdade de Medicina, o qual na atualidade é o Hospital Universitário Alcides Carneiro, o antigo IPASE. Ressaltamos, ainda, a importância do Hospital da FAP, como espaço da prática médica, onde os alunos do curso de Medicina davam continuidade aos seus conhecimentos adquiridos em salas de aulas, aplicando vacinações, atendendo às gestantes e aos demais pacientes portadores das diversas patologias.

Outro ponto que vale destacar, se refere às ervas medicinais, às quais continuam sendo indicadas no tratamento de doenças, sendo que agora utilizada de maneira mais livre, pois pesquisas são desenvolvidas para comprovar a eficácia das plantas medicinais, distinta nas décadas de 60 e 70 que não havia incentivo ao estudo destas plantas na cura de doenças. No entanto, na atualidade destacam-se a acupuntura, Homeopatia e a Medicina Alternativa, em, que essas outras maneiras de curar determinadas patologias têm se misturado no campo da ciência médica.

Vale salientar, que mesmo a elite sendo maioria no ensino médico, os alunos que estudaram nesta instituição ajudaram, de uma forma ou de outra, a curar e a divulgar a prevenção de doenças, salvando vidas, auxiliando no desenvolvimento da cidade, se referindo àqueles que passaram a atuar nesta cartografia. Porém, os que vieram de outras localidades, como do Sertão da Paraíba e de outros Estados, os que não permaneceram em Campina Grande, voltaram para exercer como médicos em suas cidades de origem, ou em outros centros urbanos.

Campina Grande nas décadas de 60 e 70 já atraía com seu potencial educacional, características que continua presente na cidade interiorana,

atraindo pessoas de diversos lugares, devido ao seu suporte educacional e tecnológico, principalmente através de suas universidades, como a Universidade Federal de Campina Grande, à qual exporta softwares para outros países.

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que no mundo tecnológico que vivemos em nossa sociedade contemporânea não há como o médico atual trabalhar sem o auxílio da tecnologia. Todavia, as relações entre médico e paciente, realmente, tem se distanciado cada vez mais, porém acreditamos que essas novas tecnologias possam auxiliar o conhecimento médico, mas não substituir esse profissional.

O número de médicos aumentou, no entanto, a procura nos pontos de atendimento também cresceu, pois as pessoas passaram a se prevenir e a cuidar mais do próprio corpo. Dessa forma, aumentou também as filas nos hospitais que têm convênio pelo SUS (Sistema Único de Saúde), considerando que as pessoas que não usufrui de um plano de saúde, permanecem enfrentando enormes filas para serem atendidas, ou muitas vezes, acabam morrendo nos corredores dos hospitais por não conseguir um atendimento adequado, pois há poucos leitos para concentrar muitas pessoas. Outro problema na área da saúde são os freqüentes erros médicos, pois como é uma profissão que dar lucro, muitos estudantes cursam não pela vocação, mas por acreditar que conseguirão ascender financeiramente, e isso acaba formando médicos que trabalham não por gostar do que faz, mas pelo salário que poderá receber, e desse modo, alguns médicos negligentes acabam matando muitos indivíduos ao invés de salvá-los.

A Faculdade de Medicina nas décadas de 60 e 70 era uma instituição reconhecida, que modificou o cotidiano de algumas pessoas da cidade, às quais tentavam passar no vestibular para cursar Medicina, mas, nem sempre eram os campinenses que conseguiam ingressar neste curso, como observamos a grande maioria, mais da metade era composta de alunos oriundos de outros centros, o que continua a ocorrer na atualidade na Faculdade de Medicina de Campina Grande, com sua concorrência elevadíssima a cada ano, continuando a ser um curso elitista.

Assim sendo, a partir da década de 60, a cidade de Campina Grande passou a se destacar, ainda mais, como urbe que seguia os padrões modernos

de civilização, principalmente no que se refere aos aspectos relacionados à educação e à saúde, pois os habitantes passaram a contar com uma instituição direcionada especificamente para o ensino e pesquisa da saúde, além de hospitais que aprimoraram o conhecimento da Medicina nesta cartografia urbana.

Além da Faculdade de Medicina instalada nesta cartografia urbana na década de 60, novos espaços relacionados à saúde foram sendo construídos, tais como os vários Hospitais que concentram nesta urbe, tal como o Hospital da FAP, Alcides Carneiro, Antonio Targino e o Hospital da CLIPSI além de clínicas particulares que continuam atraindo um elevado contingente de pacientes para estes espaços de tratamento médico. Espaços esses que serviram e continuam servindo para o aprimoramento do conhecimento da Medicina na cidade de Campina Grande.

Outro ponto que vale ressaltar se refere ao cadáver desconhecido, pois foram inúmeros cadáveres que serviram de estudo nestas quatro décadas da Faculdade de Medicina, os quais tiveram seus corpos abertos e dessecados para estudo da ciência médica, através do Laboratório de Anatomia da instituição, uma vez que com este espaço específico ao estudo das estruturas que compõem o corpo do indivíduo, a “Rainha da Borborema” pôde contar com um espaço de pesquisa que examinasse os diversos órgãos do corpo humano.

Por fim, ao término desta pesquisa, espero ter contribuído com a historiografia local através da história desta instituição e de Campina Grande, enfatizando que as interpretações aqui mencionadas poderão ser questionadas, pois o trabalho histórico pode ser visto por suas várias possibilidades de leituras, expomos a nossa nesta pesquisa, que outras possam vir para aprimorar as nossas reflexões e interpretações dando um maior aprofundamento nas décadas de 60 e 70 na cidade de Campina Grande, épocas essas que são pouco trabalhadas na história local, sendo escassos os trabalhos neste período. Sem contar a história da Medicina campinense, neste período histórico, o qual o meu trabalho é inédito.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Giscard. **A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina G(g)rande 1877-1935**. Campina Grande-PB: UFCG, 2006.

AGRA DO Ó, Alarcon. “Relatos de males – notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba imperial”. In: AGRA DO Ó et AL. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. João Pessoa: Idéia, 2003.

ALMEIDA, Marta de. “Tempo de laboratórios, mosquitos e seres invisíveis: As experiências sobre a febre amarela em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et al.(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

ARANHA, Gervácio. “Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925) “. In: AGRA DO Ó *et all*. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. João Pessoa: Idéia, 2003.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PISKY, Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª. edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. Editora Brazieliense: São Paulo, p.189.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana M. Loratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASILEIRO-SILVA, Antonio Virgílio. O Médico Elpídio de Almeida. In: **Revista do IMIP** (Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Vol.08- N. 01. Jul de 1994.

BUENO, Ronaldo da Rocha Loures. PIERUCCINI, Maria Cristina. **Abertura de Escolas de Medicina no Brasil: Relatório de um cenário sombrio**. Janeiro de 2004. Disponível em [www.amb.or.br](http://www.amb.or.br) Acesso em 27/02/2012.

CERTEAU, Michel de. "Operação historiográfica". In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano – artes de fazer**. 2ª. Edição, Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1990.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHALHOUB, Sidney *et al*(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

CITTADINO, Monique. "A política paraibana e Estado Autoritário (1964-1986)". In: **Estrutura de poder na Paraíba**. Vol.4. João Pessoa. EDUEPB, 1999.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira (org). **500 anos de Educação no Brasil**. 2ª. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERNANDES, Tânia Maria. Varíola: Doença e erradicação. In :NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

FICO, Carlos. **Reiventando o Otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal 4.edição, 1984.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Clínica**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário". In: **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUTEMBERG, Fábio. "Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)". In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol.23, jul-dez, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

LEHMKUHL, Luciene. "Fazer história com imagens". In: PARANHOS, Kátia Rodrigues. LEHMKUHL, Luciene(orgs). **História e imagens: Textos visuais e práticas de leituras**. Campinas, SP: mercado de letras, 2010.

LOPES, Stênio. **Campina: Luzes e Sombras**. Campina Grande: Edição Grafset, 1989.

MACHADO, Roberto. **Danação da Norma**. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

NASCIMENTO, Dilene, Raimundo. MARANHÃO, Eduardo Ponce. "Uma gota, duas doses; Criança sadia, sem paralisia". In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo (org) et al: **História brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.231.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. São Paulo: Oficinas do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NÓBREGA, Humberto. **História da Faculdade de Medicina da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Do Crystal Palace a Paris: a mística do progresso, o culto à máquina e a sedução do novo" In: **Exposições Universais: espetáculos da modernidade no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**. v.27, n.53, Jan-Jun-2007.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: (org) **Sensibilidades na história**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 9-21.

\_\_\_\_\_. **Sensibilidades no Tempo. Tempo das Sensibilidades**. Disponível em <http://nuevomundo.Revues.or/index.229.html>. Acesso em 18/02/2012.

PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral". In: **Projeto História**. São Paulo. 13 de Abril de 1997.

RAMINELLI, Ronald. "História urbana". In: Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo(orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos. A Arte Médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.



QUEIROZ E SILVA, Keila. Sem lenço e sem documento: mulheres de 60, filhas de um novo tempo?. In: **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba.** (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 1999.

ROSA E SILVA, Geraldo J. VALENTE, Arnê de Oliveira. **Estudo da Rêde médico-hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação e Cultura.** Departamento de Imprensa Nacional, 1965.

SÁ, Lenilde Duarte de. “1912: O ano que a peste bubônica atingiu Campina Grande e amedrontou a cidade da Parahyba”. In: **Saeculum- Revista de História.** N. 6/7- Jan/ Dez. 2000/2001.

SÁ, Marisa Braga de. A paisagem recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande.** Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande – Secretaria da Educação, 2000.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra.** O corpo e a cidade na civilização Ocidental. [trad.Marcos Aarão Reis]. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Faculdades de Medicina ou como sanar um país doente. In: **O Espetáculo das Raças.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965).** (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2002.

## FONTES

### 1. Fontes Orais

ARRUDA, Rosicléa Maria Vital. Local: Universidade Federal de Campina Grande. Data: 04 de Novembro de 2011.

ASSIS, Maria José Moreira de. Local: União de Ensino Superior de Campina Grande- UNESC. Data: 20 de Outubro de 2011.

BRAGA, Mary Elisabeth da Silveira Paz. Local: Universidade Federal de Campina Grande. Data: 04 de Novembro de 2011.

CARNEIRO, José da Guia. Local: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande. Datas: 24 de Maio e 14 de Outubro de 2011.

PAULA, Severino Jorge. Local: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande. Data: 26 de Abril de 2011.

SILVA, Maria Lúcia da. Local: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande. Data: 26 de Abril de 2011.

OLIVEIRA, Fernando Antonio Queiroga de. Local: Centro Médico João Silveira. Data: 22 de Fevereiro de 2012.

## **2. Periódicos**

**Diário da Borborema.** Acervo da Biblioteca de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba.

## **3. Fotografias**

15 fotografias do Arquivo de José da Guia Carneiro (Funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande).

## **4. Relatórios**

Relatório da Sociedade Médica de Campina Grande, 1964.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA e GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA


OFÍCIO/PRPG/CH/UFPG Nº 006/2011  
Campina Grande-Pb, 26 de agosto de 2011

Ilmo. Sr.  
**Dr. Paulo Freitas Monteiro**  
Diretor da Faculdade de Medicina da UFCG  
Nesta

Senhor Diretor:

Ao cumprimentamos Vossa Senhoria, solicitamos autorização para que o aluno/pesquisador do mestrado RIDMERINO DE SOUZA ANDRADE, Matrícula Nº 200911229, orientado pela Profª. Drª KEYLA QUEIROZ E SILVA, Professora da UFCG, tenha acesso aos Acervo Histórico desta Faculdade (documentos escritos, livros, fotos, etc...), para que o mesmo possa efetivar pesquisas, entrevistas e anotações referentes ao tema desenvolvido no PPGH- Programa de pós-graduação em História, quando ao término da pesquisa escreverá e defenderá uma Dissertação sobre "FACULDADE DE MEDICINA: MODERNIDADE, TECNOLOGIA E PROGRESSO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE (DÉCADAS DE 1960 E 1970), inclusive entrevistar outros médicos e funcionários de outros setores desta Instituição.

Atenciosamente,

  
**José Arnaldo P. Dantas**  
Secretário do PPGH-CH-UFPG  
Mat. 0267460



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

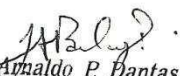
Ilmo. Sr.  
José da Guia Carneiro  
Setor de Apoio Funcional  
Funcionário da Faculdade de Medicina da UFCG  
Nesta

Senhor Técnico Administrativo:

Ao cumprimentamos Vossa Senhoria, solicitamos autorização para que o(a) aluno(a) Regular /pesquisador(a) do mestrado Romerino de Souza Andrade, tenha acesso as informações através de entrevista e outros meios, onde ele(a) possa fazer pesquisas e anotações referentes ao Tema desenvolvido no seu PROJETO de mestrado, intitulado: Faculdade de Medicina: modernidade, progresso e tecnologia na cidade de Campina Grande (1960-1970), sob a Orientação da Profa.Dr<sup>a</sup>.Keila Queiroz .

Campina Grande-Pb, 25 de maio de 2011

Atenciosamente,

  
**José Arnaldo P. Dantas**  
Secretário do PPGH-CH-UFCG  
Mat. 0267460

